



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Comunicação Social

Naiara Silva Evangelo

**“It’s a match! you and Rio have liked each other”:
o Tinder como mediador
de experiências, identidades e imaginários entre estrangeiros e brasileiros
residentes no Rio de Janeiro**

Rio de Janeiro

2018

Naiara Silva Evangelo

“It’s a match! you and Rio have liked each other”: o Tinder como mediador de experiências, identidades e imaginários entre estrangeiros e brasileiros residentes no Rio de Janeiro

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Comunicação Social.

Orientador: Prof. Dr. João Maia

Coorientador: Prof. Dr. Robson da Silva Braga

Rio de Janeiro

2018

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

E92	Evangelo, Naiara Silva. “It’s a match! you and Rio have liked each other”: o Tinder como mediador de experiências, identidades e imaginários entre estrangeiros e brasileiros residentes no Rio de Janeiro / Naiara Silva Evangelo – 2018. 125 f. Orientador: João Maia Coorientador: Robson da Silva Braga Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social. 1. Comunicação Social – Teses. 2. Identidade – Teses. 3. Rio de Janeiro – Teses. 4. Aplicativos móveis – Teses. I. Maia, João. II. Braga, Robson da Silva. III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social. IV. Título. es	CDU 316.77(815.3)
-----	---	-------------------

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Naiara Silva Evangelo

“It’s a match! you and Rio have liked each other”: o Tinder como mediador de experiências, identidades e imaginários entre estrangeiros e brasileiros residentes no Rio de Janeiro

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Comunicação Social.

Aprovada em 28 de Fevereiro de 2018.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. João Maia (Orientador)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Robson da Silva Braga (Coorientador)
Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Fernando Gonçalves
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Profª. Dra. Beatriz Polivanov
Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro

2018

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Maria do Carmo da Silva Evangelo e José Evangelo, que acreditaram na educação como o caminho transformador da nossa família.

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa foi construída por muitas mãos e corações, direta ou indiretamente. Por isso, este espaço de agradecimento não tinha como ser tão pertinente. Agradeço, primeiramente, aos meus pais, que são minha agência de fomento e meu apoio emocional. Eles não só permitiram a minha volta para a universidade, como apoiaram e investiram para que ela fosse possível. Minha mãe, pedagoga, não mediu esforços para isso, e esse legado será repassado e compartilhado. Agradeço aos meus amigos pela compreensão e paciência nesta trajetória de quase quatro anos entre a decisão de tentar o mestrado até a sua conclusão. Beta, Pequena, Pri, Clara, Ju, Anna Paula, vocês foram minha válvula de escape e as minhas parceiras nos momentos de diversão. Agradeço à Pati pela sugestão do Tinder como objeto de estudo, em uma conversa em uma mesa de bar em Botafogo. Sou também extremamente grata aos encontros de afetos suscitados pela academia. Michele, Francine, Dani, Vanessa, Gláucia, Roni, Mônica, obrigada pela parceria e por serem exemplos de pesquisadoras e amigas. Agradeço aos meus companheiros de casa, Francine, Thay e o Tomzinho, por me aguentarem. Vocês vão direto para o céu! Agradeço também aos amigos que vieram somar no meio do caminho, a exemplo do Renan; às minhas companheiras do *ballet* e aos amigos do Agytoe. Aos meus amigos mineiros da infância: Pousinhas, Paul, Thatha (que assistiu à minha qualificação), Ping, Olívia, Lilia, Toca, Lupa, Ana e Bru. Grata pelo carinho constante de tantos anos. Obrigada a todos vocês por trazerem leveza para minha vida! Ao Robson Braga, que confiou e me deu liberdade para criar! Aprendi muito com a sua tranquilidade e com seu posicionamento no mundo acadêmico. Você tem sido uma inspiração de simplicidade e inteligência. Agradeço aos membros do PPGCom/Uerj pela acolhida, que me faz me sentir em casa. Aos membros da minha banca de qualificação, que tanto contribuíram para a evolução desta pesquisa: João Maia, Ricardo Freitas, Beatriz Polivanov e Robson Braga. E agradeço desde já à banca desta dissertação: João, Robson, Beatriz e Fernando Gonçalves. Aos integrantes do CyberCog, grupo de pesquisa do qual faço parte e que me proporcionou desafios na reta final desta trajetória. Agradeço aos colegas pesquisadores pelas contribuições em congressos, simpósios e afins. Agradeço também aos mestres e colegas da UFF que fizeram parte do início da minha trajetória como pesquisadora. E, finalmente, aos membros da Uerj, que me ensinaram na prática o significado de resistência. Muio, muito obrigada!

RESUMO

EVANGELO, Naiara. **“It’s a match! You and Rio have liked each other”**: O Tinder como mediador de experiências, identidades e imaginários entre estrangeiros e brasileiros residentes no Rio de Janeiro. 2018. 125 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

Esta pesquisa explora as experiências de cidade e de sociabilidade de estrangeiros e brasileiros residentes no Rio de Janeiro suscitadas em interações iniciadas no aplicativo de relacionamento Tinder. A partir de observações, experimentações e conversas realizadas em pesquisa etnográfica, o estudo questiona de que modo os estrangeiros têm experimentado o Rio de Janeiro a partir das relações interpessoais que estabelecem com brasileiros no Tinder. Os procedimentos de coletas de dados foram: a) entrevistas com seis usuários estrangeiros do Tinder na cidade do Rio de Janeiro e com seis usuários brasileiros residentes na capital fluminense que interagiram com estrangeiros; b) relato pessoal de experiências no Tinder feito de forma sistematizada com A., mexicano que topou embarcar na pesquisa em sua estadia no Rio de Janeiro; c) uma experimentação de campo em Roma, em que exercitei o lugar de estrangeira nessa experiência; d) observações de perfis de usuários estrangeiros no Tinder; e) e coleta documental de informações sobre o Tinder no site oficial da Plataforma, em matérias da imprensa nacional e internacional e no próprio aplicativo. A pesquisa tem como principais eixos temáticos as identidades e os imaginários sobre a cidade do Rio de Janeiro e sobre os brasileiros, pois foram os elementos percebidos de forma mais latente nas trocas entre os atores sociais da pesquisa. Entre os autores que vão compor o arcabouço teórico estão Stuart Hall, Michel Maffesoli, Erving Goffman, Patrick Legros, Frédéric Monneyron, Jean-Bruno Renard e Patrick Tacussel.

Palavras-chave: Identidade. Cidade. Imaginários. Etnografia. Tinder.

ABSTRACT

EVANGELO, Naiara. **"It's a match! You and Rio have liked each other "**: Tinder as a mediator of experiences, identities and imaginaries between foreigners and Brazilian residents in Rio de Janeiro. 2018. 125 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

This research explores the experiences of city and sociability of foreigners and Brazilians residing in Rio de Janeiro raised in interactions initiated on Tinder. Based on observations, experiments and conversations carried out in ethnographic research, the study asks: How does the foreigners explorer Rio de Janeiro based on the interpersonal relations they establish with Brazilians on Tinder? The procedures were: a) Interviews with six foreign users of Tinder in the city of Rio de Janeiro and with six resident users who interacted with foreigners; b) Personal report of experience in the Tinder done in a systematized way with A., Mexican, who came to embark on the research during his stay in Rio de Janeiro; c) A field experiment in Rome, where I exercised the place of foreigner in this experience; d) Observations of profiles of foreign users in Tinder and e) Document collection of information about Tinder on the official website of the Platform, in matters of the national and international press and in the application itself. The research has as main thematic of the imaginaries and identity about the city of Rio de Janeiro and about the Brazilians, since they were the elements most latently perceived in the exchanges between the social actors of the research. Among the authors who will compose the theoretical framework are Stuart Hall, Michel Maffesoli, Erving Goffman, Patrick Legros, Frédéric Monneyron, Jean-Bruno Renard and Patrick Tacussel.

Keywords: Identity. City. Imaginary. Ethnography. Tinder.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Interface gráfica do perfil individual e a mensagem de combinação de perfis que surge no aplicativo.....	13
Figura 2 - Campanha publicitária da Riotur.....	14
Figura 3 - Cartão-postal de Copacabana, praia da cidade do Rio de Janeiro.....	29
Figura 4 - Inferno do Novo Mundo.....	30
Figura 5 - Foto da gravação do clipe da música “Vai, malandra”, interpretada por Anitta.....	32
Figura 6 - Cena de Cidade de Deus.....	34
Figura 7 - Perfil @sportsswipe.....	36
Figura 8 - Perfis colhidos em observação na plataforma, durante as Olimpíadas Rio 2016.....	41
Figuras 9 - Perfis de atletas olímpicas no Tinder, publicados na página do Instagram @sportsswipe.....	43
Figura 10 - Jornal estadunidense Daily News destaca o suposto assalto e depois a farsa.....	47
Figura 11 - Imprensa nacional e internacional destaca a presença de atletas no Tinder.....	49
Figura 12 - Funcionamento da ferramenta Passaporte.....	63
Figura 13 - Perfis de estrangeiros no Tinder no Rio de Janeiro.....	66
Figura 14 - Abordagens ao perfil de pesquisadora.....	68
Figura 15 - Entrada no grupo “Pra rir dos homi do tinde”.....	82
Figura 16 - Interação inicial com A.....	87
Figura 17 - Diálogo com A.....	89
Figura 18 - A experiência em Roma.....	92
Figura 19 - Diálogo com B.....	93

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 “PURGATÓRIO DA BELEZA E DO CAOS”	18
1.1 Imagens, símbolos e representações: a perspectiva da Sociologia do Imaginário	20
1.2 Encontros, estranhamentos e negociações: uma perspectiva histórica	24
1.3 O Rio entre imagens, músicas, mídias e o Tinder	30
2 TECNOLOGIAS DENTRO E FORA DAS ARENAS OLÍMPICAS	35
2.1 A articulação entre a sociabilidade mediada e os imaginários	37
2.2 Pelos imaginários dos atletas: a performatização olímpica no Tinder.....	40
2.3 Caso Ryan Lochte: o Rio a partir do Tinder na imprensa nacional e internacional...	45
3 IDENTIDADES, INTERCULTURALIDADE E FRONTEIRAS: QUE EXPERIÊNCIA DE CIDADE É ESSA?.....	52
3.1 É ainda possível falar de identidade?	54
3.2 Experiência social: o olhar para o individual da Sociologia da Experiência.....	57
3.3 Do mIRC ao Tinder: a influência das materialidades na experiência do aplicativo ...	59
3.4 Interculturalidade e fronteiras: um olhar relacional.....	62
4 “PESQUISADORA? HUMMM”: UMA DESCRIÇÃO COM INSPIRAÇÃO ETNOGRÁFICA.....	68
4.1 Quem sou eu nesta pesquisa?	73
4.2 Observação colaborativa: a empreitada etnográfica	77
4.3 Não existe bandeira do México no Saara	86
4.4 A simpatia: uma experiência de campo em Roma	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS	99
ANEXO - Roteiro de entrevistas e respostas (primeira etapa de entrevistas)	102

INTRODUÇÃO

Eu já ganhei muita coisa graças ao Tinder... Ou melhor dizendo, eu já ganhei muita coisa através do carioca, pois afinal de contas o Tinder foi só uma ferramenta para conhecer mais gente dessa cidade. E muitas experiências boas que eu tive através do Tinder podiam ter acontecido usando outros aplicativos ou por conhecer gente da vida mesmo. Eu agradeço muito que as pessoas no Tinder são bem mais informais no Rio do que na minha cidade atual (Washington, DC), onde ser humano bota até CURRICULO NO PERFIL. Posso dizer que no Tinder eu fui bem interesseira mesmo, só que não por dinheiro nem influência, e sim por amizades e experiências [sic].

Colaborador 1 - Estadunidense, 23 anos, morou 1 ano e meio no Rio de Janeiro

Passaporte, cartão de embarque, mapas, protetor solar, óculos de sol e... *Download* do Tinder. A atual lista de viagem de alguns estrangeiros que chegam ao Rio de Janeiro, cidade litorânea no Sudeste brasileiro, conta com o aplicativo de relacionamento entre seus itens fundamentais. Além do uso corrente de busca de parceiros afetivos e/ou sexuais, a plataforma tem sido usada por estrangeiros para conhecer e explorar a cidade com seus residentes, e quem sabe também se envolver afetiva ou sexualmente com eles. Entre suas inúmeras possibilidades de uso, o aplicativo se apresenta como uma ferramenta tecnológica mediadora de aproximação entre turistas e brasileiros residentes no Rio de Janeiro, que tem propiciado novas possibilidades de experimentar a cidade e o cotidiano local, por meio dessas interações suscitadas na ambiência do aplicativo.

Como conheci essa forma de uso “turística” do Tinder? Bem, tanto a pesquisa quanto o uso pessoal do aplicativo me fizeram descobrir que algumas aproximações que já aconteciam na minha vida social nos espaços da cidade do Rio eram semelhantes na ambiência do aplicativo. Sendo bem clara e sem rodeios, sou um “chamariz” de estrangeiros. E aqui tento fazer uma breve contextualização sobre essa experiência. Eu, Naiara, mineira, 27 anos, nascida em Ponte Nova-

MG (por acaso), vivi até os 18 anos na cidade universitária e produtora do melhor doce de leite do mundo, Viçosa-MG. Em 2009, iniciei a graduação em Comunicação Social – Jornalismo na Universidade Federal Fluminense (UFF), e os estudos foram acompanhados pelo início da minha vida social em Niterói e no Rio de Janeiro.

Logo nas primeiras experiências sociais no Rio, eu, uma jovem negra, descobri que era alvo do interesse recorrente de estrangeiros, o que não acontecia em Viçosa. No início foi algo que me incomodou muito (de verdade). Sentia-me objetificada e hipersexualizada por entender que fazia parte de um imaginário de “mulher brasileira”, sobretudo enquanto estereótipo físico da “mulata” – termo que considero inadequado, pela conotação de impureza, por ser originário da palavra espanhola “mula” ou “mulo”, animal advindo do cruzamento de duas espécies (jumentos com éguas ou cavalos com jumentas)¹. Devido a esse incômodo, por alguns anos eu ignorei completamente os estrangeiros que tentavam se aproximar, até que um dia conheci um belga “superbrasileiro” que me fez refletir sobre esse meu preconceito e sobre a forma como imaginava as intenções desses viajantes. Imaginários e imaginários. Eram eles que permeavam essas interações.

Assumo aqui o desafio de escrever esta dissertação em que convocarei a primeira pessoa do singular em diversos momentos. A estrutura do texto é inspirada no clássico “A utopia urbana - Um estudo de Antropologia Social”, de Gilberto Velho, que na passagem dos anos 1960 para os 1970, foi inovador e é considerado um dos precursores dos estudos de Antropologia Urbana no Brasil. A referência ao clássico do antropólogo brasileiro, derivado de sua dissertação de mestrado, deve-se às quebras de paradigmas da Antropologia tradicional, feitas por Velho ao decidir pesquisar a sua própria cidade e sociedade, mais precisamente o prédio no bairro em que morou por muitos anos, com foco em representações e estilos de vida. “Morei 18 anos em Copacabana. (...) Isso me coloca o primeiro problema. A antropologia, tradicionalmente, tem estudado os ‘outros’ e eu me propus a estudar ‘nós’” (VELHO, 1989, p. 11). Assim como na pesquisa de Velho, a minha experiência no Tinder será relatada juntamente com as dos colaboradores desta pesquisa, que gentilmente toparam dividir suas histórias comigo. Juntos, vamos discutir um fenômeno comunicacional contemporâneo que atravessa a experiência de

¹ A origem do termo é destacada na matéria “A mulata globeleza: o manifesto” do Portal Geledés Instituto da Mulher Negra, organização civil feminista e de combate ao racismo. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/a-mulata-globeleza-um-manifesto/>>. (Acesso em: 15 de outubro de 2017).

cidade de muitos viajantes estrangeiros no Rio de Janeiro e dos residentes que se relacionam como eles.

Além da pesquisa de Velho, estudos atuais de colegas pesquisadores ajudaram a mapear pontos que ainda gostaria de discutir sobre a temática e que também me inspiraram em escolhas metodológicas e de estrutura do texto. Entre os trabalhos estão a dissertação “Rio para gringo: a construção de sentidos sobre o carioca e a cidade para consumo turístico”, de Ana Teresa Gotardo (2014), realizada no PPGcom/Uerj, sob orientação do Prof. Dr. Ricardo Freitas. A partir da análise de seriados sobre turismo produzidos por estrangeiros para TV, a discussão de Gotardo ajuda a pensar sobre a construção de imaginários sobre a cidade internacionalmente e, sobretudo, como as narrativas desses imaginários podem ser alteradas em um curto espaço de tempo.

Outros dois estudos que se aproximam desta pesquisa por abordar interações mediadas por aplicativos de relacionamentos também ajudaram na delimitação do recorte da presente pesquisa. O primeiro foi a tese “Interação e mediação comunicacional: redes geossociais e os caminhos locativos de visualidades gays”, realizada no PPGcom/Uerj, sob orientação do Prof. Dr. João Maia, na qual Eduardo Bianchi (2017) analisa relações suscitadas nos aplicativos *Grindr*, *Hornet* e *Scruff* nas práticas culturais urbanas. Vale ressaltar que o recorte de análise da presente pesquisa surgiu durante a defesa da tese de Bianchi, na qual ele explicou a sua proximidade da experiência que ele analisava. E, como introduzido, decidi também explorar uma experiência que também vivi. Do texto de Bianchi também “roubei” a denominação “colaboradores” para me referir aos entrevistados e interagentes da pesquisa, pois entendemos, como Bianchi, que essa observação, que nesse estudo denominamos de colaborativa, foi feita em conjunto.

O segundo foi o trabalho de conclusão do curso de Estudos de Mídia de Mayara de Sá (2016), realizado na Universidade Federal Fluminense, sob a orientação da Profa. Dra. Beatriz Polivanov. A pesquisa também se tornou referencial, pois, ao analisar a autoapresentação de usuários do Tinder no recorte do bairro de Icaraí, Niterói, encontramos relações diretas com as experiências vividas pelos atores sociais da presente pesquisa. A análise e algumas referências bibliográficas da pesquisa de Sá ajudaram a pensar o uso do Tinder e a relação direta com o espaço da cidade.

It's a match! – O boom mundial

Bumble, Dateme, Duego, Happn, Grindr, Kickoff, Wechat... Esses são alguns exemplos de aplicativos de relacionamentos que compõem um segmento do mercado de *softwares* em franca expansão. Para embarcar nesta pesquisa, é importante pontuar qual o posicionamento do Tinder nesse cenário, como ele funciona e reforçar o porquê da sua escolha para este estudo. O Tinder, que atualmente tem mais de 10 milhões de usuários no Brasil, foi lançado nos Estados Unidos, em 2012, por Justin Mateen e Sean Rad, com o intuito de ser um facilitador para apresentação de pessoas, como declarou Mateen em entrevista ao Portal de Notícias Uol². Em quatro meses, o Tinder já possuía mais de 400 mil usuários nos Estados Unidos. Em 2013, ele chegou ao Brasil e rapidamente conquistou milhões de usuários e, atualmente, o país é o segundo no mundo mais assíduo na plataforma. Em quase cinco anos de existência, a plataforma registra 1,6 bilhão de passagens de perfis individuais por dia entre os usuários de mais de 190 países³, mais de 20 bilhões de conexões entre seus usuários e mais de 1 milhão de encontros por semana. Deste modo, a popularidade e a visibilidade que o Tinder adquiriu em todo o mundo são características que influenciaram diretamente no interesse em estudar a experiência de cidade mediada pelo aplicativo.

O Tinder funciona da seguinte maneira: o primeiro passo é criar o perfil pessoal no qual podem ser utilizados fotos, imagens e/ou textos em um espaço para descrição autobiográfica. Em atualizações da plataforma de 2016 e 2017, como forma de complementar, é também possível que os usuários vinculem seus perfis às redes sociais de fotografia, a exemplo do Instagram; e de música, a exemplo do Spotify. Ao entrar na plataforma, o usuário é conectado a um modelo de interação *swipe*, via passagem de perfis individuais. Ao deslizarem a tela do *smartphone* ou *tablet* para a direita ou clicarem no coração presente na interface gráfica (*like*), os usuários estão aprovando a pessoa sugerida pelo Tinder. No sentido oposto, ao deslizarem para esquerda ou clicarem no X, é sinal de reprovação. A interação entre eles só acontece quando há aprovação mútua entre os dois usuários, e tal interação é sinalizada com a mensagem “It’s a match! You and

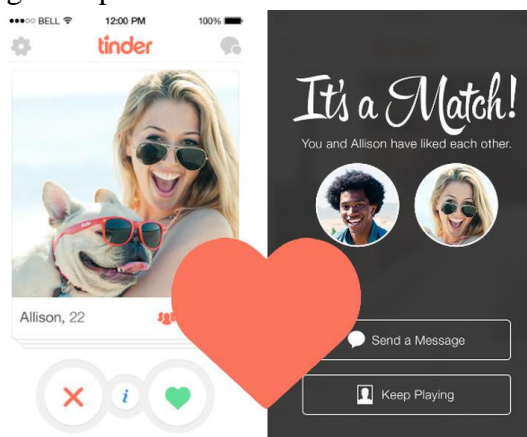
² Entrevista feita pelo Portal Uol com um dos fundadores do Tinder, Justin Mateen. Disponível em <<https://tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2014/04/23/brasil-tem-10-milhoes-de-usuarios-do-tinder-criador-explica-sucesso-do-app.htm>> (Acesso em: 2 de outubro de 2017).

³ Dados divulgados na sessão Imprensa do site oficial do Tinder. Disponível em: <<https://www.gotinder.com/press?locale=pt-BR>>. (Acesso em: 2 de outubro de 2017).

“X” have liked each other” (Em tradução livre, “Rolou! Você e ‘X’ gostaram um do outro”)⁴. Vale ressaltar que a base de cruzamento de dados do Tinder está baseada na versão gratuita de uma possibilidade de geolocalização de um raio de até 161 quilômetros e o aplicativo também utiliza os dados do Facebook, como as páginas curtidas e os amigos em comum, para indicar usuários.

Uma configuração do Tinder que pode ser útil para viajantes é a ferramenta Passaporte (*Passport*, no original em inglês), que permite que o usuário da versão paga⁵, a Tinder Plus, desloque a sua localização para qualquer lugar do mundo e possa iniciar possíveis interações antes de chegar ao destino. O uso dessa ferramenta será discutido neste texto, mais adiante, e também figura como destaque na experiência de cidade estudada, considerando que foi uma demanda criada pelos próprios usuários ao burlarem o sistema de geolocalização da plataforma⁶. A relação com o espaço das cidades no Tinder fica ainda mais clara considerando que o aplicativo faz parte da categoria geossocial que, como define Bianchi (2017), consiste em redes sociais digitais que utilizam a tecnologia de geolocalização (GPS) presente em *smartphones*.

Figura 1 - Interface gráfica do perfil individual e a mensagem de combinação de perfis que surge no aplicativo



Fonte: Imagens do site oficial do Tinder. Disponível em: <https://www.gotinder.com/>

⁴ A mensagem exibida aos usuários quando há aprovação mútua de perfis inspirou o título da pesquisa.

⁵ Com a chamada “Deslize o mundo a fora”, a configuração passaporte faz parte de uma das versões pagas do aplicativo, que em janeiro de 2018 custava por um mês R\$31,99; por 6 meses R\$18,34 e R\$ 14,59 por um ano.

⁶ Em 2014, o portal de tecnologias Techtudo publicou uma matéria que explicava como burlar o sistema de geolocalização do Tinder. Disponível em <<http://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/noticia/2014/10/fale-com-usuarios-do-tinder-de-qualquer-lugar-do-mundo-veja-o-truque.html>> (Acesso em 15 de outubro de 2017).

Com o intuito de ampliar ainda mais o seu público, em março de 2017, o Tinder anunciou duas mudanças importantes na forma de acesso à plataforma. Agora os usuários podem criar perfis também a partir de seus e-mails, ou seja, sem estar vinculado a uma conta do Facebook (o que antes era obrigatório). Além disso, o Tinder lançou a sua versão online, que pode ser acessada em qualquer navegador, seja no celular ou em computadores. Em matéria de divulgação⁷, a empresa explica que a ideia em desvincular a obrigatoriedade em usar o Facebook é para atender áreas que têm acesso limitado à rede social e a migração para navegadores vem para contemplar usuários que não possuem pacotes de serviços potentes de Internet, não tem espaço na memória do celular e/ou até mesmo para quem quer fazer uso da plataforma no trabalho ou em sala de aula de forma discreta.

Em “It’s a match! You and “Rio” have liked each other”, título da pesquisa, “You” faz referência ao estrangeiro e “Rio” ao usuário brasileiro residente na cidade. São eles os dois atores sociais centrais deste estudo e que conduzirão os debates. O título é baseado no entendimento que o residente brasileiro figura como parte integrante da própria cidade ao compartilhar suas experiências e seus imaginários da cidade com o interlocutor estrangeiro, e os desdobramentos dessas interações são o que interessam à pesquisa. Assim, a questão que norteia este estudo é de que modo os estrangeiros experimentam a cidade do Rio de Janeiro a partir das relações interpessoais que estabelecem no Tinder.

Figura 2 - Campanha publicitária da Riotur



Fonte: Site da prefeitura do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/guest/exibeconteudo?id=6978668>

⁷ Matéria no blog oficial do Tinder apresenta a versão da plataforma para navegadores. Disponível em: <<http://blog.gotinder.com/introducing-tinder-online/>>. (Acesso em 17 de abril de 2017).

Lançada em maio de 2017, a campanha da Riotur, empresa de turismo do município, adota a ideia do carioca como cartão-postal, baseada em pesquisa realizada com turistas. Embora questionável, por reforçar diversos estereótipos sobre servidão colonial e sobre a população brasileira, ela aponta para uma discussão pertinente: o fato de o nativo de uma cidade compor a própria cidade e o imaginário forjado coletivamente sobre o território. Deste modo, ilustra discussões que teremos ao longo do texto.

Esta pesquisa possui caráter interdisciplinar: tem por base o campo da Comunicação; bebe no método etnográfico inspirado na Antropologia Urbana e nas recentes sistematizações do método em ambiente virtual; busca na Sociologia do Imaginário nuances para entender esse fenômeno mediado por um aparato comunicacional; vai ao campo da História para entender as construções de imaginários sobre a cidade do Rio de Janeiro e sobre os brasileiros; e apreende dos Estudos Culturais e de estudos correlatos conceitos fundamentais para explorar a temática.

O texto é dividido em quatro capítulos. O primeiro tem por foco a construção de imaginários sobre o Rio de Janeiro e sobre os seus residentes, o que será pensado a partir do estudo que ficou conhecido por Sociologia do Imaginário. Como explicam Legros *et al.* (2014), “é um ponto de vista do social: ela se interessa pela dimensão imaginária de todas as atividades humanas” (LEGROS; MONNEYRON; RENARD; TACUSSEL, 2014, p. 9). Neste capítulo, também apontaremos como imaginários sobre a cidade foram produzidos em uma perspectiva histórica, considerando os recortes sócio-históricos do Brasil Colônia (entre os séculos XVI e XIX), do período de migrações e imigração na transição entre Brasil Colônia, Brasil Império e Brasil República (séculos XIX e XX) e no século XX, nas primeiras décadas e no período de ditadura militar brasileira (1964-1985).

Por sua vez, o segundo capítulo apresenta um estudo de caso de um momento contemporâneo de exportação de imaginários sobre o Rio de Janeiro e sobre brasileiros. Ele foi realizado durante as Olimpíadas de 2016, evento realizado no Rio de Janeiro, e ajuda a pensar sobre as representações e os Rios que os atores sociais desta pesquisa vivenciaram no Tinder, a partir de observações na plataforma e de notícias veiculadas na imprensa nacional e internacional.

O terceiro capítulo será um olhar teórico-conceitual para a explosão discursiva e as críticas ao conceito de “identidade”, considerando a sua relevância para entender as interações entre os atores da pesquisa. A partir da perspectiva dos Estudos Culturais, Stuart Hall (2013) aponta que há uma “desconstrução das perspectivas identitárias em uma variedade de áreas

disciplinares, todas, de uma forma ou de outra, criticam uma ideia de uma identidade integral, originária e unificada” (HALL, 2013, p. 103). Na esteira de Hall, tentaremos pensar como a questão da identidade dialoga com as relações interpessoais entre estrangeiros e brasileiros residentes no Rio, e pensar em outras possibilidades de entendimento sobre o conceito a partir do conceito de Interculturalidade de Demorgon (2004) e de Fronteiras de Agier (2013).

O último capítulo é a descrição etnográfica da pesquisa, na qual será explorada a experiência de usuários estrangeiros e residentes da cidade do Rio de Janeiro suscitadas no Tinder, a partir de dados produzidos a partir de método de inspiração etnográfica. Nele, também relatarei uma experiência pessoal na plataforma. Será destrinchada a escolha de combinação de procedimentos para a produção de dados para a pesquisa, que incluem: a) entrevistas com seis usuários estrangeiros do Tinder na cidade do Rio de Janeiro e com seis usuários brasileiros residentes no Rio que interagiram com estrangeiros na plataforma⁸; b) relato pessoal de experiência no Tinder feito de forma sistematizada com A., mexicano que topou embarcar na pesquisa em sua estadia no Rio de Janeiro; c) uma experimentação de campo em Roma, em que exercitei o lugar de estrangeira nessa experiência; d) observações de perfis de usuários estrangeiros no Tinder; e) e coleta documental de informações sobre o Tinder no site oficial da Plataforma, em matérias da imprensa nacional e internacional e no próprio aplicativo.

Vale lembrar que esses dados estão diluídos ao longo de todo o texto, sendo o último capítulo o espaço de explicação de sua sistematização. Essa combinação de procedimentos metodológicos atendeu à necessidade de pesquisa que possui um campo em ambiência virtual e física. Deste modo, o estudo constrói uma metodologia inspirada no método etnográfico clássico, nas suas transformações e também nas sistematizações mais recentes para ambientes digitais.

Esperamos com este estudo trazer contribuições para pensar uma experiência mediada por um aparato comunicacional, que atravessa as discussões sobre cidade, imaginários e cultura, a

⁸ Colaborador 1 (Estatunidense, 23 anos, morou 1 ano e meio no Rio de Janeiro);
Colaboradora 2 (Britânica, 30 anos, mora há um ano no Rio de Janeiro);
Colaboradora 3 (Australiana, 27 anos, morou por um ano no Rio de Janeiro);
Colaborador 4 (Paulista, há 8 anos no Rio de Janeiro, não declarou idade, mora no Flamengo);
Colaboradora 5 (Carioca, 30 anos, mora no Recreio);
Colaborador 6 (Mineira, há 8 anos no Rio de Janeiro, 26 anos, mora em Copacabana);
Colaboradora 7 (Carioca, 29 anos, mora em Copacabana)
Colaboradora 8 (Paraibana, 28 anos, mora em Santa Teresa)
Colaboradora 9 (Paraibana, 30 anos, mora na Glória)
Colaboradora 10 (Belga, 33 anos, viagem de um mês, hospedado na Lapa)
Colaboradora 11 (Estatunidense, 36 anos, viagem de 10 dias, hospedado em Copacabana)
Colaboradora 12 (Argentino, 30 anos, viagem de um mês, hospedado em Ipanema).

partir de olhares para uma vivência de cotidiano rica em nuances que não estão claramente dadas.
Que seja uma boa viagem!

1 “PURGATÓRIO DA BELEZA E DO CAOS”

É difícil pensar rapidamente sobre o Rio de Janeiro sem cair em certas imagens e em alguns estereótipos, a exemplo das paisagens, do samba ou dos corpos sarados que ocupam as praias. A cidade é fruto de construções de imaginários desde que Estácio de Sá a fundou em 1565, ano em que o Brasil era colônia de Portugal (período que vigorou do século XVI ao XIX), como ilustraremos no texto por meio de alguns relatos de viajantes que desembarcaram na região no período. Tais imaginários estão catalogados no livro “Andanças Pelo Brasil Colonial”, de França e Raminelli (2009), que buscou investigar a história do Brasil segundo um olhar estrangeiro. Vale ressaltar inicialmente que Sá – sobrinho de Tomé de Sousa, o então governador geral do Estado do Brasil (que tinha sede na atual Salvador-BA) – foi enviado ao que hoje é o Rio de Janeiro para proteger a região próxima à Baía de Guanabara de possíveis invasões francesas (ABREU, 2000). Sendo assim, percebemos que a cidade nasce em um cenário de encontros, negociações e conflitos entre estrangeiros e brasileiros residentes no Rio de Janeiro.

Em relato presente na obra “*Histoire d’un voyage en terre de Brésil*”, o francês Jean Léry – que desembarcou na Baía de Guanabara em 1555 com o objetivo de fundar uma colônia que denominariam como França Antártica – retratou os nativos brasileiros como bárbaros e primitivos.

[...] Tudo me leva a crer que esses nativos são o povo mais bárbaro e estranho que existe sobre a terra. Eles vivem sem conhecimento de nenhum deus, sem inquietude de espírito, sem lei e sem nenhuma religião. Tal como animais, estão à mercê dos seus instintos. Tanto os homens como as mulheres andam completamente nus. A língua que falam é muito rica em sons, mas desprovida de numerais. Assim, quando eles querem expressar cinco, mostram os cinco dedos na mão (FRANÇA; RAMINELLI, 2009, p. 25).

A retomada a períodos históricos longínquos se deve ao esforço de pensar a construção, ou melhor, os processos que tornaram possíveis a vigência de imaginários sobre o Rio de Janeiro e seus residentes. Ou seja, resgatar indícios de imaginários sobre a cidade, entendendo que, como ressalta os historiadores sobre o período colonial, “o Brasil não nasceu pronto, com limites territoriais, língua e costumes (...). Não havia, portanto, o sentimento de ser brasileiro, identidade que se consolidou nos dois últimos séculos” (FRANÇA; RAMINELLI, 2009, p. 9). Tal identidade será pensada ao longo de todo este texto, sendo o Capítulo 3 dedicado a uma

problematização conceitual. Como ressalta Caiafa (2007, p. 137) a partir do pensamento do historiador Lévi-Strauss, “só a perspectiva histórica nos levaria a entender os elementos do presente”.

Gotardo (2014) mostrou em sua pesquisa como em um período de cinco anos (entre 2007/2008, período de intensa cobertura midiática sobre violência; e 2012, período anterior a megaeventos que seriam sediados na cidade) as narrativas sobre a cidade foram alteradas, a exemplo das narrativas sobre as favelas, que deixaram de ser retratadas como locais de pobreza e violência e passaram a ser abordadas como regiões domesticadas e civilizadas, o que impactou no consumo turístico dessas regiões. Neste capítulo, buscamos entender de que modo as interações entre brasileiros e estrangeiros corroboram para construções de certas narrativas, na perspectiva dos imaginários, a partir de um olhar histórico para os recortes temporais do Brasil Colônia, do período de migrações e imigração na transição entre Brasil Colônia, Brasil Império e Brasil República (séculos XIX e XX) e no século XX, nas primeiras décadas e no período de ditadura militar brasileira (1964-1985).

O intuito é refletir sobre as imagens, os símbolos e as representações sociais que são ligadas à cidade de forma recorrente. De acordo com a sistematização de Legros *et al.* (2014), são essas as três vertentes cruciais para interpretar os imaginários. A perspectiva imaginária é escolhida pela percepção de que aparece de forma latente nas interações entre os atores sociais desta pesquisa e atravessam essa sociabilidade mediada pelo Tinder. Entendemos sociabilidade a partir da conceituação de Simmel (1983), que nos remete diretamente ao nosso estudo.

Para o sociólogo alemão, há duas proposições necessárias para discutir a Sociologia – seu conteúdo e sua forma –, elementos distinguíveis entre si em qualquer sociedade humana. Nesse contexto, a própria sociedade se refere à interação entre indivíduos (SIMMEL, 1983). Simmel sentencia, assim, que o conteúdo ou a matéria que preenchem as vidas – como o amor, a fome e as tecnologias – não são sociais, mas sim fatores de sociação pelos quais os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem seus interesses. E, por sua vez, a forma seria responsável pelo desenvolvimento desse conteúdo. “As formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria. São liberadas de todos os laços com os conteúdos (...). É isso precisamente o fenômeno que chamamos sociabilidade” (SIMMEL, 1983, p.168).

Assim, pontuaremos momentos de construção, continuidades e desconstrução de imaginários para entender uma das nuances da experiência contemporânea de cidade suscitadas

nessa sociabilidade mediada pelo Tinder. Esse movimento será embasado pela Sociologia do Imaginário, que, como ressaltam os pesquisadores, tiveram os historiadores como figuras centrais para a legitimidade da noção de imaginário nas Ciências Humanas (LEGROS; MONNEYRON; RENARD; TACUSSEL, 2014). A partir do pensamento do historiador Le Goff, eles argumentam que o imaginário alimenta e faz o homem agir. O “imaginário, assim, diz respeito a uma civilização: circula através da história, das culturas e dos grupos sociais. (...) É um fenômeno coletivo, social, histórico. Uma sociologia sem o imaginário é uma sociologia mutilada, desencarnada” (LEGROS; MONNEYRON; RENARD; TACUSSEL, 2014, p. 10).

Consideraremos neste capítulo, além do Tinder, outras plataformas comunicacionais que documentam representações sociais do Rio de Janeiro e, deste modo, são canais de difusão nas esferas nacional e internacional de imaginários sobre a cidade e sobre os brasileiros. Um desses canais é a música brasileira, que pode ser considerada uma das maiores exportadoras de imaginários sobre o país para mundo. Por isso, o trecho da música “Rio 40° graus”, de Fernanda Abreu, foi escolhido para intitular o capítulo, por abordar em sua letra imaginários sobre as contradições da cidade. Vale ressaltar que falar do Rio é falar de toda uma identidade nacional, considerando que é a cidade brasileira de maior visibilidade do mundo, como afirma Lessa (2000, p. 11): “o resgate da história do Rio é a visita à unidade nacional brasileira. Desde o início da Colônia, o Rio, que sempre foi urbano-mercantil, cumpriu um papel geopolítico essencial à América portuguesa, em relação ao sul do continente”.

1.1 Imagens, símbolos e representações: a perspectiva da Sociologia do Imaginário

“Cidade maravilhosa”, “Cidade-porto”, “Cidade Olímpica”, “Rio 40°”. Esses são alguns dos títulos que o Rio de Janeiro recebeu ao longo de sua história. Denominações que se relacionam diretamente com a forma como a capital fluminense foi representada por nativos e estrangeiros durante séculos. Desde o início das observações preliminares no Tinder – iniciadas em 2014, ainda no processo de desenvolvimento do projeto da pesquisa, que foi iniciada oficialmente em 2015 –, houve a percepção de que os usuários recorriam a símbolos para suas

autoapresentações na plataforma. Eles remetem, em geral, a características de personalidade, *status* sociais, gênero e, no caso específico de estrangeiros, às suas nacionalidades.

Autores da Sociologia considerada tradicional, como explicam Legros *et al.* (2014), ajudam a nortear o ponto de partida para pensar essas construções autobiográficas embasadas em imaginários. Da obra *Secret et sociétés secrètes*, de Simmel, os autores (2014) retiram a sentença “toda relação entre os homens faz nascer em uma imagem do outro” (SIMMEL, 1991, p. 10 *apud* LEGROS *et al.*, 2014, p. 70). De Durkheim, pensador que não abordaria, na análise dos pesquisadores (2014), a questão de imaginário diretamente, a análise de representações coletivas feita por ele – seja pensando cultura ou religião – ajuda na reflexão de como a sociedade é uma comunidade de ideias, e o que ligaria os homens é a forma comum de pensar, ou seja, de representar as coisas. De Mauss, é constatado o elo entre as representações coletivas e simbólicas, a partir do qual “ele salienta uma antropologia geral de todos os fenômenos associados ao ‘imaginal’” (LEGROS; MONNEYRON; RENARD; TACUSSEL, 2014, p. 81). Considerando que a experiência estudada se dá a partir de interações interpessoais, interessa-nos pensar justamente esse olhar sobre o outro e esse partilhamento coletivo de experiências e ideias que será sistematizado pela Sociologia do Imaginário.

Para interpretar diretamente o movimento dos imaginários, recorreremos à proposta de Legros *et al.*, que enfatizam as diferentes noções que reportam a eles: a imagem, o símbolo e a representação social. Como explica Gilbert Durand (1993), um dos fundadores da Sociologia do Imaginário e inspiração dos estudiosos citados, sempre houve uma confusão na utilização dos termos relativos ao imaginário, devido à extrema desvalorização que sofreu a imaginação no pensamento do Ocidente e da Antiguidade clássica (DURAND, 1993). A partir daqui, usaremos os termos tais quais foram pensados pela corrente dessa sociologia.

Sorriso? Malandragem? Hospitalidade? Corcovado? Mulata? Cidade violenta? Pacificação? Paraíso? Cidade promíscua? Cidade amigável? Cidade Acolhedora? Seja qual for a noção, a Sociologia do Imaginário – seguindo as premissas durandianas – pressupõe que, para interpretá-las, não é necessário buscar uma forma social secreta, pois os imaginários não estão escondidos. Muito pelo contrário, eles estruturam o entendimento da vida social. Ao mesmo tempo eles lembram que “(...) interpretar não é nada... Nada além de uma maneira de criar novos imaginários ou, mais exatamente, as novas realidades do conhecimento” (LEGROS; MONNEYRON; RENARD; TACUSSEL, 2014, p. 111).

Posto isso, partimos da evidência de que o imaginário é um pensamento simbólico, e ele só é símbolo porque há uma interpretação. Durand (1993) enfatiza que o símbolo pertence à categoria do signo e ajuda a economizar operações mentais em teoria, pois eles ganham significações coletivas. Nesse contexto, é preciso diferenciar dois tipos de signos: “os signos arbitrários puramente indicativos (...) e os signos alegóricos, que remetem para uma realidade significada dificilmente apresentável. Estes últimos signos são obrigados a figurar concretamente uma parte da realidade que significam” (DURAND, 1993, p. 10). Imperado em Paul Ricoeur, Durand (1993) afirma que há uma metade visível e uma invisível no símbolo, sendo a invisível responsável por trazer um mundo de representações indiretas. Essa dualidade será fundamental para pensar as representações no Tinder.

Pesquisas que são orientadas por uma perspectiva simbólica imaginária levaram à sistematização de formas distintas interpretativas. A que vamos assumir neste estudo é a busca pelo símbolo original, aquele que tem uma primeira realidade, mas que ganhou outros contornos históricos (LEGROS *et al.*, 2014). Isso porque entendemos que os imaginários que mediam as relações contemporâneas do Tinder não foram criados hoje, possuindo justamente essa origem histórica.

O outro aspecto fundamental para entender os imaginários são as imagens, pois elas “se formam a partir da interação entre os reflexos (ou pulsões humanas) e o meio material e social” (LEGROS *et al.*, 2014, p.121). Mas que reflexos seriam esses? Separar, interiorizar e religar. E é nesse movimento que a imagem se liga ao símbolo, pois ela se concretiza no que a Sociologia do Imaginário chama de arquétipo. Os arquétipos seriam os símbolos estáveis para além da cultura e os símbolos seriam as especificações culturais do mesmo. Pensando no Rio de Janeiro, as praias seriam arquétipos da cidade, mas os “corpos sarados” que circulam nela, por exemplo, são os símbolos culturais específicos das praias cariocas. Ou seja, o arquétipo da praia é similar em Barcelona ou no Rio de Janeiro, mas os símbolos que a cercam podem ganhar outras significações, que se devem a questões culturais. Sendo assim, entendemos o pressuposto dessa Sociologia que afirma que o mesmo símbolo tem diferentes sentidos no movimento do imaginário.

A última vertente para interpretar os imaginários é a da representação social, e ela pode ser pensada a partir de duas teses: a representação social ligada a uma imagem à parte daquela do que os atores sociais se apropriam individualmente; e a representação social como um mecanismo

de aquisição das imagens vindas da imaginação. A primeira estaria ligada a um modo antropológico e/ou sociológico, com premissas de uma mentalidade coletiva e culturalmente determinada; e a segunda, como uma representação organizada pelo psiquismo, o que faria dessa representação algo inobservável. O que vemos é uma separação disciplinar entre uma perspectiva socioantropológica e da psicologia. O que nos interessa de ambas as disciplinas é a concordância que as representações são comuns ao menos a algum grupo. “As representações sociais são, aqui, os universos das trocas próprias de um grupo cultural e dos objetos do ambiente do qual estes indivíduos dependem. Nesse caso, elas podem estar ligadas às opiniões, informações ou crenças” (LEGROS *et al.*, 2014, p.130).

Em contraponto à Sociologia do Imaginário de Durand, Maffesoli (2012) traz o olhar para os imaginários para além da vida cotidiana, um fenômeno embasado no desenvolvimento tecnológico, o qual ele denomina de realismo mágico. Para o sociólogo francês, no contexto temporal pós-moderno, esse imaginário renascente marca uma ruptura com a ideologia moderna, pois passaríamos de um “homem senhor do mundo” para a “idade dos povos”.

Realismo, pois impregna todas as coisas da vida cotidiana; mágico, pois reveste essas mesmas coisas com uma aura imaterial, com um suplemento espiritual, com um brilho específico, contribuindo para fazê-las desempenhar o papel que tinha o totem para as tribos primitivas. (...) Eis o que é a fantasia pós-moderna. Ela não é destacada da existência cotidiana, mas é, no mais alto ponto, o coração que bate (MAFFESOLI, 2012, p.107).

Essa perspectiva mágica e de aura imaterial nos leva a pensar sobre o mito. E, retomando a Sociologia do Imaginário, vale destacar o exemplo direto acerca dos imaginários sobre espaços, que incluem a cidade. Legros *et al.* (2014) ilustram o debate a partir do pensamento do intelectual francês Roger Caillois, que pontua como Paris encontra sua origem nos caracteres de sua figura mítica.

O imaginário espacial vai nascer das variações perceptíveis e sensíveis que uma experiência concreta e irredutível, mas bastante geral, inscreve na nossa prática cotidiana. Uma geografia sentimental das ruas e das edificações, àquela dos usos calculados e das obrigações. Sob esse ponto de vista, o dado objetivo não desaparece atrás da subjetividade e do talento descritivo do observador, mas dissemina um magnetismo próprio que desabrocha na magia atribuída a certos lugares (LEGROS; MONNEYRÓN; RENARD; TACUSSEL, 2014, p. 88).

A figura mítica do Rio de Janeiro nasce justamente na vivência do cotidiano e desabrocha dessas paisagens e desses lugares que influenciaram em sua ascensão e disseminação, misturando o cotidiano das imagens e dos símbolos de Durand e o aspecto imaterial defendido por Maffesoli. Legros *et al.* (2014) delimitam que a Sociologia do Imaginário discute, assim, como os imaginários afetam nossa experiência histórica e nossa relação com o tempo, que não pode ser visto em uma trajetória linear. O “presente é modelado por imagens sincrônicas a ele e que permitem sua legibilidade” (LEGROS; MONNEYRON; RENARD; TACUSSEL, 2014, p. 87). Deste modo, encaminhamos a discussão para esse movimento de imaginários que foram construídos, desconstruídos, reconstruídos, que se transformam e se sobrepõem em uma perspectiva histórica. A partir da Sociologia do Imaginário, entendemos que devemos nos atentar para o coletivo e ao olhar para o outro.

1.2 Encontros, estranhamentos e negociações: uma perspectiva histórica

Cariocas são também os outros para aqueles que vêm dos diferentes estados, ou que no século passado vinham das diferentes províncias, em busca de uma “cidade-porto”, de onde eram escoadas as riquezas do ouro ou do café e para onde aportavam milhões e milhões de escravos negros. “Cidade-capital”, onde por mais de um século girou a vida econômica, política e intelectual do país. “Cidade-laboratório” onde as maravilhas do progresso e da civilização vêm sendo testadas de D. João VI a César Maia, passando por Pereira Passos, que queria transformá-la numa “Paris dos trópicos”. “Cidade-plataforma” para políticos. “Cidade-mercado de trabalho” para pedreiros e porteiros

Abreu, 2000, p. 168

O que já constatamos introdutoriamente é que o Rio de Janeiro nasceu como um espaço de convivência de múltiplas culturas, e o que veremos aqui é que essa dinâmica nem sempre aconteceu de forma tranquila. O estranhamento dos primeiros viajantes que chegaram à região foi responsável pela criação de um imaginário de um país e de nativos que viviam entre a barbárie e

selvageria. Para refletir sobre a “invenção do carioca”, em uma perspectiva da construção da identidade social, Abreu (2000) recorreu a inúmeros símbolos para falar sobre as múltiplas invenções e os múltiplos cariocas. Interessa-nos pensar a partir dessas categorias, pois, como introduzido, a pesquisa entende que os moradores da cidade são vistos como parte integrante dela e influenciam diretamente nessas construções de imaginários.

Num primeiro momento, Abreu (2000) posiciona o carioca como o símbolo de alteridade. Ele seria o homem branco que começou a habitar o território indígena. Desde a fundação de São Sebastião do Rio de Janeiro, a cidade foi palco de encontros de etnias, grupos sociais e identidades que estavam em convivência e, portanto, em constantes trocas, negociações e relações. A própria palavra “carioca” foi inventada por índios tamoios, para denominar as primeiras habitações dos portugueses na região da atual Praia Vermelha, na Urca. “Os cariocas haviam chegado do além-mar, sendo, portanto, os estrangeiros” (ABREU, 2000, p. 172).

O relato do francês Jean de Léry mostra o estranhamento e o julgamento sobre os hábitos locais: “(...) andam todos, homens, mulheres e crianças, nus como ao saírem do ventre materno. Não só ocultam nenhuma parte do corpo, mas ainda não dão o menor sinal de pudor ou vergonha” (FRANÇA; RAMINELLI, 2009, p. 28).

Por meio de relatos de jesuítas e cronistas coloniais, Priore (2016) traz algumas observações dos portugueses sobre os nativos brasileiros, que têm as mulheres como foco. Interessa aqui como o imaginário da brasileira sexualizada foi construído nesses relatos. “Gilberto Freyre foi pioneiro em captar o interesse dos portugueses não pelo modelo clássico (...), mas pela ‘moura encantada’: tipo delicioso de mulher morena de olhos pretos, segundo ele, envolta em um misticismo sexual” (PRIORE, 2016, p. 278).

No contexto colonial, a chegada ao Brasil de africanos que foram escravizados também é um marco que compõe essa história de relações entre nativos e estrangeiros e fez parte do período de mão de obra escravagista negra que durou do século XVI ao século XIX. Assim, junto às indígenas, as mulheres africanas escravizadas passaram a fazer parte desse imaginário. Elas costumavam andar seminuas e, como ressalta a historiadora, ambas tinham condições de transformar a nudez em objeto estético, por meio de pinturas corporais, tatuagens e escarificações (PRIORE, 2016).

No corpo, valorizavam-se as nádegas arrebidadas para trás, empinadas e salientes, a “bunda” grande – palavra quimbundo para designar o que os portugueses chamavam de

“nadeguda”! Os peitos valorizados eram os pequenos e duros, a ponto de haver uma lenda recolhida por Nina Rodrigues sobre o assunto: uma mulher muito grande e valente tinha peitos tão grandes que caíam no chão (PRIORE, 2016, p. 278).

Como percebemos, os imaginários dos corpos nus e sexualizados atravessam os mais de cinco séculos de história do Brasil, e surgiu do estranhamento de hábitos culturais distintos entre nativos e europeus. Vale destacar que são imaginários que estão em constante mutação e em cada momento histórico carrega significações próprias. O que interessa pensar é como eles surgem do estranhamento, na relação com o outro, do estrangeiro com o nativo, nas diferenças culturais e como eles são compartilhados.

Retomando as categorias de cariocas de Abreu, percebemos uma ruptura da significação do que é ser carioca no final do século XIX, período que corresponde à transição do Brasil Imperial para o Brasil República. Se, em outrora, ser “carioca” estava ligado à categoria “estrangeiros portugueses”, no momento histórico há a emergência do carioca de uma cidade contaminada. Este recorte temporal foi escolhido, pois foi identificada nele uma virada simbólica que nos remete à mestiçagem, à mistura de todos esses moradores da cidade do Rio de Janeiro e, sobretudo, à forma pela qual ela passou a ser enxergada. Como relata a antropóloga, o Rio de Janeiro tinha se transformado em um grande caldeirão, e grande parte da população não era nativa, e sim de outras províncias brasileiras, que vinham para a já capital do Brasil estudar, trabalhar, empreender, ingressar na política ou na literatura (ABREU, 2000).

Lessa pontua que, no século XIX, a influência africana foi determinante na formação da cultura popular carioca. O lundu, canto e dança de origem angolana, é uma das fortes inspirações do samba também como música e dança. O jongo nasce nas coroações dos reis do congo. A capoeira deu origem a grupos sociais que se dividiam por bairros, que sediavam as competições. No âmbito religioso, a opressão às crenças e religiões africanas e o esforço para conversão católica levaram ao sincretismo religioso (LESSA, 2000).

Nesse contexto, o Brasil começa outro processo de relação com estrangeiros. A imigração vem com o intuito de embranquecer essa população mestiça. Com um olhar estrangeiro, o historiador americano Lesser (2016) assume a difícil missão de falar de identidades nacionais no Brasil, considerando essa perspectiva relacional. Como o historiador ressalta, esses estrangeiros criaram as suas novas identidades quando chegaram ao país, e era uma das características pelas quais as pessoas se definiam, juntamente com a religião, gênero e classe (LESSER, 2016). No cenário de imigração europeia, o desrespeito com os negros já moradores do Brasil é um

destaque, que, na perspectiva do autor, pode ser creditada ao medo dos imigrantes de serem colocados na categoria racial de não brancos. Podemos pensar em um imaginário de ressentimento coletivo de parte da população nativa brasileira com estrangeiros a partir de relatos desse período.

Os imigrantes europeus temiam ser colocados na categoria racial de não brancos e, com frequência, tratavam com desrespeito os afro-brasileiros, atitude essa de que os negros se ressentiam. As relações dos imigrantes com os brasileiros natos significavam que a condição de branco, mesmo que não fosse um componente importante da identidade nacional em seu local de origem, assumia grande importância no Brasil. A constante tensão entre os imigrantes, seus patrões e os brasileiros não brancos se mesclava com identidades inspiradas no Velho Mundo (LESSER, 2016, p. 134).

Ainda que muitos deles fossem agricultores, a imigração portuguesa aconteceu, diferentemente dos italianos, sobretudo no espaço urbano. A afinidade linguística e a condição de ex-colônia eram alguns dos atrativos, como aponta Lesser (2016). Assim, o Rio de Janeiro se tornou um dos principais pontos de desembarque de portugueses. Em 1890, a população do Rio de Janeiro era de mais de 500 mil pessoas, sendo mais de 100 mil portugueses.

As relações dos portugueses construídas no espaço urbano da cidade criou o que Lesser (2016) chamou de sentimento antiportuguês. A figura de João Romão, do romance *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, é um exemplo do estereótipo que começou a emergir na cidade. Ele se tratava de um imigrante português casado com uma ex-escrava e que se apossava da renda de seu trabalho como quitandeira para ampliar seus próprios negócios, como o cortiço. Ele era a figura do explorador, que começou a se disseminar em relação ao imaginário de nativos sobre os portugueses. A Revolta Armada, em 1893, foi um conflito permeado por essa tensão entre brasileiros e portugueses.

Daí em diante, João Romão tornou-se o caixa, o procurador e o conselheiro da crioula. No fim de pouco tempo era ele quem tomava conta de tudo que ela produzia e era também quem punha e dispunha dos seus pecúlios, e quem se encarregava de remeter ao senhor os vinte mil-réis mensais. Abriu-lhe logo uma conta corrente, e a quitandeira, quando precisava de dinheiro para qualquer coisa, dava um pulo até à venda e recebia-o das mãos do vendeiro, de “Seu João”, como ela dizia. Seu João debitava metodicamente essas pequenas quantias num caderninho, em cuja capa de papel pardo lia-se, mal escrito e em letras cortadas de jornal: “Ativo e passivo de Bertoleza”. E por tal forma foi o taverneiro ganhando confiança no espírito da mulher, que esta afinal nada mais resolvia só por si, e aceitava dele, cegamente, todo e qualquer arbítrio. Por último, se alguém precisava tratar com ela qualquer negócio, nem mais se dava ao trabalho de procurá-la, ia logo direito a João Romão. Quando deram fé estavam amigados (AZEVEDO, 1997, p. 2).

Cavalcanti (2013) ressalta que a aversão em relação ao estrangeiro pode ser explicada pelos paradoxos da colonização. Ao mesmo tempo em que os portugueses não se consideravam estrangeiros em solo brasileiro, os filhos de portugueses nascidos no Brasil não eram considerados brasileiros, mas “natural do Rio de Janeiro, de Minas Gerais e etc”.

Se no período de imigração o Rio de Janeiro vivenciou conflitos entre nativos e imigrantes, o século XX será marcado por mais uma reviravolta de imaginários sobre o Rio de Janeiro. O primeiro deles se dá pelas reformas urbanas do prefeito Pereira Passos, que é responsável por um dos imaginários mais difundidos sobre o Rio de Janeiro: o da “Cidade Maravilhosa”. Em seu governo, Passos ordenou a derrubada dos cortiços, a abertura de avenidas no centro da cidade, a construção de edifícios, tendo como inspiração a mítica Paris. Como explica Lessa, essas reformas impactaram também culturalmente, sobretudo pelos cidadãos do que era considerada a elite carioca, que foram “procurando individualmente renegar o passado brasileiro, desfazendo associações inconvenientes; ser o mais cosmopolita e menos brasileiro (...); e afirmar sua individualidade pela cópia, se possível singular, de modelos civilizados” (LESSA, 2000, p. 221). Percebemos aí a construção de imaginários a partir do imaginário do outro, no caso, sobre a civilidade dos estrangeiros.

Como aponta Abreu, os anos 1920 foi o momento de mais uma ruptura que aconteceu a partir dos estudos de Gilberto Freyre, influenciado pelo antropólogo americano Franz Boas. E o livro “Casa-grande e Senzala” foi crucial nesse sentido. Como ressalta Lessa (2000), Freyre ajuda a entender o corpo social e a formação da cultura popular do Rio, que, como citamos, teve forte influência africana.

Freyre esteve interessado na cultura nascida da convergência interétnica. Foi estudá-la no interior da casa-grande, não para edulcorar a escravidão mas, talvez, por perceber que este foi o principal espaço de contato, de trocas desiguais entre senhores brancos, seus filhos e os escravos afrobrasileiros inseridos e periféricos na vida doméstico-senhorial (LESSA, 2000, p. 157).

Nesse contexto, a virada se deu em um pensamento que não estava mais centrado na noção de raça, mas de cultura. Assim, características brasileiras vindas da mestiçagem passaram a ser vistas positivamente. “A ideia de uma cultura miscigenada passou a ser vista como o principal traço de uma identidade nacional. O mestiço, caricaturado na figura do malandro carioca e da mulata cabrocha, passou a identificar o Brasil no exterior” (ABREU, 2000, p. 183).

Há anos explorado internacionalmente, esse imaginário brasileiro tem outro marco histórico-institucional, o período da ditadura militar, como apontam Mariana Gomes e Susana Gastal (2015). Para as pesquisadoras, a criação da Empresa Brasileira de Turismo (Embratur), no período, demonstrou a relevância do turismo para o contexto nacional. Assim, a partir de reportagens e de material publicitário, elas mostram como o órgão criou uma imagem internacional que reafirmava a identidade nacional em torno da mestiçagem, da sexualidade e do paraíso (GASTAL; GOMES, 2015).

Na mesma linha de raciocínio, Siqueira e Siqueira (2011) apontam como os corpos — sobretudo os femininos, com exibição do conjunto costas, nádegas e pernas — são mostrados em cartões-postais, entendidos como uma mídia capaz de sintetizar os imaginários sobre uma localidade e impactar na construção do imaginário, no plano de obra coletiva.

Figura 3 - Cartão-postal de Copacabana, praia da cidade do Rio de Janeiro



Fonte: Solda Cartum (in: <https://soldacartum.wordpress.com/2006/03/10/cartao-postal-de-copacabana/#respond>; acesso em: 12/12/2017)

Os autores (2011) analisam em que lugar e em que tempo os cartões-postais alimentam a ideia de local hospitaleiro, quente e sensual. Nesse contexto, como sentenciam os pesquisadores, “a dimensão sexual aparece de forma explícita, como um tipo de discurso que faz movimentar o imaginário do turista” (SIQUEIRA; SIQUEIRA, 2011, p. 673).

Percebemos, assim, a partir desses recortes históricos, como as relações entre nativos, migrantes e imigrantes fazem parte da composição de imaginários que circulam e circularam na cidade do Rio. Percebemos que, em períodos da história carioca, eles surgiram do estranhamento

das relações com o outro, ou seja, das diferenças culturais. Vale lembrar que focamos em momentos de rupturas, mas algumas características foram recorrentes nos períodos históricos escolhidos, como a relação com os corpos brasileiros, sobretudo os femininos.

Constatamos que não há uma sequência linear de imaginários. Eles se sobrepõem e coexistem, transformam-se e ganham significações de acordo com o contexto histórico em que é partilhado. Nos próximos capítulos, essa dinâmica será essencial para entender a sociabilidade mediada pelo Tinder. Aqui, entendendo os processos de construções dos imaginários. Faz-se importante destacar alguns meios pelos quais eles são difundidos, pois é com eles que os atores sociais da pesquisa dialogam antes de terem propriamente a experiência da cidade.

1.3 O Rio entre imagens, músicas, mídias e o Tinder

O exemplo dos cartões-postais e também de livros como o Cortiço, citados no tópico anterior, ajudam a pensar como é possível comunicar elementos a partir de representações sociais, que são partilhadas coletivamente, como ressalta a Sociologia do Imaginário. Percebemos, assim, como essas representações influenciam na construção de determinados imaginários que são difundidos nacionalmente e internacionalmente. Os relatos feitos por viajantes do Brasil Colônia, por exemplo, foram acompanhados por imagens que nos ajudam a refletir sobre isso.

Figura 4 - Inferno do Novo Mundo



Fonte: Livro “Andanças pelo Brasil Colonial”, de Jean França e Ronald Raminelli (2009)

Intitulada de “Inferno do Novo Mundo”, a barbárie em que os nativos brasileiros viviam, relatada pelos viajantes franceses André Thevet, Jean Léry e Nicolas Barré, foi não só descrita em livros, mas também ilustrada em imagens que chegaram ao continente europeu e fizeram parte da construção de imaginários sobre o Brasil. Como ressaltam França e Raminelli (2009), as imagens concedem autenticidade visual ao testemunho dos viajantes. Na imagem, os nativos desnudos são representados como seres atormentados, que interagem com figuras com aspectos diabólicos, caracterizando o “inferno do Novo Mundo”. Enquanto isso, os franceses, com suas vestimentas, mostram a sua civilidade no ambiente cercado pela natureza tropical, que inclui vegetação e mar.

Olhando para um cenário contemporâneo, a música brasileira também tem forte papel na construção de imaginários sobre o Rio de Janeiro, e aqui estamos lidando com o imaginário tipo exportação. A Bossa Nova talvez tenha sido ao longo da história o movimento musical carioca que mais enviou para fora do país símbolos sobre a cidade, seja por meio da representação da mulher brasileira ou das paisagens praianas. O clássico “Garota de Ipanema” (1962)⁹, de Tom Jobim e Vinicius de Moraes, e suas inúmeras traduções rodam o mundo até hoje. Como exemplo pessoal, cito uma experiência fora do Brasil, em 2014. Durante um intercâmbio em Toronto, no Canadá, no jantar do dia de Ação de Graças, a família que me hospedava tentava criar um ambiente para que eu me sentisse à vontade. À noite, minha “mãe canadense” disse que colocaria um disco que ela amava, do seu “brasileiro favorito”. Lá estavam Tom Jobim e sua Garota de Ipanema, “no doce balanço a caminho do mar”.

Mais recentemente, o clipe da música “Vai, malandra”, lançado pela cantora carioca Anitta em 18 de dezembro de 2017, entrou em pauta nas redes sociais, com críticas sobre a hipersexualização das mulheres e a forma como o espaço da favela¹⁰ foi representado. Tais críticas se votlavam ao fato de que o vídeo circularia o mundo todo, reforçando imaginários sobre a mulher brasileira e a favela carioca. Vale destacar que a cantora é a artista brasileira com maior

⁹ Olha que coisa mais linda / Mais cheia de graça / É ela, menina / Que vem e que passa / Num doce balanço / A caminho do mar / Moça do corpo dourado / Do sol de Ipanema / O seu balançado é mais que um poema / É a coisa mais linda que eu já vi passar / Ah, por que estou tão sozinho? / Ah, por que tudo é tão triste? / Ah, a beleza que existe / A beleza que não é só minha / Que também passa sozinha / Ah, se ela soubesse / Que quando ela passa / O mundo inteirinho se enche de graça / E fica mais lindo / Por causa do amor (Música: Garota de Ipanema; Compositor: Tom Jobim; Letrista: Vinicius de Moraes; Ano: 1962).

¹⁰ O clipe foi gravado no Vidigal, favela carioca que atrai passeios turísticos e está localizada à beira do mar, entre as praias do Leblon e de São Conrado.

projeção internacional no momento, com parcerias musicais com cantores latinos, como Maluma e Balvin, e a rapper americana Iggy Azalea.

Figura 5 - Foto da gravação do clipe da música “Vai, malandra”, interpretada por Anitta



Fonte: Matéria do Portal de notícias UOL. Disponível em: <<https://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2018/01/04/vai-malandra-clipe-de-anitta-bate-100-milhoes-de-visualizacoes-no-youtube.htm>> (Acesso em 20 de dezembro de 2017).

Em uma publicação da Revista Veja, em sua página no Facebook, por exemplo, todos os comentários mais curtidos trazem críticas. “Brasil sempre conhecido pelas prostitutas e corrupção! Nada mudou!” [*sic*], comentou Israel Valladas, que recebeu 837 interações. Em quantidade de interações, o comentário acima foi seguido pelo de Wllian Oliveira, com 430 interações (“Os gringo do turismo sexual já tão até planejando a visitinha na favela durante o carnaval” [*sic*]); e pelo de Aline Gorga, com 548 interações:

Chulo, vulgar, nojento, apelativo, de extremo mau gosto... Algumas palavras para definir o novo clipe de Anita "Vai, malandra", que para além de vulgarizar a mulher brasileira, a mostra única e exclusivamente como um verdadeiro objeto sexual, um ser que tem valor apenas em razão de seu bumbum, e que, como uma cadela no cio, estaria pronta para "acasalar" (sim- pq ela é colocada como uma fêmea no cio) incansavelmente a qualquer momento e com qualquer um. Sem dúvida o pior clipe do ano, que passa uma péssima imagem do Brasil e da mulher brasileira, além de ser um desserviço e um péssimo exemplo para crianças e adolescentes. Triste o país que tem Anita com suas músicas de forte apelo sexual dentre uma de suas mais bem sucedidas cantoras, e que, às vésperas do Natal, tem muitos de seus cidadãos aplaudindo e cantando esse clipe que ela gravou. #vergonhaalheia [*sic*]

Por sua vez, na publicação da página Quebrando o Tabu, no Facebook, de 18 de dezembro de 2017, os comentários mais curtidos destacavam a representatividade e a identificação do público feminino com o corpo da cantora, que decidiu não fazer retoques tão comuns nos corpos femininos expostos nos principais meios de comunicação. O comentário mais curtido, com 4,5 mil interações, foi o de Roberta Elias (“Obg Anitta, por nos representar, por cada vez mais mostrar que somos todas lindas do nosso jeito” [sic]), seguido pelos comentários de Leo Feres, com 3,4 mil interações (“Anitta: a única instituição que funciona no Brasil” [sic]), de Luziane Goulart, com 2,1 mil interações (“Entao, se ela pode ter celulite, pq eu... pobre falida, não posso...? kkkkkkk” [sic]) e de Wesley Magno, com 1,9 mil interações (“Mulher bonita é aquela que se sente bem consigo mesma. Mandou muito bem” [sic]).

Percebemos que as críticas à cantora dialogam com uma insatisfação quanto aos imaginários sobre a mulher brasileira hipersexualizada, enquanto que os elogios conversam com o empoderamento feminino, que defende que o corpo feminino pode o que ele quiser. O que parece rico nessa polêmica é a discussão sobre que Brasil e que brasileiros queremos que os estrangeiros enxerguem internacionalmente. Que símbolos quebrariam tabus? O de mulheres emponderadas? O da hipersexualização do corpo feminino? O da favela como espaço promíscuo? Percebemos aqui o poder interpretativo do símbolo ao qual a Sociologia do Imaginário se refere. A mesma representação ganha assim contornos paradoxais, de acordo com as conexões coletivas de distintos imaginários. Percebemos que o olhar para o clipe se diferencia pelo público dos canais de comunicação citados, sendo o primeiro o da Revista Veja, conhecida por um público mais conservador; e o segundo o da página Quebrando o Tabu, que o próprio nome conota para uma forma mais progressista de se pensar paradigmas.

As mídias tradicionais, como televisão e cinema, figuram também como exportadoras de certos imaginários sobre o Brasil. Para mim, é difícil pensar em um único exemplo, então recorro novamente à minha experiência internacional no Canadá, na qual o filme “Cidade de Deus”, para eles “City of God”, foi o mais comentado entre os círculos sociais com que convivi. O longametrage brasileiro, dirigido por Fernando Meirelles e roteirizado por Braulio Mantovani, retratou o cotidiano da favela carioca Cidade de Deus, a partir da perspectiva do cotidiano, do crime e da pobreza.

Figura 6 - Cena de Cidade de Deus



Fonte: Matéria do jornal Folha de S. Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/08/1806087-cidade-de-deus-e-listado-entre-os-br100-melhores-filmes-do-seculo-21.shtml>> (Acesso em 20 de dezembro de 2017)

Em sua pesquisa, Gotardo (2016) faz sua análise no movimento inverso, o de pensar como os estrangeiros nos representam a partir dos documentários de turismo. O que vale destacar nessa análise é a constatação certa de que quem nunca esteve no Brasil dialoga com essas experiências que estão sendo representadas nas músicas, nos filmes, nos documentários. E são esses consumos da brasilidade que impactam na criação desses imaginários a partir dos quais os estrangeiros chegam ao Brasil.

Esses exemplos nos levam a pensar sobre as representações que estrangeiros utilizam no Tinder no Rio de Janeiro, pois muitas delas estão atravessadas por imaginários que são difundidos por essas plataformas comunicacionais. Um período de rica observação foi realizado entre maio e julho de 2016, no qual a cidade sediou as Olimpíadas. O próximo capítulo se dedicará a explorar, portanto, como esses imaginários sobre a cidade ficaram latentes nas representações dos atletas na plataforma.

2 TECNOLOGIAS DENTRO E FORA DAS ARENAS OLÍMPICAS

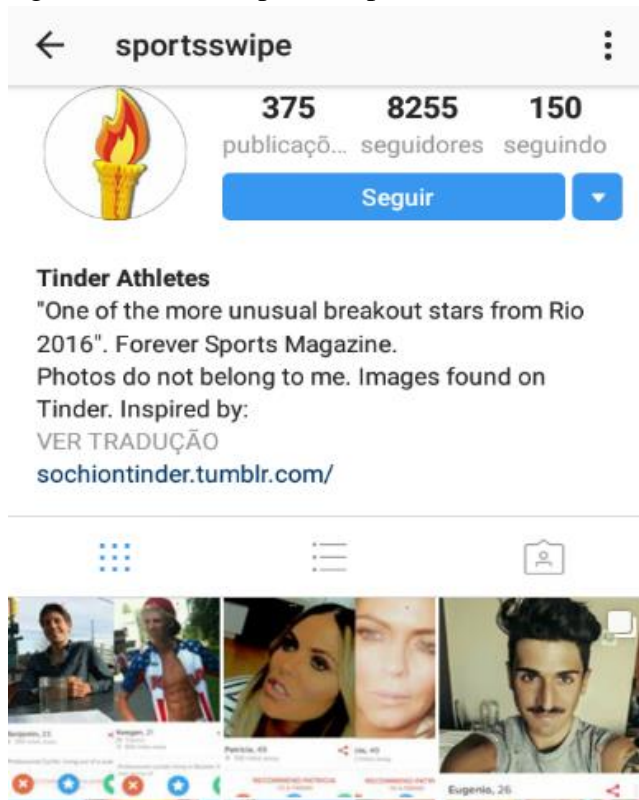
Dentro das arenas e dos estádios, as Olimpíadas Rio 2016 foram marcadas pelas transformações tecnológicas, que impulsionaram as *performances* dos atletas, gerando novos *records* e marcas olímpicas. Fora dos ambientes de competição, as experiências sociais e da cidade foram atravessadas por tecnologias de comunicação e informação, entre elas o Tinder. Foi a primeira vez que o aplicativo lançado em 2012 foi utilizado por torcedores e atletas na cidade-sede do evento, durante a realização de uma Olimpíada de verão¹¹, permitindo que as experiências socioculturais dos atletas também fossem acompanhadas pelo público e pela mídia.

Não é novidade que as Olimpíadas são um momento de intensas trocas socioculturais entre os atletas. Contudo, aplicativos de relacionamentos, a exemplo do Tinder, parecem evidenciar ainda mais a questão. Por meio deles, o público pôde acompanhar não só as notícias esportivas, mas a vida pessoal dos atletas, que também foi exposta dentro dessa ambiência digital, o que pode ser demonstrado pelas reportagens que se tornaram fonte de coleta de informações deste capítulo.

Na etnografia, que será destrinchada no capítulo 4, a observação feita na plataforma durante o período de maio a julho de 2016 indicava a aderência de muitos atletas à plataforma. Junto a ela, a página no Instagram @sportsswipe também foi usada como fonte de observação dos perfis dos atletas. A existência do perfil reitera o interesse do público nesse conteúdo. Em maio de 2017, o perfil continha mais de 375 postagens e era seguido por mais de 8 mil pessoas.

¹¹ A estação referencial da denominação é a vigente no hemisfério norte do planeta.

Figura 7 - Perfil @sportsswipe



Fonte: Instagram

No Tinder, as autoapresentações construídas pelos atletas olímpicos, que remeteram diretamente ao evento, chamaram a atenção dos usuários e das imprensas nacional e internacional, tornando-se interesse de pesquisa. Isso porque nos levou a refletir que os perfis sociais dos atletas uniam certos imaginários sobre as olimpíadas e também sobre a cidade do Rio de Janeiro, sobretudo pela utilização de certos símbolos, que, como defende a Sociologia do Imaginário, ganham caráter cultural. A análise será feita a partir de seis perfis de atletas que participaram das Olimpíadas Rio 2016, três recolhidos durante o evento e três perfis de atletas no Tinder publicados pela página @sportsswipe. Os seis perfis foram escolhidos por apresentarem de distintas formas a combinação dos recursos de fotos e texto na autodescrição. Deste modo, a partir da observação desses perfis, tentaremos refletir sobre a sociabilidade atravessada por imaginários que permeiam este estudo.

Desse modo, a questão que norteia este capítulo é a de que modo os elementos que compõem os imaginários sobre a cidade foram manipulados por atletas olímpicos dentro e fora do Tinder, influenciando nas relações interpessoais dos atletas na cidade. O caso específico que

analisaremos fora do Tinder é o protagonizado pelo nadador estadunidense Ryan Lotche. O atleta recorreu ao imaginário da cidade violenta, ao inventar um assalto para justificar os incidentes ocorridos ao deixar o alojamento olímpico.

A análise dos dados coletados durante as olimpíadas se tornou tão relevante para a pesquisa, ganhando um capítulo só para ela, também porque houve o aumento exponencial do uso do Tinder no Brasil após o evento que gerou grande visibilidade ao aplicativo. Segundo dados oficiais do Tinder, na primeira semana do evento, houve um crescimento de 64% de usuários ativos na cidade e de 129% na região da Vila Olímpica, onde os atletas estavam hospedados¹². Os dados demonstram que os jogos impactaram diretamente no crescimento do uso do aplicativo no Brasil.

Para compor o campo conceitual que embasa a reflexão sobre a temática proposta, somamos o conceito de sociabilidade de Simmel à noção de sociabilidade desenvolvida por Maffesoli, que considera a representação de papéis nas interações sociais. O conceito nos faz retomar os estudos de Goffman sobre a apresentação do eu na vida cotidiana. Sua teoria dramaturgica será crucial para entender a performance desempenhada pelos atletas dentro da arena do Tinder.

2.1 A articulação entre a sociabilidade mediada e os imaginários

O interesse pela vida cotidiana evidenciado na obra de Simmel foi inspiração para alguns sociólogos, como os da Escola de Chicago e Escola de Frankfurt. Os estudos de Maffesoli também têm marcas da sociologia de Simmel, caracterizada por Legros *et al.* (2014) pela originalidade epistemológica e pelo distanciamento do que denominam “estritos métodos positivistas e pelo marxismo grosseiro” (LEGROS; MONNEYRON; RENARD; TACUSSEL, 2014, p. 69). No capítulo anterior, partimos do conceito do alemão para pensar sociabilidade. Aqui acrescentamos o olhar de Maffesoli ao discutirmos tribalismo. O francês aponta a saturação da ideia de individualismo: “(...) ultrapassando a categoria do individualismo, a sociabilidade nos

¹² Matéria do site TechTudo aborda dados sobre a utilização do Tinder nas Olimpíadas Rio 2016. Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2016/08/rio-2016-faz-tinder-bombar-de-usuarios-por-cao-das-olimpiadas.html>> (Acesso em 4 de maio de 2017).

permite *con naitre* (isto é, nascer com) as novas formas de sociabilidade que estão emergindo” (MAFFESOLI, 1998, p. 111).

Característica da sociabilidade: a pessoa (*persona*) representa papéis, tanto dentro de sua atividade profissional tanto no seio das diversas tribos que participa. Mudando o seu figurino, ela vai de acordo com seus gostos (sexuais, culturais, religiosos e amicais) assumir o seu lugar, a cada dia, nas diversas peças do *theatrum mundi* (MAFFESOLI, 1998, p.108).

A partir de observações no Tinder, tornou-se perceptível que as características do funcionamento do aplicativo interferem nas formas como os usuários se apresentam em seus perfis. Isso porque eles precisam se destacar entre milhões de possíveis interagentes na plataforma para iniciarem o diálogo com outros usuários. A partir da ideia de organização social do tribalismo, que constitui a sua noção de sociabilidade, Maffesoli (1998) enfatiza que, a cada época, seja no período medieval ou no moderno, há a prevalência de um tipo de sensibilidade, um tipo de estilo, que caracterizam as relações que estabelecemos com os outros (MAFFESOLI, 1998). No contexto da emergência de aplicativos de relacionamentos, a partir da aproximação do objeto em observação, foi possível constatar que os usuários recorrem a figurinos, como denomina o sociólogo francês, para se posicionarem nessa sociabilidade mediada pelo Tinder.

As nomenclaturas escolhidas por Maffesoli para compor a noção de sociabilidade nos remetem aos estudos de psicologia social desenvolvidos por Erving Goffman (2014), um dos principais nomes da Escola de Chicago. O canadense desenvolve uma análise da vida social a partir de um quadro referencial da dramaturgia, em que os atores, seja no espaço de trabalho ou em casa, atuam de forma performática. O que Maffesoli denominou como figurino nos leva a pensar no que Goffman caracterizou como “fachada”. Ela seria o “equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação” (GOFFMAN, 2014, p. 34). No caso do Tinder, essa expressividade é imagética. Ela se dá na fotografia e nos elementos simbólicos presentes nela, que só podem ser interpretados – como estimula a Sociologia do Imaginário – em um contexto. Na presente pesquisa, recorreremos ao contexto histórico, entendendo que os imaginários sobre as identidades nasceram na perspectiva do encontro com o outro e nas diferenças observadas em um processo de construção. A partir da teoria dramaturgic, podemos denominar esse contexto como “cenário”.

Se tomarmos o termo “cenário” como referente às partes cênicas de equipamento expressivo, podemos tomar o termo “fachada pessoal” como relativo aos outros itens de equipamento expressivo, aqueles que de modo mais íntimo identificamos com o próprio ator, e que naturalmente esperamos que o sigam onde quer que vá. Entre as partes da fachada pessoal podemos incluir os distintivos da função ou da categoria, vestuário, sexo, idade e características raciais, altura e aparência, atitude, padrões de linguagem, expressões faciais, gestos corporais e coisas semelhantes (GOFFMAN, 2014, p. 36).

Citadas por Goffman, as figuras do “cínico” e do “sincero” também são exemplos que dialogam diretamente com a análise pretendida pelo estudo. O primeiro é o indivíduo que não crê na sua própria atuação e não se interessa pelo que seu público acredita. Já o segundo seria aquele que acredita na própria representação. Os atletas olímpicos, na ambiência do Tinder, assumiriam o papel do “sincero” ao se dedicarem a essa construção por meio de imagens e autobiografias e por acreditarem naquela representação, como analisaremos a seguir.

Ao analisar a criação de “personas” no Facebook, “entendendo o termo ‘persona’ (de mesma raiz etimológica de ‘personagem’, do latim *per sonare* que significa ‘soar através de’)”, Polivanov (2014, p. 198) explora a perspectiva da pesquisadora estadunidense Danah Boyd, que defende que, nos ambientes de sites de redes sociais, os perfis devem ser vistos como uma construção discursiva direcionada para um público. A autora (2014, p. 199) conclui, assim, que persona não carrega o sentido de uma construção falsa ou enganosa, mas se trata de uma versão de si, “selecionando comportamentos e materiais de acordo com a impressão que querem causar à sua audiência em determinado momento”.

Trazendo essa perspectiva para o contexto das Olimpíadas Rio 2016, foi possível identificar que, em suas experiências sociais e de cidade, alguns atletas se utilizaram de referências diretas ao evento na construção dos seus perfis, ou seja, a versão de si no cenário do Rio de Janeiro que interessava era a de atleta olímpico, como elemento que poderia agregar às interações estabelecidas na plataforma. Para Maffessoli, essa representação de papéis, visível na autenticidade dramática do social, corresponde à superficialidade da sociabilidade. Em sua análise, superficialidade não ganha uma conotação pejorativa, ao contrário. Para o sociólogo, no contexto da vida cotidiana, a profundidade pode ocultar-se na superfície das coisas. E, nesse sentido, a aparência surge como fator de agregação (MAFFESOLI, 1998, p. 109).

Aderindo a esse entendimento de sociabilidade para analisar a representação dos personagens centrais das Olimpíadas no Tinder, destacamos alguns aspectos dessa profundidade presente na superfície das fotos e nas autodescrições usadas pelos atletas. As pistas iniciais foram

percebidas pela recorrente exploração dos corpos (que analisaremos a seguir), que nos encaminha ao entendimento que imaginários específicos podem estar por trás dessa escolha. Na perspectiva de Maffesoli, o imaginário é resultado de um corpo social e, ao mesmo tempo, ele se materializa nesse mesmo corpo social, em um movimento de constante retroação (MAFFESOLI, 1998, p. 104).

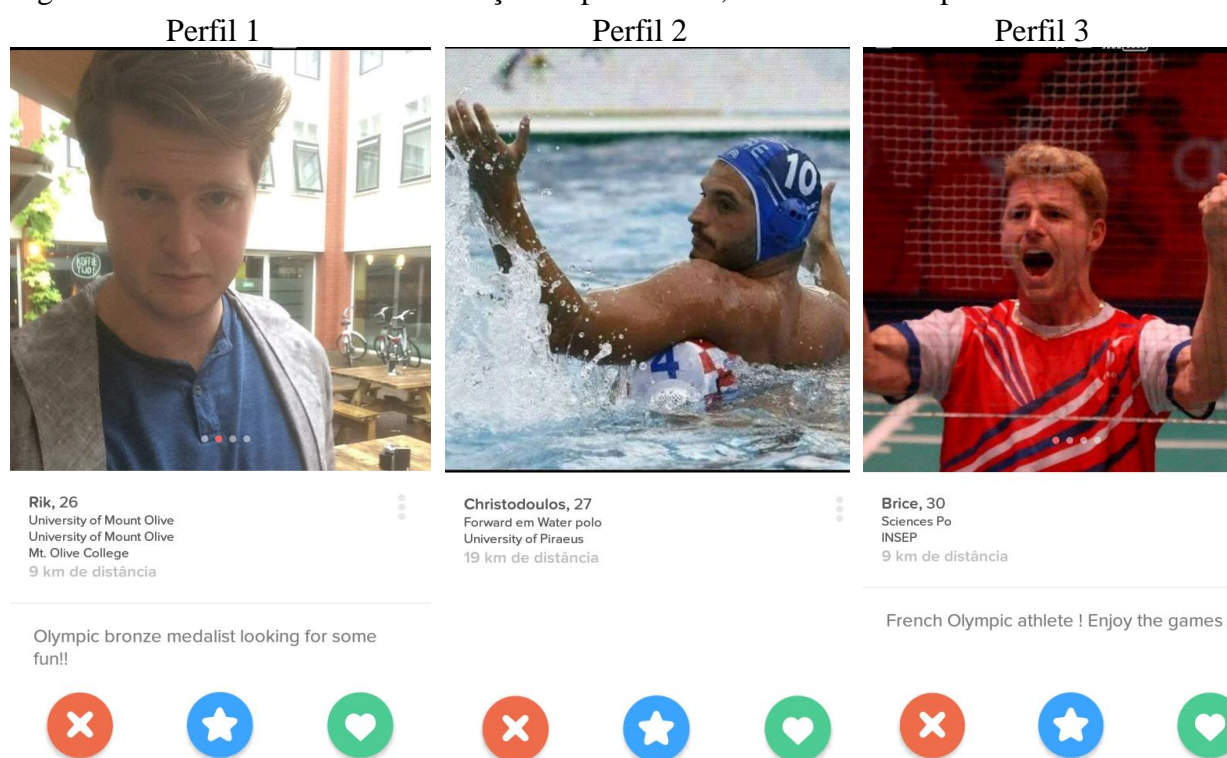
Identificamos, assim, uma articulação entre a sociabilidade do Tinder e a presença de certos imaginários sobre o Rio de Janeiro, sobre as olímpiadas e sobre os seus próprios países de origem. Ela se dá nas representações dos atletas na plataforma, que recorrem a símbolos carregados de diferentes conotações em seus figurinos ou fachadas pessoais, sobretudo no que tange questões culturais. Entendemos cultura a partir dos Estudos Culturais, em sua difícil e complexa definição, como aponta Hall (2013). “Em suas várias formas, ele [Estudos Culturais] conceitua cultura como algo que se entrelaça a todas as práticas sociais; e essas práticas, por sua vez, como uma forma comum de atividade humana: como práxis sensual humana, como a atividade através da qual homens e mulheres fazem a história” (HALL, 2013, p. 141).

2.2 Pelos imaginários dos atletas: a performatização olímpica no Tinder

Como já ressaltado, não foi apenas nos campos e nas arenas que os atletas mostraram suas performances olímpicas. No Tinder, eles utilizaram o megaevento esportivo como temática nas construções de seus perfis, seja por meio de foto e/ou texto, de forma indireta ou direta. Para entender como essas representações dialogam com a perspectiva de imaginários, vamos recorrer à proposta interpretativa dos símbolos da Sociologia do Imaginário. A ela unimos o conceito de fachada de Goffman, entendido também em seu olhar coletivo. “A fachada torna-se uma ‘representação coletiva’ e um fato, por direito próprio. Quando um ator assume um papel social estabelecido, geralmente verifica que uma determinada fachada já foi estabelecida para esse papel” (GOFFMAN, 2014, p. 40). Posto isso, entendemos que os símbolos recorridos pelos atletas fazem referência a uma imagem pré-estabelecida do papel olímpico. E o cenário do Rio de Janeiro daria contornos particulares em detrimento de imaginários que a cercam.

Assim, como já destacado, os três primeiros perfis analisados foram recolhidos em observação no Tinder durante as olimpíadas, que identificou a presença constante de usuários em ação esportiva. Tal “comportamento atlético” não era recorrente em período anterior às Olimpíadas, como foi observado em etapa exploratória da pesquisa, iniciada em março de 2016. Como se pode notar nos *print screenshots* destacados a seguir, feitos diretamente na plataforma, os perfis 1, 2 e 3 utilizam diferentemente os recursos de foto e de autodescrição nas suas representações na plataforma.

Figura 8 - Perfis colhidos em observação na plataforma, durante as Olimpíadas Rio 2016



Fonte: Tinder13

O primeiro perfil usa fotos em ambientes aleatórios, não há uma exploração do corpo, o foco da imagem escolhida está no rosto e, caso o usuário não abra a descrição, ele não teria a referência olímpica na primeira visualização do perfil. Contudo, na autodescrição, o usuário do Perfil 1 não só deixa claro que é um atleta olímpico, como é medalhista de bronze, na sentença “Olympic bronze medalist looking for some fun” (Medalhista de bronze olímpico procurando por

¹³ Entendemos que, quando os usuários aceitaram os termos de uso do aplicativo, eles concordaram que suas imagens são públicas. E, nesta análise, as expressões seriam importantes.

diversão, em tradução livre). Ainda que não haja exploração do corpo diretamente, ao revelar que foi premiado na competição, é possível constatar que seu desempenho nos jogos é usado estrategicamente para estabelecer interações no Tinder, que ele mesmo deixa claro qual é: “some fun” (diversão, em tradução livre). A expressão “some fun” pode ser uma alusão direta à ideia de paraíso ou até mesmo a experiências sexuais, retomando assim aos imaginários difundidos do Brasil no exterior, a imagem de um Brasil erótico e exótico, como afirmam Gastal e Gomes (2015).

No Perfil 2, o usuário dispensou o uso do espaço de texto para autodescrição. Apostou apenas em uma foto na construção de seu perfil, na qual pratica polo aquático. Como percebemos na imagem, não é possível saber se o usuário é um atleta olímpico ou não, pois ele não delimita a informação claramente. Entretanto, ao utilizar a imagem do corpo em ação, praticando um esporte olímpico, o usuário faz referência direta ao evento esportivo. A sua face nem é possível de ser vista frontalmente. Percebemos, assim, que o que interessa no contexto das Olimpíadas é a ação do corpo, compondo o imaginário esportivo do evento. Outra análise possível da ausência de descrição é o fato de o atleta já ser conhecido, e assim não precisaria nem se apresentar. Em termos performáticos, a tática poderia ser de sutileza, uma vez que a descrição textual pode soar como exagerada ou até mesmo piegas.

O último perfil escolhido utiliza a referência dos jogos tanto na foto, como na descrição. O Perfil 3 aponta na parte de autodescrição que se trata de um atleta olímpico francês e sugere aos usuários da plataforma que aproveitem os jogos, na sentença “French Olympic athlete! Enjoy the games” (Atleta olímpico francês! Aproveite os jogos, em tradução livre). Na foto, o atleta está em ação, praticando vôlei de quadra, provavelmente comemorando um ponto. Todos os símbolos performáticos do corpo atlético praticando um esporte e comemorando um momento bem sucedido mostram quais estratégias o atleta escolheu para ser bem sucedido em suas interações no Tinder. Elas incluem referência direta às Olimpíadas em todos os recursos disponíveis pelo aplicativo, usando a visibilidade do evento como forma de se destacar entre os outros usuários.

Os outros três perfis analisados são femininos e foram retirados da página do Instagram @sportsswipe, que se dedicou a reunir perfis de atletas olímpicos durante as Olimpíadas.

Figuras 9 - Perfis de atletas olímpicas no Tinder, publicados na página do Instagram @sportsswipe

Perfil 4



Elizabeth, 23
University of Florida
6617 miles away

Florida Gator originally from Rhode Island
dabble in swimming.

Perfil 5



Ingrid, 20
Athlete
6617 miles away

Olympic Diver 🇧🇷

Perfil 6



Kassidy, 21
Stanford University
Stanford University
6617 miles away

2016 Olympic Diver, Team USA.

Fonte: Página do Instagram @swipessport

Em uma das fotografias que compõe o Perfil 4, a atleta faz referência direta aos Jogos Olímpicos Londres 2012, nos quais foi medalhista, como é possível ver na imagem. Nesse sentido, a atleta utiliza como estratégia para suas interações o fato de já ter sido medalhista olímpica, o que a destaca não só entre os outros usuários da plataforma, mas também entre outros atletas. Isso é feito de uma forma indireta ao não utilizar no texto, como no perfil 1, e sim na foto de perfil, porém ganha ainda mais visibilidade. Na descrição autobiográfica, ela explora o esporte que pratica, a natação, e indica a nacionalidade estadunidense, na sentença “Florida Gator originally from Rhode Island dabble in swimming” (Membro do Florida Gator¹⁴ – programa de esportes da Universidade da Flórida – do estado americano Rhode Island imersa na natação, em tradução livre). As referências que os outros usuários poderiam ter em relação à atleta estão ligadas à sua origem, à atuação profissional e à aparência física, além da participação no evento

¹⁴ O Florida Gator é considerado um dos principais programas esportivos universitários dos Estados Unidos.

olímpico anterior, que foram feitas de forma detalhada, demonstrando o seu local de fala e todos os significados que poderiam ser interpretados a partir dele.

O quinto perfil analisado não faz referência direta aos jogos olímpicos na foto. O mote principal da imagem da atleta brasileira é a “brasilidade”, constatada diretamente por meio da canga de praia com o nome do país estampado. A atleta dos saltos ornamentais, informação que ela traz na autodescrição, reforça a nacionalidade do país-sede das Olimpíadas com o *emoticon* da bandeira brasileira. A usuária não utiliza na foto a *performance* do corpo na prática do esporte, mas explora o mesmo ao usar uma foto de corpo inteiro, na qual a face não aparece frontalmente, destacando assim a estrutura corporal da atleta. A escolha reforça o imaginário em relação ao Rio de Janeiro, ressaltado no capítulo anterior na pesquisa de Denise Siqueira e Euler Siqueira, como um local hospitaleiro, quente e sensual. Outro ponto relevante é que a descrição da atleta é feita em inglês, o que demonstra a possibilidade de interagir com usuários de diferentes nacionalidades.

O último perfil que compõe a análise utiliza uma foto em ambiente aleatório, sem nenhuma referência direta aos jogos olímpicos, demonstrando a descontração no sorriso e ao segurar um coquetel de bebida nas mãos. No entanto, assim como no Perfil 1, a atleta enfatiza em sua autobiografia que é atleta olímpica dos saltos ornamentais, além de informar sobre sua nacionalidade (estadunidense). Utiliza-se também da sutileza para destacar que fazia parte do contexto olímpico, porém sem usar da *performance* como atleta para tal.

Ainda que de maneiras distintas, explorando fotos e/ou texto, de forma direta ou indireta, atletas fizeram referências claras ao evento esportivo, compondo o imaginário olímpico de corpos atléticos, que foi usado como mote principal de alguns atletas no Tinder. Em comum a todos os perfis, percebemos que a referência olímpica era a mais importante na autobiografia no contexto dos jogos. Diferentemente de outros usuários, eles não exploram características de personalidade, de comportamento, de gostos, de interesses, entre outros. Os imaginários dos corpos como elementos atrativos estão presentes nos perfis dos atletas que escolhem fotos em que estão atuando como esportistas e os imaginários da cidade olímpica estão implícitos nos indícios de liberdade e relaxamento nessas representações. Emerge também a interpretação do corpo olímpico na cidade da diversão, seja no âmbito social ou sexual.

A localidade como elemento que compõe as autoapresentações no Tinder foi explorada por Sá (2016) em sua pesquisa que discute a *performance* de si de usuários da plataforma virtual

no bairro de Icaraí, em Niterói-RJ. Trata-se de um bairro considerado “nobre”, à beira da praia. Durante a sua pesquisa, a qual pensava se tratar de usuários de uma mesma localidade, Sá encontrou no campo origens de bairros e cidades próximas, como Maricá e São Gonçalo. O que parece certo na análise é a constatação da dissolução de barreiras físicas na sociabilidade do Tinder e a estruturação de comunidades virtuais que se reconfiguram (SÁ, 2016). No contexto da presente pesquisa, acrescenta-se a essa análise o fato de que o Tinder seria um espaço virtual de compartilhamento de inúmeros imaginários, sustentados por símbolos, imagens e textos manipulados pelos usuários em suas autoapresentações.

Constatamos aqui que os atletas oriundos de países de todo o mundo parecem ter em mente uma representação sobre o que seria uma “identidade nacional brasileira”, construída historicamente a partir de uma visão totalizante e reducionista, como apontam Denise Siqueira e Euler Siqueira (2011) acerca das representações em cartões-postais. A única brasileira entre os perfis analisados (perfil 5) parece reforçar os imaginários dos corpos esculturais nas praias. Como bem destacou Gotardo (2016), nem todo carioca gosta de praia ou tem um corpo sarado, porém muitos estrangeiros dialogam com esses imaginários devido às representações que foram feitas ao longo de um percurso histórico por estrangeiros e brasileiros. E, como vimos, alguns veículos comunicacionais têm papel fundamental nessa difusão. A seguir, veremos o destaque dado pela imprensa nacional e internacional à presença dos atletas na plataforma.

2.3 Caso Ryan Lochte: o Rio a partir do Tinder na imprensa nacional e internacional

No posfácio da obra “Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet”, os historiadores Asa Briggs e Peter Burke (2004) ressaltam o destaque dado na atualidade ao esporte na maioria das mídias globais, o que para eles ficou claro na cobertura massiva feita por diversos meios de comunicação durante as Olimpíadas de Atenas 2004. No entanto, o destaque na cobertura dos jogos, como resalta Marialva Barbosa (2007), pode ser percebido desde a década de 1930, sendo as olimpíadas de 1936, em Berlim, consideradas o primeiro grande evento televisivo. A Alemanha, um dos primeiros países europeus que realizou transmissões televisivas, já fazia testes com a televisão desde 1929, mas foi em 1936 que ela, por meio do evento, atingiu o público significativo de 160 mil espectadores.

Na análise dos historiadores britânicos, há uma crítica implícita às coberturas contemporâneas, que fazem o uso constante da palavra “histórico”, no qual, para os autores, a efemeridade dos fatos é percebida nos relatos midiáticos diários do evento esportivo.

A palavra "histórico" é agora usada mais em relação aos eventos esportivos do que para os econômicos, políticos e diplomáticos, pois a mídia se concentra no dia (hoje e amanhã) e na semana, muitas vezes sugerindo o que irá acontecer, e não relatando o que já aconteceu. A maior parte das coisas é efêmera (BRIGGS; BURKE, 2004, p. 108).

Essa efemeridade parece estar ligada não só aos relatos midiáticos do evento, mas também ao comportamento reproduzido pelos atletas fora dos estádios. Usuário assumido do Tinder¹⁵, o nadador Ryan Lochte foi figura central de um escândalo em que relatou um falso assalto na cidade para justificar a ausência na madrugada na Vila Olímpica e um caso de vandalismo.

O nadador estadunidense, uma das principais estrelas da sua delegação, ofuscado apenas por Michael Phelps, saiu para comemorar com outros colegas a medalha de ouro olímpica conquistada no evento esportivo. Como relatado em matéria do portal do jornal El País¹⁶, Lotche, acompanhado dos nadadores Gunnar Bentz, Jack Conger e Jimmy Feigen, estiveram em uma badalada festa na Casa França, onde ficaram com algumas mulheres e consumiram bebida alcoólica.

A confusão começou após a saída do evento, por volta das 6h da manhã (e não às 4h, como eles declararam em depoimento), como contou o taxista que conduziu os esportistas para a Vila dos Atletas. No caminho, eles pediram para ir ao banheiro em um posto de gasolina, na Barra da Tijuca. Lochte estava muito exaltado e, além de parte do grupo urinar na rua, quebraram uma placa do posto de gasolina, espelhos, saboneteiras e a porta do banheiro. Eles foram advertidos por seguranças armados que trabalhavam no local, e todos se acalmaram, com exceção de Lochte. Eles tentaram resolver o conflito com dinheiro, R\$ 100,00 e uma nota de 20 dólares, o que não cobria o prejuízo causado.

Após o ocorrido, Lochte contou aos jornais que ele e os colegas tinham sido assaltados por homens armados em um posto de gasolina, versão que foi desmentida pelas várias

¹⁵ Matéria do Daily Mail relata como Ryan Lochte e Kayla Rae se conheceram no Tinder. Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/news/article-3734135/He-Tinder-Tinder-Ryan-Lochte-s-Playboy-Playmate-girlfriend-opens-time-relationship-met.html>> (Acesso em 19 de fevereiro de 2018).

¹⁶ <Matéria do El País relata o episódio de vandalism protagonizado por Ryan Lochte. https://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/19/politica/1471560426_231747.html > (Acesso em 19 de fevereiro de 2018).

testemunhas que acompanharam o episódio de vandalismo. Ele tinha motivos para mentir: a namorada, Kayla Rae, que o esperava; e o seu elevado estado de alteração de comportamento. Como pode ser visto na figura a seguir (figura 10), as machetes do jornal estadunidense Daily News contaram primeiramente a versão do nadador e depois a versão dos fatos já apurada pela polícia brasileira: “Robbed at the Olympics” (Roubado nas Olimpíadas, em tradução livre) e “The Lochte mess monster” (A bagunça mostra de Lochte, em tradução livre), respectivamente.

Figura 10 - Jornal estadunidense Daily News destaca o suposto assalto e depois a farsa



Fonte: Matéria do Portal Globo Esporte <<http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2016/08/comite-olimpico-dos-estados-unidos-pede-desculpa-ao-rio-e-aos-brasileiros.html>> (Acesso em 19 de fevereiro)

Constatamos que o nadador recorreu a outro imaginário ligado ao Rio de Janeiro: o da violência urbana. E, até que a história fosse apurada, a versão que foi divulgada em todo o mundo foi a do contexto violento na cidade. Lochte aparenta acreditar em um imaginário de país sem lei, onde poderia fazer o que quisesse, pois não seria punido. A nacionalidade estadunidense e o prestígio talvez fossem outras garantias de impunidade. Após o esclarecimento do fato, o comportamento de Lochte foi condenado pela opinião pública nos Estados Unidos, porém, além da perda dos principais patrocinadores, o atleta não foi penalizado formalmente.

Lessa (2000) identifica a emergência desse imaginário de violência atrelado ao Rio nas últimas décadas do século XX, período de esvaziamento econômico, financeiro e de atrofia do peso político do

Rio de Janeiro, nos cenários nacional e internacional. A partir de dados industriais, o pesquisador descreve como a cidade viveu um momento em que seu território parecia “quebrado”, ao qual ele denominou de “cidade-partida”. E foi nesse cenário que emergiu as narrativas de violência urbana e de maior visibilidade das questões sociais e do crime organizado.

A Cidade Maravilhosa, objeto de desejo dos brasileiros, foi sendo progressivamente dissolvida e, por muitos, desqualificada. O Rio, de comprovante das potencialidades do país, converteu-se no testemunho dos desequilíbrios e distâncias socioeconômicos nacionais e no paradigma de má qualidade de vida urbana. A imagem de paraíso urbano-tropical é incompatível com a violência metropolitana (LESSA, 2000, p. 14).

Um dos principais nomes dos Estudos Culturais latino-americanos, Canclini (2015) analisa os imaginários culturais acerca do contraste entre as cidades e cita também o que levou o Rio de Janeiro – assim como Buenos Aires, Lima e Caracas – a receber o título de “cidades paranoicas”. Para Canclini (2015), “não atuamos na cidade só pela orientação que nos dão os mapas ou GPS, mas também pelas cartografias mentais e emocionais que variam segundo os modos pessoais de experimentar as interações sociais” (CANCLINI, 2015, p. 15). Retornando ao uso do Tinder, inferimos que a possibilidade de um estrangeiro explorar a cidade ao lado de um nativo que conheceu no aplicativo também pode ser considerada uma forma de segurança, considerando que muitos turistas dialogam com os imaginários sobre a “cidade do medo”.

Retornamos aqui ao termo “efemeridade”, pois é essa a lógica que também parece visível nessas interações do Tinder, mediada por fotos e autodescrições que pouco dizem sobre os interagentes. Velocidade e praticidade nas experiências se tornaram atrativos para aqueles que buscam a plataforma. A vivência de apenas um mês na Vila Olímpica estimula que esses laços sejam construídos de forma rápida, o que torna o Tinder uma ferramenta útil na construção dessa sociabilidade.

Não por acaso, o Rio de Janeiro teve uma distribuição *record* de preservativos para os atletas. Foram mais de 450 mil para os componentes das mais de 200 delegações, quantidade três vezes maior que a oferecida pelo Comitê Olímpico nas Olimpíadas de Londres 2012¹⁷. A medida talvez tenha sido tomada também por imaginários da cidade e pela ciência de que os usos de plataformas como o Tinder poderia aumentar as relações sexuais. O fato reforça o imaginário do Rio de Janeiro como local de liberdade sexual, como observado no tópico anterior.

¹⁷ Matéria do Portal G1 aborda a distribuição *record* de preservativo em jogos olímpicos. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/olimpiadas/rio2016/noticia/2016/05/rio-2016-tera-distribuicao-recorde-de-preservativos-para-evitar-dsts-e-zika.html>> (Acesso em 10 de maio de 2017).

Figura 11 - Imprensa nacional e internacional destaca a presença de atletas no Tinder

EXTRA

Famosos Retratos da Bola

04/08/16 06:01 04/08/16 07:07 [Tweelar](#)

ATLETAS USAM APLICATIVO DE RELACIONAMENTO EM BUSCA DE BRASILEIRAS DURANTE A OLIMPÍADA

Concluído Concluído

Os comentários são de responsabilidade exclusiva de seus autores e não representam a opinião deste site. Se achar algo que viole os **termos de uso**, denuncie. Leia as **perguntas mais frequentes** para saber o que é impróprio ou ilegal.

20 COMENTÁRIOS

Comentários Encerrados

A maioria gatos!!!!...vou me inscrever no Tinder :) :* <3
kkkkkkkkkkkk

Manecao, há 1 ano [DENUNCIAR](#)

13 3

EXTRA DIGITAL R\$ 2,00/mês por 6 meses

NOVA COSMOPOLITAN Especial Cabelos Dicas de Sexo Beleza

AMOR E SEXO

Olimpíada magia! Os gatos (e atletas) gringos que encontramos no Tinder

Nossa correspondente encarou a dura missão de garimpar atletas e torcedores da Rio 2016 nos apps de relacionamento.

Por **Carolina Menezes (colaboradora)**

© 22 out 2016, 19h12 - Publicado em 5 ago 2016, 12h33

OLYMPICS AND CHILL ‘A sexually charged time’: Inside Rio Olympic’s Tinder game where athletes are getting their swipe on

Athletes are using apps like Tinder as they look to escape the pressures of competition inside the Olympic Village




SPORTS

These are the Olympic athletes using Tinder in Rio

By Jackie Salo

August 9, 2016 | 8:17am

Fonte: Portais do Jornal Extra, Revista Cosmopolitan, The Sun e New York Post

Como ilustrado pela figura 10, a imprensa nacional e internacional destacaram a presença dos atletas no Tinder dentro desse contexto de liberdade sexual, como vemos nas manchetes dos jornais nacionais e internacionais. O que podemos perceber a partir das manchetes é que a experiência olímpica no Tinder estava sempre atrelada à localidade Rio, como nos títulos do *The Sun* e *New York Post*, respectivamente: “*Olympics and Chill ‘A sexually charged time’: Inside Rio Olympic’s Tinder are where athletes are getting their swipe on*” (Jogos Olímpicos e diversão 'Um tempo de carregamento sexual': Dentro das Olimpíadas do Tinder do Rio, os atletas estão

fazendo seu deslize, em tradução livre) e “*There are the Olympic athletes using Tinder in Rio*” (Estes são os atletas olímpicos usando Tinder no Rio, em tradução livre).

As Olimpíadas Rio 2016 podem ser consideradas o mais recente momento contemporâneo de exportação de imaginários sobre o Rio de Janeiro e sobre os brasileiros para o mundo. Como percebemos, esses imaginários estão atravessados por representações oriundas desde o século XVI, que atravessam os símbolos culturais do local exótico, erótico, não civilizado, hospitaleiro, do paraíso tropical, entre outros. Representações paradoxais que permeiam as interações de estrangeiros com brasileiros no Tinder e fora dele. Nesse sentido, o que se faz importante discutir agora são as categorias “estrangeiros” e “brasileiros”. Ainda é possível pensar a partir dessas identidades?

3 IDENTIDADES, INTERCULTURALIDADE E FRONTEIRAS: QUE EXPERIÊNCIA DE CIDADE É ESSA?

A gente já sabe que marcar com brasileiro não é nenhuma coisa disciplinada. E sim uma coisa que a sorte da vida tem que abençoar mesmo. E os encontros no Tinder não são nenhuma exceção [*sic*].

Colaborador 1¹⁸ - estadunidense, 23 anos, um ano e meio no Rio de Janeiro

Se os estrangeiros chegam ao Brasil sendo chamados de “gringos”, os cariocas e também os brasileiros residentes no Rio de Janeiro levam consigo pelo mundo um imaginário sobre o que é “ser brasileiro”. Tal imaginário, em geral, é formado por uma combinação de elementos da nossa cultura, como identificamos anteriormente. Na presente pesquisa, denominamos os atores sociais como estrangeiros¹⁹ e brasileiros residentes, talvez embasado em um senso comum de que o primeiro é aquele que vem de fora, enquanto o segundo seria “nativo”. Contudo, o questionamento que emerge é se essas categorias atendem as demandas complexas das sociedades cada vez mais em interações, em um processo de globalização. Deste modo, este capítulo busca responder de que modo as tecnologias de comunicação, com foco no Tinder, têm atravessado as fronteiras físicas e identitárias das nações.

Essa problematização surge na esteira do pensamento de Stuart Hall (2013), um dos principais nomes dos Estudos Culturais britânico, que aponta uma crise em variadas disciplinas acerca do conceito de identidade e, ao mesmo tempo, afirma que é ainda possível pensá-la sob rasura, sob condição de desconstruir os preceitos originais de identidade. Para o sociólogo, “é na tentativa de rearticular a relação entre sujeitos e práticas discursivas que a questão da identidade (...) volta a aparecer” (HALL, 2013, p. 105). A partir da percepção da recorrência a símbolos que

¹⁸ A questão do compromisso fez parte da primeira etapa de entrevistas desta pesquisa e será usada como exemplo para discutir identidade neste capítulo. Os três estrangeiros contactados responderam no mesmo dia ou, no máximo, no dia seguinte. Por sua vez, dos três brasileiros que se comprometeram a participar da pesquisa, todos disseram ter esquecido e responderam após “cobrança” e espera de um prazo de uma semana ou mais.

¹⁹ Em definições do Dicionário Aurélio, estrangeiro seria “3. Que é de outra nação. 4. Que não é nacional”. Disponível em: <<https://dicionarioaurelio.com/estrangeiro>> (Acesso em 15 de dezembro de 2017).

ligam a uma identidade nacional, entendemos que, nas interações entre os estrangeiros usuários do Tinder no Rio de Janeiro e os brasileiros residentes na cidade, há uma construção discursiva muito própria aos viajantes. E, neste capítulo, a partir de seis perfis recolhidos na plataforma, vamos discutir a questão.

Para tal, vamos recorrer a mais um ramo da sociologia como contraponto para pensar essas relações mediadas pelo Tinder. A Sociologia da Experiência, que tem François Dubet como um dos principais expoentes, vai nos mostrar a dimensão individual de possíveis trocas sociais e, deste modo, um olhar particular para pensar identidade. Para tencionar também essa corrente de pensamento, recorreremos ao conceito que analisa interações sociais cotidianas em um contexto relacional, o de interculturalidade de Demorgon (2004). A proposta do sociólogo francês será fundamental para pensarmos em alternativas para discutir essas identidades contemporâneas, que, como aponta Hall, estariam em crise. A noção de fronteiras de Agier (2013) também será importante nesse sentido. O autor propõe ir além da ideia de fronteira física, dos muros e das divisões territoriais, emergindo a ideia de uma perspectiva simbólica do termo, que dialoga diretamente com as interações interpessoais que estamos analisando.

Para entender de modo mais claro como as experiências de cidade analisadas estão relacionadas com a plataforma comunicacional que faz sua mediação, observamos alguns aspectos da materialidade do Tinder. Ou seja, pensaremos como elementos de sua configuração e da apresentação gráfica influenciam nessas interações específicas entre estrangeiros e residentes. A configuração “Passaporte” surge como elemento central, pois, com ela, antes mesmo de chegar ao destino, os usuários já podem começar a interagir com os locais. A ferramenta, exclusiva da versão paga do aplicativo, permite que o usuário troque a localização de possíveis interagentes para qualquer lugar do mundo, extrapolando o raio de 161 quilômetros disponíveis na configuração de geolocalização da versão gratuita.

Assim, iniciamos a discussão a partir do depoimento introdutório do capítulo, no qual o colaborador 1 fala sobre a dificuldade de agendar e efetivar compromissos com brasileiros, característica que apareceria, em sua percepção, no cotidiano do Rio de Janeiro e que no Tinder não seria diferente. Em etapa de entrevista com os colaboradores brasileiros, tive dificuldade de agendamento e de obter as respostas dentro do tempo combinado, o que dialoga com a percepção do estadunidense. Vale ressaltar que, com os estrangeiros, o comportamento foi o oposto, tendo todos eles atendido prontamente ao pedido. A partir do fato, surgem as provocações: é possível,

assim, falar que brasileiros moradores do Rio de Janeiro têm dificuldade de assumir com seus compromissos? O descompromisso é uma das marcas de nossa identidade? Afinal de contas, é possível ou não falar em identidade?

3.1 É ainda possível falar de identidade?

No texto “Quem precisa da identidade?”, Stuart Hall revisita o conceito que atravessa várias disciplinas e que foi notório em suas principais obras. O Autor de “A identidade cultural na pós-modernidade” e “Da Diáspora: identidades e mediações culturais” propõe repensar o conceito que para ele estaria em crise. Vale então retomar como Hall problematizou a ideia de identidade na primeira obra mencionada, em que já apontava um declínio no pensamento moderno sobre identidade, que se trataria de algo unificado e estável. No contexto do que ele chama de modernidade tardia ou pós-modernidade, tal definição não daria conta mais de pensar essas identidades culturais. Para ele, havia a emergência de uma identidade descentrada e fragmentada.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento-descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - constitui uma "crise de identidade" para o indivíduo (HALL, 2005, p. 9).

Apresento aqui, de forma resumida, de que modo Hall identifica cinco dinâmicas para explicar a “crise de identidade” do indivíduo moderno estável do Iluminismo e a emergência do sujeito descentrado, com identidades abertas, contraditórias e inacabadas. A primeira delas está na reinterpretação da obra de Marx, na década de 1960, em que teóricos, entre eles Louis Althusser, propuseram o deslocamento do homem do centro do sistema teórico para evidenciar as relações sociais, o que acarretou uma corrente denominada “anti-humanismo teórico”, que impactou consideravelmente no pensamento moderno. O outro descentramento seria derivado da descoberta do inconsciente por Freud, que derrubaria o “penso, logo existo” do sujeito moderno

cartesiano ao considerar as identidades, os desejos e os sujeitos emergentes em um processo simbólico do inconsciente, formado ao longo do tempo e, por isso, não estável e não fixo. O terceiro descentamento está associado ao linguista Ferdinand de Saussure, que propôs que a língua não é um sistema individual, mas social, preexistente aos sujeitos. Sendo assim, falar uma língua é recorrer a significados imersos em sistemas culturais e, nesse contexto, nem os significados são fixos. O penúltimo processo de descentramento foi identificado por Hall na filosofia de Foucault, que analisa, a partir de uma “genealogia do sujeito moderno”, as principais instituições do século XIX, como escolas, hospitais e clínicas. Para o sociólogo, o olhar pela perspectiva do poder e da vigilância ressaltado pelo filósofo francês destacou a individualização do sujeito e envolveu ainda mais o corpo nas interações sociais. O quinto descentamento seria o impacto do movimento feminista nas perspectivas teóricas e como movimento social, ao questionar, entre algumas de suas lutas, a noção de que homens e mulheres compartilhariam uma mesma identidade. Nesse sentido, passaram a se destacar os debates sobre as identidades sexuais e de gênero e a contestação política de representatividade em esferas novas da vida social, como no trabalho e em casa.

O mapeamento feito por Hall (2005) nos estimula a problematizar a complexidade do debate sobre as identidades. Isso porque ele é atravessado por quebras de paradigmas que estão embasados na estrutura do pensamento humano em variadas disciplinas. Nesse sentido, ao descrever essas novas paisagens culturais de classe, gênero e nacionalidade, entre outros, que estariam emergindo, Hall (2005) propõe a desconstrução de uma ideia de cultura nacional no cenário da globalização, que interessa diretamente a esta pesquisa. O sociólogo parte da ideia que essas identidades, como ser jamaicano, não estão ligadas aos nossos genes, apesar de pensarmos nelas como constituintes da nossa natureza. Porém, como percebe Hall (2005, p. 59), a ideia de cultura nacional tem justamente esse caráter reducionista, pois “não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional”.

Outro argumento defendido por Hall – que dialoga com o que observamos entre os usuários do Tinder e atravessa a discussão sobre imaginários feita anteriormente – é de que entendemos a identidade cultural de uma nação pela forma como ela é representada. “Sabemos o que significa ser ‘inglês’ devido ao modo como a ‘inglesidade’ veio a ser representada – como

um conjunto de significados (...). Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentido – um sistema de representação cultural” (HALL, 2005, p. 49).

Hall pontua que as culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre aquele local específico, os quais seus cidadãos se identificam, são responsáveis por construir as identidades. Porém, o sociólogo identifica que as identidades nacionais não subordinam todas as outras formas de diferença e não estão livres do jogo de poder. Sendo assim, é preciso estar atento à heterogeneidade para entender como as culturas nacionais contribuem para "costurar" as diferenças numa única identidade. E é exatamente essa construção que precisa ser questionada. Vale citar novamente o depoimento do colaborador sobre o descompromisso como uma marca da identidade brasileira.

Inspirado em argumentos de David Harvey, o sociólogo considera que as forças que estão alterando essas identidades podem ser explicadas também pela globalização, que nos propõe uma nova percepção do tempo, de distâncias e espacialidades. O Tinder se inseriria nessas características ao acelerar o processo de apresentação de pessoas, burlando diversas barreiras.

Assim, a partir do recorte de pesquisa do presente estudo, percebemos que atualmente, para pensar identidade, é preciso considerar outros contornos, não só teóricos, mas de elementos de sociabilidades, como no cenário de interações mediadas por tecnologias de comunicação, representadas neste estudo pelo Tinder. Retornamos ao argumento inicial de Hall, que problematiza a necessidade de se pensar o conceito de identidade. Ele ilustra essa revisita ao conceito com a filosofia de Foucault, que – em sua transição entre as obras *Vigiar e Punir* e os três últimos volumes de *A História da Sexualidade* – exigiram a complementação teórica da regulação discursiva e disciplinar com uma análise teórica das práticas de autoconstituição subjetiva (HALL, 2013). E, nesse sentido, os estudos de identidade apontam para o mesmo caminho, para uma necessidade de complementação teórica.

A questão que fica é se nós também precisamos, por assim dizer, diminuir o fosso entre os dois domínios, isto é, se precisamos de uma teoria que descreva quais são os mecanismos pelos quais os indivíduos considerados como sujeitos se identificam (ou não se identificam) com as “posições” para as quais são convocados; que descreva de que forma eles moldam, estilizam, produzem e “exercem” essas posições; que explique por que eles não o fazem completamente, de uma só vez e por todo o tempo, e por que alguns nunca fazem, ou estão em um processo constante, agonístico, de luta com as regras normativas ou regulativas com as quais se confrontam e pelas quais regulam a si mesmos – fazendo-lhes resistência, negociando-as ou acomodando-as (HALL, 2013, p. 126).

Estimulados por Hall, apontaremos alternativas para se pensar identidades, pois entendemos que é ainda preciso pensar as interações mediadas pelo Tinder a partir de tal conceito, pois identidades são constantemente mobilizadas na ambiência virtual do aplicativo. A seguir, articularemos essas possibilidades teóricas com as formas de uso do Tinder dos atores sociais da pesquisa.

3.2 Experiência social: o olhar para o individual da Sociologia da Experiência

Recorremos à Sociologia da Experiência em busca de um contraponto à noção de trocas sociais coletivas, defendida quando se discute os sistemas de representação. Deste modo, refletimos sobre a perspectiva de identidade de uma forma individual. Um dos principais nomes dessa teoria sociológica é François Dubet (1994), que credita o seu desenvolvimento à necessidade de se analisar um tipo de objeto teórico e um conjunto de práticas sociais características. Assim como os estudiosos que sistematizaram a Sociologia do Imaginário, que nos ajuda a refletir sobre os imaginários que permeiam as interações sociais mediadas pelo Tinder, Dubet sistematiza o conceito de experiência. Para honrar sua origem disciplinar, ele parte de Durkheim e Parsons para explicar como a sociologia clássica “inventou” a sociedade. “O actor individual é definido pela interiorização do social, a acção é tão só a realização das normas de um conjunto social integrado em torno de princípios comuns aos actores e ao sistema” (DUBET, 1994, p. 12).

Dubet pondera que as teorias sociais contemporâneas tentam se afastar de alguns paradigmas clássicos, em uma necessidade de concorrência intelectual, e nesse movimento partilham algumas críticas comuns ao modelo clássico. “Trata-se sobretudo da recusa da concepção clássica da acção, na medida em que ela identifica totalmente o actor com o sistema e em que ela concebe a sociedade como um organismo natural” (DUBET, 1994, p. 14). A partir da crítica aos paradigmas clássicos da Sociologia, o conceito de experiência social é definido:

A construção da noção de experiência social, noção esta que designa as condutas individuais e colectivas dominadas pela heterogeneidade dos seus princípios constitutivos, e pela atividade dos indivíduos que devem construir o sentido das suas práticas no próprio seio desta heterogeneidade (DUBET, 1994, p. 15).

Das características que marcam a noção de experiência, duas delas nos interessam diretamente para pensar o conceito de identidade. A primeira delas por propor que a heterogeneidade dos princípios culturais e sociais organizam as condutas. Podemos retomar aqui novamente o depoimento introdutório de que os brasileiros não são comprometidos com seus compromissos. Nessa perspectiva, entendemos que certas condutas são oriundas de uma diversidade de pontos de vista adotados pelos atores sociais, “(...) como se a identidade deles fosse apenas o jogo movediço das identificações sucessivas, como se outrem fosse alternadamente definido de múltiplas maneiras, aliado e adversário, vizinho e exótico...” (DUBET, 1994, p. 16). Percebemos, assim, que, dentro dessa Sociologia, afirmações reducionistas não explicam identidades, pois a mesma considera que os indivíduos não cumprem um programa, mas se constroem a partir de variados elementos da vida social.

A segunda característica da experiência que destacamos aqui é sobre a distância subjetiva entre os indivíduos e o sistema, em uma dinâmica que é definida pela autonomia dos atores, autonomia essa que os fazem sujeitos. Ou seja, os atores sociais mantêm uma distância crítica em relação a seus meios sociais. Dubet deixa claro que isso não significa dizer que os atores não possuem vinculações com a sociedade. Contudo, destaca que sua noção de experiência está ligada justamente à ideia de heterogeneidade das lógicas de ação. Esse distanciamento permite que cada um seja autor de sua experiência (tendo em vista que esses elementos não pertencem aos indivíduos), ou seja, a partir do nosso exemplo, entendemos que é possível ser carioca, pontual e comprometido com prazos. “A pluralidade da experiência gera uma distância e um despreendimento. Os indivíduos não podem aderir totalmente a papéis ou a valores que não têm já necessariamente coerência interna, eles não se colam às suas personagens” (DUBET, 1994,p. 17).

A noção de experiência aparece de forma mais clara em seu estudo empírico sobre jovens de subúrbios populares, em Paris (DUBET, 1994). Nele, o autor enfatiza a extrema heterogeneidade das condutas entre os observados e os entrevistados e, deste modo, dificilmente conseguiria obter um princípio estável e uma hierarquia. Assim, a Sociologia clássica não daria mais conta da análise. Para o sociólogo, não era possível, na análise de identidades – como mapeou Hall –, definir as condutas desses jovens por meio de um caminho comum a todos.

O bairro não abriga jovens retraídos, jovens delinquentes e jovens violentos, mas actores que parecem ser tudo isso ao mesmo tempo, imprevisíveis para outros e para eles mesmos. A experiência deles não tem centro. Eles oscilam de uma conduta para outra ao sabor das circunstâncias e das oportunidades, como se não fossem sustentados por orientações autónomas, mas levadas pelas circunstâncias (DUBET, 1994, p. 195).

As considerações de Dubet – por meio da sentença “a experiência deles não tem centro” e da percepção que uma conduta oscila ao sabor da circunstância – nos encaminham a dois procedimentos que nos ajudarão a pensar as experiências de cidade mediadas tecnologicamente que estrangeiros no Rio de Janeiro possuem por meio do Tinder. A primeira é mapear elementos específicos da materialidade do aplicativo para entender os elementos que cruzam a experiência em questão. A segunda é analisar as circunstâncias nas quais o debate de identidade está inserido, ainda na ambiência da plataforma.

3.3 Do mIRC ao Tinder: a influência das materialidades na experiência do aplicativo

Eu adicionei [no perfil do Tinder] que eu estava estudando na PUC por um ano e que eu estava aprendendo português. À medida que o meu português foi melhorando, eu retirei e apenas escrevi o meu perfil em português²⁰ (em tradução livre) [sic]

Colaboradora 3 - Australiana, 27 anos, morou por um ano no Rio de Janeiro

Antes da análise acerca do diálogo entre os aspectos identitários nas interações entre os viajantes e os brasileiros residentes no Rio na ambiência do Tinder, é interessante entender a consolidação da plataforma no mercado de aplicativos de relacionamentos. Assim, vamos olhar para a trajetória de algumas tecnologias digitais destinadas às interações pessoais.

Como enfatiza Sibilia (2008), ao listar práticas e ferramentas inscritas no âmbito da comunicação mediada por computador, “elas constantemente se espalham e dão à luz inúmeras atualizações, imitações e sucessoras” (SIBILIA, 2008, p. 13). A partir dessa perspectiva, o Tinder talvez seja inovador considerando algumas configurações específicas, o que nos leva a olhar para a materialidade do aplicativo.

Antes disso, vamos mapear o cenário de possibilidades de emergência da plataforma. Foi no final dos anos 1980 que programadores finlandeses desenvolveram as primeiras salas de bate-papo do Internet Relay Chat (IRC) e configuraram uma forma inovadora de interação instantânea *online*. No Brasil, em tempos de Internet discada, as primeiras plataformas de sucesso foram o

²⁰ I added that I was studying at PUC for one year, and I was learning Portuguese. As my Portuguese got better I took that out though and just wrote my profile in Portuguese [sic]. (depoimento original).

filial do IRC – o mIRC, criado em 1995 – e também as salas de bate-papo do portal UOL. A partir de meados dos anos 1990, dois programas tornaram-se os queridinhos entre seus usuários, o ICQ e o MSN. Posteriormente, em 2000, foi lançado nos Estados Unidos um dos sites especializados em relacionamentos mais populares, o eHarmony. Ele é considerado o primeiro da categoria *matchmaking* — sistema que aponta compatibilidades entre usuários, entre os quais os atuais aplicativos de relacionamentos têm se destacado²¹.

Uma vez que as plataformas virtuais de relacionamentos e de apresentação de pessoas não são inéditas, como explicar a popularidade exponencial de aplicativos como o Tinder? Para essa discussão, recorre-se à célebre e polêmica sentença de McLuhan “o meio é a mensagem”. Na década de 1960, o teórico canadense deslocou a corrente de análise do conteúdo, que tornou notório alguns trabalhos de Estudos Culturais, como o de Stuart Hall, para entender as especificidades e o impacto no conjunto corpo/mente de determinados meios. “Isto apenas significa que as consequências sociais e pessoais de qualquer meio [...] constituem o resultado de novo estalão introduzido em nossas vidas por uma nova tecnologia ou extensão de nós mesmos” (MCLUHAN, 1964, p. 21).

Com um olhar para tecnologias contemporâneas, ao explorar algumas práticas midiáticas, Pereira (2016) nomeia um conjunto delas como Produtos Midiáticos Singulares (PMS). Os PMS seriam “autônomos, independentes de empresas de mídias, participando do cenário comunicacional contemporâneo com mais ou menos expressão, cumprindo objetivos distintos e cujos conteúdos são acessíveis de diversos modos” (PEREIRA, 2016, p. 2). Para o pesquisador, a presença desses produtos em nosso cotidiano afirma a importância de cinco áreas de conhecimento no campo da comunicação: mídias, entretenimento, *design*, informação e artes. A união das primeiras letras formam o acrônimo M.E.D.IA, explorado por Pereira (2016).

À luz dessa proposta, identifica-se no aplicativo Tinder características latentes dos campos do *Design* e da Informação. Com o olhar para o primeiro deles, é possível perceber que a interface gráfica do aplicativo pode remeter à formatação de um catálogo, de uma vitrine, de um cardápio ou até mesmo de um game, que reúne perfis de usuários para possíveis interações. Em sua abordagem, Pereira percebe uma implicação singular do *Design* com a comunicação,

²¹ Informações recolhidas em matérias dos sites Infoescola, Olhar digital e Techtudo. Disponíveis em: <http://www.infoescola.com/internet/internet-relay-chat-irc/>; <http://olhardigital.uol.com.br/noticia/mirc-o-que-existe-la-hoje/25628> e <http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2014/07/icq-orkut-msn-myspace-que-fim-levaram-os-hits-dos-anos-90-e-2000.html> (Acesso em 27 de março de 2017).

considerando que os conteúdos de dispositivos midiáticos funcionam como conjuntos de signos que representam significados diversos (PEREIRA, 2016, p. 9).

Entendemos que, a partir das nossas escolhas metodológicas, não seria possível identificar quais significados estão implicados ao se utilizar essa formatação especificamente, mas observamos que o *design* do aplicativo, representado em sua interface gráfica, caracteriza o uso por meio da dinâmica de passagens de perfis (*swipe*), que acompanha modalidades de relacionamentos contemporâneas, como o “ficar”, os “relacionamentos abertos” e até mesmo a amizade, que surgem entre os atores sociais da pesquisa.

Essas modalidades de relacionamentos são caracterizadas justamente pela falta de vínculos sólidos e/ou pela flexibilidade de vínculos. Entendemos que o nosso tempo e as nossas relações tornaram possível o surgimento de uma ferramenta como o Tinder e de sua interface gráfica, que se apresenta similar a um catálogo, uma vitrine, um cardápio ou mesmo um *game*, podendo informar muito para quem o usa. Retomamos aqui a frase de McLuhan “o meio é a mensagem” de uma forma crítica. Não é possível afirmar que a interface gráfica do aplicativo determina a sua forma de uso, porém ela pode remeter a questões simbólicas que, de algum modo, influenciam na forma de uso.

Assim, entendemos que o Tinder se tornou uma plataforma útil para os viajantes por algumas características, e seus usuários entendem como utilizar símbolos nessas interações e utilizam estratégias para interagir entre eles. Como já mostramos, o espaço da autobiografia se tornou fundamental nessas interações entre estrangeiros e brasileiros.

(...) minhas fotos são do Facebook ou Instagram e no perfil não menciono que falo outro idioma. Meu perfil está em português. Porém, quando vejo um perfil em outro idioma e que percebo que realmente se trata de um estrangeiro, então já abordo com frases em inglês (Colaborador 4 – Paulista, há 8 anos no Rio de Janeiro, não declarou idade, 1 ano e meio de Rio de Janeiro).

Outra ferramenta importante nessas interações é a ferramenta de geolocalização, utilizada pelo próprio usuário para limitar em quilometragem o alcance das possíveis interações com outros usuários. A partir daí, a plataforma realiza o cruzamento de dados pessoais dos usuários, que busca os amigos e as páginas curtidas em comum no Facebook. Percebemos, assim, que o Tinder utiliza os dados disponibilizados pelos usuários e os transformam em informação para criar o modelo de sociabilidade que tem chamado tanta atenção. O sistema segue o entendimento de Pereira (2016) sobre o campo da Informação, no qual os dados seriam aspectos detectáveis

materialmente (objetivos factuais) por um determinado sistema informacional e em que informações seriam possíveis efeitos nas dinâmicas de tratamento, de significações, desses dados.

No contexto dos viajantes, a ferramenta Passaporte parece ser a mais ligada às práticas de experiência da cidade. Antes mesmo de chegar ao destino, os usuários podem interagir com usuários locais. A função nos leva a pensar sobre os limites simbólicos de fronteiras, na esteira do pensamento de Agier (2013). O antropólogo realiza uma reflexão sobre fronteiras, para além das físicas e materiais (a exemplo de muros), e considera as fronteiras em seu plano social. Essas fronteiras podem existir entre países, cidades ou dentro do mesmo bairro, ela delimita grupos e se apresenta de forma flexível (AGIER, 2013). A ferramenta Passaporte do Tinder aboliria os limites físicos de interação entre usuários, porém dentro do contexto simbólico, trabalhado por Agier, nos interessa pensar como essas fronteiras sociais são moduladas na ambiência do aplicativo pelos turistas e brasileiros residentes do Rio de Janeiro.

A partir do olhar para essas ferramentas, percebe-se que o Tinder possui recursos de fácil manuseio. A praticidade de utilização dos aplicativos de relacionamentos torna obsoletos os antigos questionários, usados em sites tradicionais de relacionamentos, e pode ter influência direta na adesão de plataformas como o Tinder. Essa facilidade de uso tem atraído pessoas que, até então, não imaginavam fazer parte de plataformas do gênero. Deste modo, para se manterem no mercado, sites tradicionais de relacionamentos – como Badoo, eHarmony e Par Perfeito – lançaram seus conteúdos também em aplicativos.

Entendemos aqui que tanto a interface gráfica quanto o mecanismo de geolocalização são recursos usados estrategicamente por usuários viajantes, o que pode estar refletindo em sua popularidade entre eles, em detrimento de outros aplicativos. Discutidos os aspectos materiais desse fenômeno comunicacional, seguimos agora para a análise empírica da discussão.

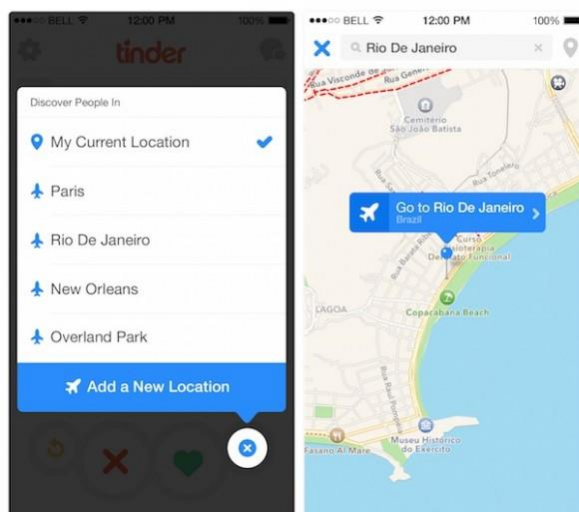
3.4 Interculturalidade e fronteiras: um olhar relacional

Retomamos aqui a proposta de Hall para pensarmos em uma complementação teórica e nas quebras de paradigma acerca do conceito de identidade, com o olhar para a experiência de cidade mediada pelo Tinder. Se com Dubet evidenciamos aspectos individuais da experiência social, recorreremos aqui ao conceito de interculturalidade de Jacques Demorgon para pensar identidades em uma perspectiva relacional, ou seja, construída na relação com o outro. Para o

sociólogo e filósofo francês, a interculturalidade está relacionada às relações positivas ou negativas que se estabelecem entre pessoas, grupos e sociedades de culturas diferentes. E, nesse contexto, os atores humanos, com suas culturas, estão em relação e são necessariamente interculturais em todas as suas formas (DEMORGON, 2004).

Como foi destacado introdutoriamente, em 2001 o Tinder lançou a versão paga do aplicativo, batizada de *Tinder Plus*, que trouxe entre suas novidades a configuração Passaporte. Ela permite que os usuários troquem a localização de buscas de outros possíveis interagentes para qualquer localização do mundo – a configuração da versão gratuita atinge o raio de no máximo 161 quilômetros. O Passaporte foi lançado depois que os gerenciadores do Tinder se deram conta de que alguns usuários burlavam o sistema de geolocalização da plataforma para poder interagir com pessoas de locais diferentes²². Essa configuração permite que, antes mesmo de o turista chegar à cidade, ele possa iniciar a interação com residentes locais, uma demanda de uso que dialoga diretamente com a experiência de cidade mediada tecnologicamente²³.

Figura 12 - Funcionamento da ferramenta Passaporte



Fonte: Matéria do Site El Hombre Disponível em: < <http://www.elhombre.com.br/novidades-tinder-plus-nova-versao-paga-app-de-paquera/> > (Acesso em 25 de julho)

²² Matéria do Techtudo ensina como burlar o GPS do Tinder e interagir com outros usuários do mundo. Disponível em < <http://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/noticia/2014/10/fale-com-usuarios-do-tinder-de-qualquer-lugar-do-mundo-veja-o-truque.html> > (Acesso em 25 de julho de 2017).

²³ Matéria destaca o lançamento da configuração Passaporte. “Assim, se você tem uma viagem marcada para a Europa, por exemplo, já pode ir preparando o terreno para se dar bem enquanto ainda está no Brasil”. Disponível em: < <http://www.elhombre.com.br/novidades-tinder-plus-nova-versao-paga-app-de-paquera/> > (Acesso em 25 de julho).

Esses usuários precisam construir uma identidade na plataforma e, de modo mais específico, em suas experiências de cidade. Demorgon nos ajuda a entender essa construção ao pensar nos paradoxos sobre o que é cultura, isso porque essas identidades buscam dialogar simbolicamente com elementos de culturas nacionais. Ele parte de duas definições. Na primeira, de Alexander Thomas, ele define cultura como um sistema universal que orienta o homem, típico em qualquer sociedade, e organiza grupos de pessoas. Já na segunda, de Jean-Pirou, ele define como um conjunto de características de uma civilização, que engloba artes, costumes, leis, técnicas etc., agindo em conjunto com a natureza e os homens. O sociólogo e filósofo pondera que, ainda que haja abordagens quase que paradoxais entre si – uma definindo a cultura como um sistema único e a outra como um conjunto de fatos –, é possível afirmar que a cultura influencia em todos os setores da vida humana. Sendo assim, ela influenciaria diretamente nas condutas. A partir dessa perspectiva, pensamos o exemplo-norte do capítulo – o de “descompromisso dos brasileiros” – não só como um comportamento individual, mas também como um elemento emergente na cultura brasileira, e por isso é vinculado à identidade nacional pelo colaborador 1, ainda que saibamos que é uma visão reducionista.

Dentro dos estudos de antropologia da cidade, Agier (2013) propõe uma análise de fronteiras para além das físicas e materiais, como muros e paredes, ampliando o olhar aos aspectos simbólicos das fronteiras. Essas fronteiras podem existir entre países, cidades ou dentro do mesmo bairro. Ela delimita grupos e se apresenta de forma flexível (AGIER, 2013). Na ambiência do Tinder, a ferramenta *Passport* aboliria os limites físicos de interação entre usuários, porém, dentro do contexto simbólico, essas fronteiras sociais são moduladas na ambiência do aplicativo pelos turistas e por brasileiros residentes no Rio de Janeiro.

O problema colocado para Agier nessa análise seria se o sujeito de uma cidade global, a exemplo do Rio de Janeiro, viveria em um contexto sem fronteiras. Os fundamentos para negar tais fronteiras propõem o reconhecimento de si no outro e uma sensibilidade para que essas fronteiras de fato sejam abolidas. No entanto, como movimento de resistência, a consequência dessa dinâmica de derrubada de fronteiras seria a construção de novos muros e novas barreiras, mas no aspecto identitário.

Agier, que esteve em Salvador, usa como exemplo os ritos locais de fronteira para explicar esse movimento, que obedeceria a três dimensões básicas: o aspecto temporal, o aspecto social e o aspecto espacial. O primeiro está relacionado ao momento em que foi fundado e precisa

ser repetido seguindo regras, o que influencia diretamente em sua renovação e comemoração, podemos usar como exemplo os rituais de religiões de matriz africana no Brasil. O segundo está ligado ao reconhecimento duplo de si e dos outros e o último define o limite que corta o espaço, e delimita se o rito se materializa dentro ou fora dele (AGIER, 2013). A partir dessa sistematização, o antropólogo enxerga as fronteiras simbolicamente como fato social, e sentencia que todo rito social é local, e todo grupo e todo lugar precisa estabelecer uma fronteira para existir.

Como indicado pelos colaboradores da pesquisa, questões de linguagem, comportamentais e culturas são latentes nessas interações entre estrangeiros e nativos residentes na cidade (tais interações serão exploradas no próximo capítulo). O que conseguimos perceber anteriormente dentro da perspectiva histórica, haja vista que essas relações acontecem desde a chegada dos portugueses ao Brasil, passando pelo estranhamento das vestimentas, diferenças étnicas e até determinados comportamentos sociais.

Assim, essas negociações feitas ao longo de mais de quatro séculos e meio na cidade do Rio de Janeiro nos leva a aderir à noção de interculturalidade, pensando em uma ideia de identidade em sua forma relacional, como um caminho rico para analisar as construções identitárias dos viajantes no Tinder e também de fronteiras, entendendo que há um movimento de manter determinados ritos sociais nessas interações. Como apontado por Lesser (2016), era só quando chegavam ao Brasil que os estrangeiros enxergavam a necessidade de se conectar as suas identidades nacionais, como forma de se diferenciarem.

Uma das grandes histórias da invenção das identidades nacionais veio na forma de um diálogo que provavelmente nunca ocorreu. “Nós fizemos a Itália, agora temos que fazer os italianos, disse (ou teria dito) Massimo D’Azeglio, um estadista e escritor aristocrata, a Giuseppe Garibaldi, um outro estadista cujas proezas militares abrangeram da Itália ao Uruguai e Brasil. No entanto, esse “italiano”, como também as outras identidades nacionais que tomaram forma nos séculos XIX e XX, não eram geradas apenas nos países de origem, mas também no exterior (LESSER, 2016, p. 133).

O que notamos em observação na plataforma é que a forma como alguns usuários estrangeiros escolhem para alcançar a visibilidade em outras localizações é semelhante à feita por imigrantes nos séculos XIX e XX. É por meio de símbolos, imagens e imaginários que os rementem às suas identidades que eles se posicionam na plataforma e constroem as suas *personas* virtuais. Para entender de forma mais nítida essas expressões de identidade no Tinder, vamos analisar seis perfis recolhidos na plataforma, entre junho e agosto de 2017, para pensar nesse

movimento fora do país. Ou seja, pensar o fenômeno de autorepresentação com o objetivo de interagir com o outro que, no caso, seria um “outro” de outra cultura.

Figura 13 - Perfis de estrangeiros no Tinder no Rio de Janeiro

The figure displays six screenshots of Tinder profiles, each representing a different nationality. Each profile includes a profile picture, a name, a distance indicator, and a bio. Below each bio are three interaction buttons: a red 'X' for 'pass', a blue star for 'like', and a green heart for 'super like'.

- Perfil 1: Alemanha** (Germany): Profile picture of a man with a beard and a backpack. Bio: "From Germany 180cm I am on business trip and I am looking for good sex".
- Perfil 2: México** (Mexico): Profile picture of a man holding Mexican and other flags. Bio: "Hola soy Mexicano Chef. Eu acho que a igualdade de gênero implica que os homens, mulheres e outros gêneros devén receber os mesmos benefícios e ser tratados com o mesmo respeito.".
- Perfil 3: Coréia do Sul** (South Korea): Profile picture of a man in a dark jacket. Bio: "Korean BORN in Brazil. I can speak Korean English ! And a little of Portuguese.".
- Perfil 4 : Não identificada** (India): Profile picture of a man in a blue shirt. Bio: "If we swipe right, let's meet over a cup of coffee".
- Perfil 5: Noruega** (Norway): Profile picture of a man with a beard. Bio: "Norwegian going to Rio in July want to find some friends that can show me Rio! Say hi if you wanna hang out! I dont speak spanish or portuguese. Only english.".
- Perfil 6: Suécia** (Sweden): Profile picture of a man with long hair. Bio: "From Sweden out Eurotripping with some friends for a few weeks right now. Big passions in Music, Sports, History and Traveling. Funny, smart and beautiful as few, is it you then?".

Fonte: Perfis no Tinder, em pesquisa exploratória, no Rio de Janeiro

Como é possível perceber nos seis perfis selecionados, os usuários utilizam, de alguma forma, símbolos que os remetem a alguma identidade nacional ou cultural. Os perfis 1, 2, 3, 4 e 6 colocam os seus países de origem no espaço da autobiografia, enquanto o perfil 5 não o faz. Em sua própria foto, o usuário do perfil 1 coloca a identificação “From Germany” (Da Alemanha, em tradução livre), seguida da bandeira da Alemanha. Por sua vez, o usuário do perfil 2 aparece em foto segurando a bandeira do México.

O usuário do perfil 3 está em um cenário com uma construção tipicamente oriental. Além disso, ele faz questão de mostrar a vinculação com o Brasil em seu texto de autobiografia: “Korean Born in Brazil” (Coreano nascido no Brasil, em tradução livre). O usuário do perfil 4 é o único entre os seis perfis que não identifica a sua nacionalidade, mas está na imagem com um turbante, elemento simbólico que marca a cultura de diversas nacionalidades. Vale destacar que os usuários dos perfis 5 e 6 estão usando a configuração *Passport*, estando o primeiro a 10.422 quilômetros e o segundo a 9.873 quilômetros. Ou seja, os dois ainda não estão no Rio de Janeiro. Sendo assim, ainda não estavam vivenciando a cidade *in loco*, sem a mediação tecnológica. O usuário 5 destaca em sua autobiografia na plataforma sua vinda para a cidade e a troca de localização: “Norwegian going to Rio in July ☺ want to find some friends that can show me Rio! Say hi if you wanna hang out! I don’t speak Spanish or Portuguese. Only English” (Norueguês indo para o Rio em julho ☺ quero fazer amigos que me mostre o Rio! Diga Oi se você quer sair! Eu não falo espanhol ou português. Apenas inglês, em tradução livre).

Esses exemplos ilustram como essa experiência específica no Tinder estimula que alguns estrangeiros busquem em suas identidades nacionais e culturais uma forma de estabelecer suas interações em outro local, ou seja, dialoga diretamente com as fronteiras simbólicas e as interações interculturais abordadas teoricamente, emergindo como alternativas para pensar a discussão de identidade, que, para Hall, precisaria ser feita sob rasuras.

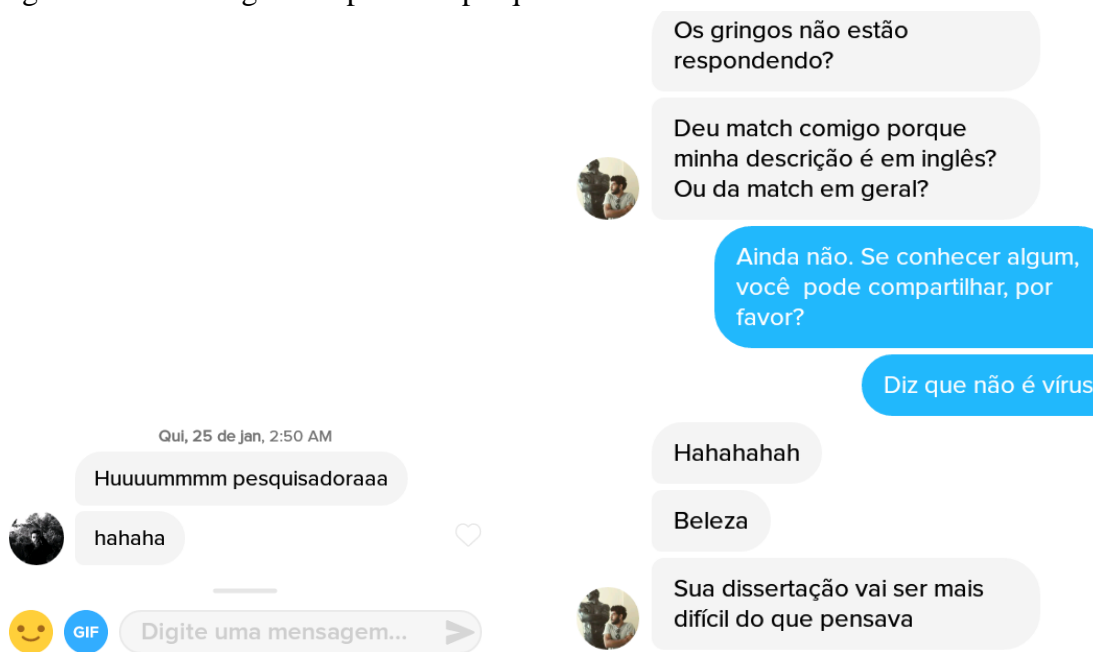
Tais rasuras se apresentaram em formas distintas de análise, seja em uma perspectiva individual ou na relação com o outro. A partir daqui, analisaremos de forma mais detalhada como esse movimento acontece, saindo da ambiência do aplicativo e entrando no espaço físico da cidade. A etnografia foi o método que o fenômeno demandou. Assim, partimos para uma descrição etnográfica acerca dessas experiências de cidade mediadas tecnologicamente pelo Tinder.

4 “PESQUISADORA? HUMMM”: UMA DESCRIÇÃO COM INSPIRAÇÃO ETNOGRÁFICA

Destaco, introdutoriamente, um dilema que vivi durante esta pesquisa, dentro e fora do aplicativo. Nas imersões na plataforma como pesquisadora, fui confrontada, abordada e interpelada sobre a seriedade da pesquisa. Sim, seriedade. Teve de tudo, pessoas querendo me dar dicas metodológicas, pessoas que queriam me conhecer, pessoas me pedindo fotos pessoais... Enfim, não foi fácil! Mas, quem disse que seria fácil, não é mesmo? Pesquisar em um aplicativo de relacionamento é ser questionada sobre sua vida pessoal por pessoas que você não conhece, ainda que você não tenha dado abertura para isso. Além de precisar lidar com o plantão dos julgadores.

Este é o primeiro texto em que apresento minha experiência no Tinder, e o adiamento, talvez, tenha sido para deixar explícito que a pesquisa envolvia uma experiência pessoal, claro, mas que era vivida por inúmeros viajantes, e eu só fazia parte dela, justamente por ter conhecido algumas dessas pessoas (dentro e fora da plataforma).

Figura 14 - Abordagens ao perfil de pesquisadora



Fonte: Interações no Tinder

Este capítulo é a descrição etnográfica de uma pesquisa que se caracteriza por seu caráter experimental. Foram quase dois anos de testes de procedimentos, com coletas de dados, diversos graus de inserção em campo, modelo de escritura e de estrutura textual, entre outras questões que serão relatadas e que ajudaram a construir essa pesquisa que tem como inspiração o método etnográfico. Aqui, todas essas etapas serão descritas até a chegada do recorte de pesquisa e dos procedimentos adotados após a sistematização do estudo.

Como introduzido, assumo uma escrita na primeira pessoa do singular, inspirada na obra “A utopia urbana - Um estudo de Antropologia Social”, resultado da dissertação de mestrado do professor Gilberto Velho. A escolha deste texto como referência é também por realizar um estudo em que faço parte da experiência pesquisada, como explica o antropólogo: “(...) a antropologia, tradicionalmente, tem estudado os ‘outros’ e eu me propus a estudar ‘nós’” (VELHO, 1989, p. 11).

Deste modo, o capítulo está dividido em quatro subtítulos que passam por questões que encontrei em campo, seja na ambiência no aplicativo ou fora. E, junto ao meu relato pessoal, os 12 colaboradores desta pesquisa me ajudam a descrever as experiências de cidade mediadas tecnologicamente e pelas relações interpessoais suscitadas por meio do Tinder.

Gostaria aqui de agradecer a todos os entrevistados, interagentes na plataforma, amigos, colegas pesquisadores, que ao longo destes dois anos contribuíram para o tipo de observação que denominamos de colaborativa. Colaborativa porque foi feita de modo coletivo, com a cooperação de muitos olhares e também por pessoas que me procuraram voluntariamente para falar sobre suas experiências. Como critica Caiafa (2007), o termo “informante”, oriundo da tradição antropológica, não daria conta, pois tem uma conotação policial e de coleta de informação.

Aqui também retomo a questão central da pesquisa: de que modo os estrangeiros experimentam a cidade do Rio de Janeiro a partir das relações interpessoais que estabelecem no Tinder? Nos capítulos anteriores, mostramos como essas interações passam por questões que atravessam os imaginários sobre a cidade, construídos historicamente, e as identidades nacionais, que são recorridas pelos atores sociais da pesquisa. Aqui vamos descrever, a partir dos relatos meus e dos colaboradores, as muitas experiências vividas a partir dessas conexões no aplicativo, destacando como os eixos dos imaginários e das identidades aparecem de forma latente.

Antes de destrinchar a base metodológica da pesquisa, gostaria de falar um pouco do percurso, pois foi ele que me permitiu chegar ao recorte deste estudo e, principalmente, foi o

percurso que me fez refletir sobre o que seria fazer essa pesquisa e sobre que pesquisadora eu seria. Como já evidenciei ao caracterizá-la pelo seu modelo experimental, este estudo teve a sua viga inicial colocada na primeira reunião de orientação, quando Robson me indicou a leitura do texto “Explorações sobre práticas metodológicas na pesquisa em Comunicação” (2008), da professora Jiani Bonin, em que ela descrevia algumas etapas metodológicas interessantes para a pesquisa em Comunicação. Entre elas, a pesquisa exploratória, que consiste em realizar aproximações empíricas para aguçar a percepção de dimensões naturalizadas pelo olhar ao objeto, “(...) investir em planejamento, construção e realização de sucessivas aproximações ao concreto empírico, a partir de várias angulações possíveis – angulações que interessam ao problema/objeto em construção” (BONIN, 2008, p. 125).

Tomei as provocações de Bonin como missão de pesquisa e resolvi fazer aproximações empíricas no Tinder com os mais variados olhares e as mais diferentes perspectivas, e aqui agradeço ao Robson Braga, coorientador da pesquisa, pela liberdade que me deu. Em novembro de 2016, apresentei no ArTecnologia²⁴, um texto que tinha um olhar para os aspectos materiais do Tinder e que já identificava a construção de perfis baseada em elementos identitários. No mês seguinte, participei do ABCiber²⁵ com um texto que analisava as interações no Tinder a partir de um olhar foucaultiano sobre a vigilância, ao fazer um estudo de caso de um oficial do exército infiltrado no Tinder, que ajudou na realização de uma operação policial, em São Paulo, a partir de interações e informações recolhidas no aplicativo.

No ano seguinte, o *insight* sobre o recorte de pesquisa aconteceu durante a defesa da tese de doutorado de Eduardo Bianchi (PPGCOM/Uerj), orientado pelo professor Dr. João Maia, como mencionado na introdução. Nela, o pesquisador explicou como havia chegado ao seu recorte: “essa pesquisa faz parte da minha experiência pessoal com os aplicativos estudados”. Eureka! Era isso. As minhas experiências pessoais (anteriores à pesquisa) no Tinder tinham sido com estrangeiros ou em viagens internacionais. A partir daí, escrevi textos inspirados nesse recorte com o intuito de experimentá-lo.

²⁴ III ArTecnologia – Simpósio Internacional de Tecnologias e Cultura Contemporânea, realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj), de 24 a 26 de novembro de 2016.

²⁵ IX Simpósio Nacional da ABCiber - Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura, realizado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), de 8 a 10 de dezembro de 2016.

Em setembro de 2017, participei do Enecult²⁶, com um texto em que analisava os dados recolhidos sobre e no Tinder durante as Olimpíadas do Rio, que foram explorados no segundo capítulo deste texto. A partir das discussões realizadas durante as aulas da disciplina Comunicação e Identidades Culturais, ministrada por João Maia, compreendi que vários elementos inerentes à pesquisa e que apareceram no campo estavam ligados a uma historicidade. A partir dessa percepção, escrevi um texto apresentado no Ibercom²⁷, em novembro de 2017, e que foi base para o primeiro capítulo deste texto.

A produção textual para a etapa de qualificação foi fundamental também para as experimentações. Nela, testamos a análise dos dados por meio dos eixos dos imaginários, das identidades, da cidade e das materialidades, em um texto em estrutura de projeto piloto, o qual foi costurado com a colaboração dos primeiros colaboradores. Durante a etapa, os membros da banca – Beatriz Polivanov, Ricardo Freitas e os orientadores João Maia e Robson Braga – ajudaram ainda mais a encaminhar sobre a forma de abordagem dessa temática de pesquisa e também da sistematização metodológica. Entendemos, a partir das contribuições, que os eixos de análise não apareciam isolados nas interações mediadas pelo Tinder. Deste modo, no presente texto, abordo os eixos em seus entrelaçamentos, permeados pelos teóricos que nos ajudaram a refletir as questões latentes nas interações dos atores sociais centrais da pesquisa.

Nesta descrição com inspiração etnográfica, o texto é iniciado por uma breve revisão bibliográfica de autores que me ajudaram a construir as etapas da pesquisa. Desde as escolhas de procedimentos de coletas de dados à escritura. O segundo tópico abrange a experiência de cidade mediada pelo Tinder dos 12 colaboradores da pesquisa. Após a etapa de qualificação, também decidi que queria falar sobre a minha experiência no Tinder. Logo na semana seguinte, conheci A., mexicano que realizava uma viagem pela América do Sul e que topou participar da pesquisa. Achei pertinente falar da minha experiência de forma sistematizada, com o interagente entendendo os meus objetivos no aplicativo. O terceiro tópico relata esse procedimento, que consistiu em experimentar a cidade com A., e compartilhar um pouco da minha vivência do território e também como pesquisadora do Tinder. Em todos os nossos encontros, as temáticas eram destaque. Aproveito, aqui, para agradecê-lo por ter topado embarcar nesta pesquisa, o que

²⁶ XIII Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (Enecult), realizado em Salvador, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), de 12 a 15 de setembro de 2017.

²⁷ XV Congresso Internacional Ibercom, realizado de 16 a 18 de novembro de 2017, na Universidade Católica Portuguesa (FCH-UCP), em Lisboa, Portugal.

me fez conhecer um amigo querido que me ajudou a problematizar várias questões desta experiência.

O último tópico deste capítulo – “A Simpatia: uma experiência de campo em Roma” – aborda a última experimentação metodológica, realizada na Itália, em novembro de 2017. Nele, resolvi me colocar no lugar do estrangeiro. Queria testar minha própria experiência de cidade na condição de estrangeira, não mais como residente, mas como aquela que queria conhecer o território com um olhar local. Lá conheci B., romano que topou participar da pesquisa e me proporcionou o entendimento do meu recorte de pesquisa de uma forma que eu não esperava, impactando de forma determinante na construção e escritura deste texto.

As etapas etnográficas foram constituídas a partir da seguinte combinação de procedimentos de coletas de dados: a) entrevistas com seis usuários estrangeiros do Tinder na cidade do Rio de Janeiro e com seis usuários brasileiros residentes na capital fluminense que interagiram com estrangeiros²⁸; b) relato pessoal de experiência no Tinder feito de forma sistematizada com A., mexicano que topou embarcar na pesquisa em sua estadia no Rio de Janeiro; c) uma experimentação de campo em Roma, em que exercitei o lugar do outro; d) observações de perfis de estrangeiros na plataforma; e) e coleta documental de informações sobre o Tinder no site oficial da plataforma, em matérias das imprensas nacional e internacional e no próprio aplicativo. Os dois últimos procedimentos foram explorados nos primeiros dois capítulos, enquanto que os três primeiros serão explorados aqui. A seguir, explico mais detalhadamente o porquê dessas escolhas.

²⁸ Colaborador 1 (Estatunidense, 23 anos, morou 1 ano e meio no Rio de Janeiro);
 Colaboradora 2 (Britânica, 30 anos, mora há um ano no Rio de Janeiro);
 Colaboradora 3 (Australiana, 27 anos, morou por um ano no Rio de Janeiro);
 Colaborador 4 (Paulista, há 8 anos no Rio de Janeiro, não declarou idade, mora no Flamengo);
 Colaboradora 5 (Carioca, 30 anos, mora no Recreio);
 Colaborador 6 (Mineira, há 8 anos no Rio de Janeiro, 26 anos, mora em Copacabana);
 Colaboradora 7 (Carioca, 29 anos, mora em Copacabana)
 Colaboradora 8 (Paraibana, 28 anos, mora em Santa Teresa)
 Colaboradora 9 (Paraibana, 30 anos, mora na Glória)
 Colaboradora 10 (Belga, 33 anos, viagem de um mês, hospedado na Lapa)
 Colaboradora 11 (Americano, 36 anos, viagem de 10 dias, hospedado em Copacabana)
 Colaboradora 12 (Argentino, 30 anos, viagem de um mês, hospedado em Ipanema).

4.1 Quem sou eu nesta pesquisa?

Em disciplina realizada com a profa. Dra. Janice Caiafa, no PPGCom da UFRJ, no segundo semestre de 2017, percebi que não só a minha teoria precisava buscar aspectos históricos para pensar essa experiência tão contemporânea, como também a minha metodologia. Isso porque a etnografia também é pensada e repensada desde sua sistematização pelo antropólogo polonês Bronisław Malinowski, no começo do século XX. Como descreve Caiafa (2007), foi com a geração de Franz Boas e de Malinoswski que a etonografia se consolidou como um método da antropologia. A pesquisadora destaca que a observação participante marcou a pesquisa etnográfica não só como uma terefa científica, desconectando-se dos trabalhos de missionários e de viajantes em missão em colônias, mas também como um empreendimento da Antropologia (CAIAFA, 2007).

Foi com Malinowski, portanto, que a pesquisa etnográfica se estabeleceu como uma atividade de trabalho de campo intensivo numa certa área específica e envolvendo a experiência pessoal do etnógrafo. (...) antes, embora a etnografia já passasse para as mãos dos antropólogos, prevalecia a atitude da observação distanciada e com objetivos documentais, característicos da descrição nas ciências naturais (CAIAFA, 2007, p. 136).

Com a sistematização do método, surgiram também as críticas e problematizações. Caiafa aponta como os esforços do antropólogo americano James Cliffod, em pensar o método, têm sido fundamentais para sua produtividade. Entre as questões apontadas por ele estão a não interpretação de Malinoswski de alguns dados – como os mitos e os encatamentos nas obras “Os argonautas” e em “Coral Garden” – e a ênfase em uma análise sincrônica das culturas. Ou seja, ele possuía um recorte funcionalista no eixo do presente, que retratava o período de sua presença com o grupo, fechando os olhos para um passado. E, aqui, justifico novamente a preocupação do Capítulo 1 desta dissertação em buscar elementos históricos para entender as nuances que atravessam as interações mediadas pelo Tinder.

Compartilhamos com Caiafa (2007) da definição de uma etnografia como método-pensamento: uma pesquisa qualitativa que interage com uma variedade de dados que mobilizam diversos sentidos. O próprio etnógrafo produz matéria para a pesquisa, o que demonstra a faceta irregular do método-pensamento (CAIAFA, 2007).

Na pesquisa etnográfica, a participação do etnógrafo naquilo que investiga produz conhecimento, faz avançar a investigação. Trata-se de um problema muito fértil e que coloca outros também interessantes, como o da relação que o observador-participante estabelecerá com as pessoas que encontra no campo (CAIAFA, 2007, p. 137).

Aqui coloco a questão que me acompanhou em toda a trajetória do estudo, tornando-se título deste tópico: “Quem sou eu nesta pesquisa?”. Entendendo isso, eu conseguiria definir a forma de imersão em campo, de observação e também de escritura dessa empreitada etnográfica. Foi Rosana Guber (2001) que me ajudou nesse entendimento, a partir da noção de reflexividade dentro do método etnográfico. Eu, mineira, mulher, negra, sabia que a minha experiência de pesquisa partia desse lugar de fala, sobretudo porque lidaria com estrangeiros e conseqüentemente com imaginários que tangiam aspectos fortes da minha identidade, o meu gênero e da minha etnia. Sabia que a não representatividade das minhas origens no fazer científico também seria uma questão. Nada disso me assustava, muito pelo contrário, me impulsionava, mas sabia que precisaria de cuidados nessa abordagem, pois estava falando por mim e por outras vozes.

Para Guber (2001), a observação participante é caracterizada por uma falta de sistematização devido à inespecificidade das atividades que a compreende. “(...) ser objeto de piada, confidências, declarações amorosas e agressões, assistir a uma aula em escola ou uma reunião em partido político. Em rigor, sua ambigüidade é, mais que um *déficit*, a sua qualidade distintiva”. (em tradução livre)²⁹ (GUBER, 2001, p. 56). Como explica Guber, a presença direta do pesquisador em campo colabora de forma valiosa para o conhecimento da experiência social analisada, isso porque evita algumas mediações e desenvolve um olhar ainda mais crítico acerca do campo. Nesse contexto, a reflexividade surge como fundamental para o posicionamento do etnógrafo em campo. Para a antropóloga argentina, a tensão intrínseca da observação participante é estar ciente o tempo todo que o etnógrafo participa da observação e que ele observa o fenômeno para participar, ou seja, que o envolvimento e a investigação não são opostos, e sim o mesmo processo do conhecimento social.

Entendendo isso, outra questão importante era a pesquisa de campo propriamente dita. Como lidar com um campo em que eu mesma faço parte dele? Um campo em que eu não me desloco? Como enfatiza Caiafa, o trabalho de campo talvez seja o aspecto mais marcante da

²⁹ “Ser objeto de burla, confidencia, declaraciones amorosas y agresiones, asistir a una clase en la escuela o a una reunión del partido político. En rigor, su ambigüedad es, más que un *déficit*, su cualidad distintiva” (GUBER, 2001, p. 56).

pesquisa etnográfica. “Dirigir-se a um lugar, ficar, deter-se ali, construir uma vida, mesmo que provisoriamente, entre aqueles sobre quem se vai escrever, cultivar um dia-a-dia com eles, participar em parte do que se observa e se quer elucidar (...)” (CAIAFA, 2007, p. 149).

Foi nesse momento que recorri à Antropologia Urbana de Gilberto Velho, que analisa as relações sociais de um prédio em que o pesquisador viveu por um ano e meio, em Copacabana, bairro em que residiu dos seis aos 24 anos de idade. Ele divide a análise em quatro capítulos: o primeiro é um levantamento sobre a história do bairro; o segundo, a sistematização da pesquisa etnográfica no próprio prédio, edifício Estrela, explicando quantas pessoas foram entrevistadas, quem são essas pessoas (homens, mulheres, ocupação, de quais bairros são originários, são proprietários ou inquilinos e etc), como foi a imersão em campo, entre outras questões; o terceiro, a expansão das entrevistas para outros moradores do bairro, como necessidade da empreitada etnográfica; e o quarto e último capítulo, uma análise dos dados em uma perspectiva teórica, a qual recorre a uma problematização da Antropologia tradicional, com Durkheim e Mauss, e posiciona a Antropologia Urbana em sua complexidade, além de analisar dados extras.

O trabalho do pesquisador, enquanto vizinho, não era nada fácil neste contexto, tendo que depender muito de complicadas estratégias de observação e abordagem. Por isso, a utilização complementar de entrevistas mais ou menos formais, aplicadas por pessoas fora do prédio, foi bastante útil no esclarecimento de algumas atitudes e valores que não seriam facilmente explicitadas a um vizinho que é muito mais um inimigo potencial do que um estranho, que bate a sua porta e que, provavelmente, jamais voltará a ser encontrado. Mesmo assim várias pessoas recusaram-se a receber entrevistadores (VELHO, 1989, p. 44).

Com Velho, entendi que não precisava me deslocar da minha localidade para essa pesquisa, mas deslocar para a experiência da cidade que pretendia analisar. Para entendê-la de forma mais completa, escolhi, além de ouvir os colaboradores da pesquisa, viver a experiência de Rio de Janeiro na condição de brasileira e de outra cidade (Roma) na condição de estrangeira, para entender os posicionamentos dos atores sociais da pesquisa, como anfitriã e como viajante. E foram nessas etapas de coleta de dados que vivi o estranhamento, não só o meu, mas o estranhamento do outro, que me surpreendeu e me colocou questões importantes sobre a experiência de cidade mediada tecnologicamente e pelas interações estabelecidas no Tinder.

Na pesquisa etnográfica é o campo que traz essa possibilidade de desfamiliarização. É assim que se pode, portanto, dizer que o trabalho de campo é um tipo de viagem – pela inquietação com outras experiências, pelo desejo de encontrar desconhecidos, pela

disponibilidade para se expor a esse tipo de dificuldade, à novidade, à diferença (CAIAFA, 2007, p. 149).

Com um campo que mescla uma ambiência digital e física, recorremos também a pesquisadores que realizam pesquisa na internet. Na disciplina de Metodologia de Pesquisa, realizada no PPGcom/Uerj, ministrada pelo prof. Dr. Fernando Gonçalves, conheci em um dos seminários o capítulo de metodologia do livro “Dinâmicas identitárias em Sites de Redes Sociais – Estudo com participantes de cenas de música eletrônica no Facebook” (2014), da pesquisadora Beatriz Polivanov, que me ajudou a pensar em possibilidades de aplicar o método da etnografia no contexto de pesquisa de ambientes virtuais, afinal eu analisaria interações sociais mediadas por um aplicativo que tem como base um dispositivo tecnológico comunicacional.

Assim como a etnografia “tradicional” teve como referência as obras de Malinoswksi, os estudos de interação na internet têm seus autores fundadores, como mapeou Polivanov. Entre eles estão Michael Rosenberg, que, em 1992, fez uma pesquisa etnográfica no WolfMOO; John Masterton, que, em 1994, pesquisou o *Ancient Anguish* e o *Sherry Turkle*, com a obra “*Life on the Screen: identity in the age of the internet*”, que na década de 1990 apontava mudanças na forma como experimentamos a identidade humana a partir da erosão de fronteiras, como a do real e do virtual (POLIVANOV, 2014).

Entre os pesquisadores que sistematizam o método para ambientes digitais, aderimos à proposta de Christine Hine (2004), pois, como explica Polivanov, ela enxerga a internet a partir de uma ótica cultural, olhar que dialoga com a experiência estudada. Na obra “Etnografia Virtual”, Hine sugere o entendimento da internet de duas formas, como explica Polivanov (2014): como cultura e como artefato cultural. No primeiro, as pesquisas enfocam no contexto cultural dos fenômenos que ocorrem e em suas comunidades virtuais, em que o *online* e o *off-line* são entendidos como espaços distintos. Já no segundo, a rede é um elemento dessa cultura, e não algo à parte, em uma proposta de integração das ambiências *online* e *off-line*. Seguimos a segunda linha de pesquisa, que entende a rede como elemento da cultura e enxerga a integração das ambiências. E, como Hine sugere, atentamo-nos, ao longo de toda a análise, para o encurtamento do tempo e das distâncias que diferenciam essa experiência de cidade mediada pelo Tinder.

Explorando as práticas com as quais os usuários constroem o sentido da Internet, nos leva a um plano de discussão sobre as estruturas temporais e espaciais que surgiram em nossa etnografia. A ideia de que a Internet gera interações sociais fora de certos contextos espaço-temporais já é comum; que a Internet “nega a geografia” (Cairucross,

1997). Os relacionamentos podem ser mantidos em todo o planeta, independentemente do local ou fuso horário. Com a aparente intimidade compartilhada pelas interações da Internet e com a possibilidade de comunicação assíncrona, a temporalidade tornou-se desordenada. Na Net, somos informados, podemos ser amigos íntimos de pessoas que não estão lá ou que ainda não chegaram (HINE, 2004, p. 106).

A partir das perspectivas metodológicas levantadas, segue a descrição etnográfica das experiências de cidade do Rio de Janeiro mediadas tecnologicamente e pelas interações que foram suscitadas na ambiência do aplicativo de relacionamento Tinder, que tem como atores sociais os estrangeiros e os brasileiros residentes no Rio de Janeiro. Ela está dividida em três etapas de procedimentos de coletas de dados: a de entrevistas com colaboradores, a de relato de experiência pessoal no Rio de Janeiro e uma experimentação em Roma.

4.2 Observação colaborativa: a empreitada etnográfica

A partir das referências teóricas sobre a etnografia, usamos a observação que denominamos de colaborativa, em vez do uso da nomenclatura corrente de observação-participante. Isso porque entendemos que a observação dessa experiência foi feita em termos de cooperação, em coletivo, e com muitos olhares. E, aqui, vamos analisar o que foi percebido por esses colaboradores. Os primeiros entrevistados estrangeiros – os colaboradores 1, 2 e 3 – foram indicados por conhecidos que sabiam que tais sujeitos faziam uso da plataforma no Tinder no Rio de Janeiro. O estadunidense, a britânica e a australiana toparam participar prontamente da pesquisa e deram os contornos cruciais para entendermos essas experiências de cidade. As colaboradoras 5 e 6 eram usuárias do Tinder que tinham compartilhado comigo, de modo informal, sobre suas experiências com estrangeiros no aplicativo, topando posteriormente fazer parte da pesquisa. O colaborador 4 foi uma indicação, e ele também embarcou prontamente na pesquisa. As entrevistas foram realizadas por e-mail ou por WhatsApp, de acordo com a disponibilidade de cada um deles. O roteiro (anexo) era semiaberto, com a possibilidade dos entrevistados adicionarem eventuais pontos que não haviam sido abordados. E, após as respostas, entrei em contato para esclarecer e problematizar questões que considerei relevante.

O que foi possível perceber a partir dos relatos dos primeiros seis entrevistados é que as questões que tangem as identidades nacionais atravessam de forma ainda mais visível a ambiência física das interações do que no Tinder. Um dos pontos percebidos por eles é uma

abordagem mais direta dos usuários estrangeiros, que os colaboradores creditam ao tempo de estadia na cidade, considerando que muitos estão apenas de passagem no Rio de Janeiro. Nesse contexto, aparece um elemento interessante no quesito identidade, a língua utilizada para essa comunicação na plataforma, que, como apontam os colaboradores da pesquisa, é essencial para o desenvolvimento das interações dentro e fora dela. De acordo com o Colaborador 4 (paulista, há oito anos no Rio de Janeiro, não declarou idade, mora no Flamengo), dos cinco estrangeiros com quem ele teve encontros presenciais, o único deles em que não houve continuidade na relação foi um usuário colombiano, pela dificuldade de entendimento, considerando que ele não é fluente em espanhol.

Acredito que a abordagem do turista é sempre mais direta, pois ele está só de passagem e não se preocupa em criar vínculos ou “manter uma imagem”, pois ele não é daqui, mas se você consegue manter um diálogo, eles estão abertos a outros programas e encontros que não sejam somente ligados a sexo. Neste ponto a fluência em outro idioma ajuda muito *[sic]* (Colaborador 4).

O colaborador 1 (estadunidense, 23 anos, morou por um ano e meio no Rio de Janeiro) conta que o Tinder foi o espaço introdutório para a prática do português. Ele é um estudante de Relações Internacionais que veio ao Rio de Janeiro para realizar um intercâmbio de seis meses, mas acabou ficando por um ano e meio no Brasil. Nosso contato inicial havia sido via WhatsApp e por escrito. Durante a entrevista, ele decidiu me mandar áudios, e eu realmente fiquei impressionada com a fluência em português adquirida em apenas um ano e meio morando no Rio de Janeiro. Além da ausência de sotaque americano, ele faz piadas, usa expressões e gírias típicas cariocas, que eu, mineira, brasileira, morando há nove anos no Rio de Janeiro, ainda não incluí no meu repertório discursivo. Ele declarou que sempre preferiu estabelecer suas interações com brasileiros em português, e a minha percepção que o interesse na imersão do espaço e na cultura da cidade foi tão grande que ele absorveu uma das características mais fortes das identidades nacionais e que, para muitos as diferenciam: a língua e a linguagem.

Sempre comecei puxando assunto em português. De vez em quando os brasileiros já chegavam puxando assunto comigo em inglês e sempre continuava em inglês por respeito... Mas pra falar a verdade, quem fala cmg em inglês logo desde o início eu acho meio brochante, então esses casos nunca tiveram muito sucesso rs...*[sic]* (Colaborador 1)

Por sua vez, a Colaboradora 2 (britânica, 30 anos, mora há um ano no Rio de Janeiro) relata que a língua escolhida na interação varia em cada etapa das interações. No Tinder, o

português, em geral, prevalece, porém presencialmente o inglês era introduzido, considerando que a língua é dominada pelos seus interagentes e o português da Colaboradora 2 ainda está em etapa de aprendizado³⁰. Contudo, posteriormente à entrevista formal, eu tive a oportunidade de conversar pessoalmente com a colaboradora, e o que percebi nesse contato foi apenas uma certa insegurança em relação ao português, pois a comunicação em português fluiu naturalmente e com domínio do vocabulário.

Na fala da colaboradora 7 (carioca, 29 anos, mora em Copacabana), também aparecem questões sobre a não naturalidade de algumas trocas, quando ela é realizada em outra língua. “Definitivamente percebo a diferença, principalmente de espontaneidade. Em português faço piadas, críticas e etc. Em outras línguas, com a limitação do vocabulário, acabo que fico restrita a determinados assuntos”, exemplificou a colaboradora 7.

A partir dos relatos iniciais, percebemos que estamos diante de uma negociação entre línguas para o estabelecimento dessas interações. Ela aparece de forma determinante para o desenvolvimento dessas relações e percepções identitárias desses usuários. Enquanto o Colaborador 4 identifica como causa de não continuidade de uma relação a dificuldade da interação em outra língua, para o Colaborador 1 essa barreira foi essencial para o aprendizado do português e na imersão da experiência carioca. Ele adjetiva como “brochante” a abordagem em inglês de brasileiros. Em uma perspectiva mais clara de negociação, a Colaboradora 2 aponta que tanto o inglês quanto o português aparecem nessas interações, dependendo da fluência de cada um nas línguas. Deste modo, há sim uma fronteira identitária clara nessas interações, e cada um desses usuários lidam com ela de acordo com seus interesses e sua disposição. De acordo com a colaboradora 8, ela percebeu que a maioria dos estrangeiros com quem ela interagiu não se esforçava para falar português, com exceção dos latinos-americanos.

A maioria dos estrangeiros que conheci não falavam nada em português. Muitos estavam há pouco tempo no Brasil, mas também não via esforço deles em falar português. Os únicos que se esforçavam eram os da América Latina, principalmente os Argentinos e do Uruguai. A interação em outro idioma é completamente diferente. Eu moro no Rio, mas eu sou da Paraíba, e já noto a diferença. De estrangeiro então, nem se fala. Já fiquei com um turco e uma pessoa do Nepal, e senti ainda mais diferença, pois não sabia como abordá-los, pois, as diferenças culturais eram ainda maiores (Colaboradora 8 – paraibana, 28 anos, mora em Santa Teresa).

³⁰ A Colaboradora 2 (Britânica, 30 anos, mora há um ano no Rio de Janeiro) pediu para que as respostas da entrevista/questionário fossem feitas em inglês, para que fossem melhor exploradas por ela.

Outra questão percebida está ligada à aproximação física e aos objetivos de alguns usuários brasileiros no Tinder. A Colaboradora 2 apontou tentativas de beijos como algo muito recorrente e que, para ela, também não é comum em um primeiro encontro. A britânica considera que os brasileiros, em geral, possuem uma postura respeitosa, mas a intenção de beijos da maioria a incomodava. “A maioria com quem eu conversei parecia legal e respeitosa, e eu me dei bem com todos que conheci, apesar de a maioria tentar e fazer movimento de beijo, do que eu não gostei” (em tradução livre)³¹, declarou a Colaboradora 2. Essa percepção também aparece na fala da Colaboradora 6 (mineira, há 8 anos no Rio de Janeiro, 26 anos, mora em Copacabana): “Apesar de mais diretos, os estrangeiros são mais amigáveis. Acho que o brasileiro leva o Tinder mais para o lado puramente sexual, sem possibilidade de construir uma amizade, por exemplo”.

Percebemos aqui que a finalidade do uso do Tinder interfere diretamente nessa abordagem. Muitos estrangeiros buscam a plataforma com o intuito de imersão na cidade e possivelmente estabelecer trocas afetivas e sexuais, que podem surgir como consequência. Essa busca por interações e relações com brasileiros é justificada por alguns motivos. Por parte dos estrangeiros entrevistados estão entre os objetivos: a) conhecer espaços fora do circuito turístico; b) fazer imersão na cultura carioca; c) e sentir-se mais seguros em circular nos espaços da cidade com brasileiros residentes, o que atravessa as questões de imaginários sobre a cidade do Rio, debatidas nos capítulos anteriores.

Eu fui em lugares e bairros (e até cidades diferentes) e conheci gente que eu NUNCA teria conhecido se não fosse pelo Tinder. Virei *expert* da mobilidade urbana carioca (e da área metropolitana do Rio) e fiquei muito confortável andando pela cidade. O resultado foi uma riqueza muito grande de conhecimento da cultura daqui, através da linguagem, comidas, experiências com a família carioca, as normas culturais daqui e até o esporte. (...) Eu nem gostava tanto do Rio no início, porém quanto mais eu penetrava a cidade, mais eu conseguia entender e experimentá-la, e mais eu começava a apreciar e amá-la [*sic*] (Colaborador 1 - estadunidense, 23 anos, morou um ano e meio no Rio de Janeiro).

O que percebemos é que essas trocas culturais – sejam da linguagem, gastronômicas, de mobilidade urbana e até esportivas – têm por muitas vezes o espaço da cidade como pano de fundo. E essa imersão interfere até na criação de vínculos afetivos com o lugar, como destacou o Colaborador 1. Ele diz ter começado a gostar do Rio de Janeiro na medida em que aumentou seu nível de imersão no cotidiano da cidade e na cultura. E, de acordo com os relatos dos

³¹ “But overall the majority who I spoke to seemed nice and respectful, and I got on well with all those who I met, although the majority tried to make a move (kiss) straight away which I didn’t like” (depoimento original).

colaboradores, essa demanda de imersão varia muito de usuário para usuário. Alguns preferem conhecer os pontos turísticos tradicionais, aqueles difundidos nas representações mais recorrentes sobre a cidade, como conta o colaborador 4:

Lapa, Copacabana e Maracanã vieram de sugestões deles, pois eles disseram que estes lugares eram emblemáticos da cidade e que sempre eram citados nos guias junto com Corcovado e Pão de Açúcar. Eu resolvi incluir outros programas, menos turísticos e que mostrassem um outro lado da cidade, são lugares que eu gosto muito e que fazem parte do meu dia a dia na cidade. O centro histórico sempre faço questão de mostrar e de contar um pouco da história da cidade, para mostrar que o Rio é mais que praia e futebol. [*sic*] (Colaborador 4 - paulista, há 8 anos no Rio de Janeiro, não declarou idade, mora no Flamengo).

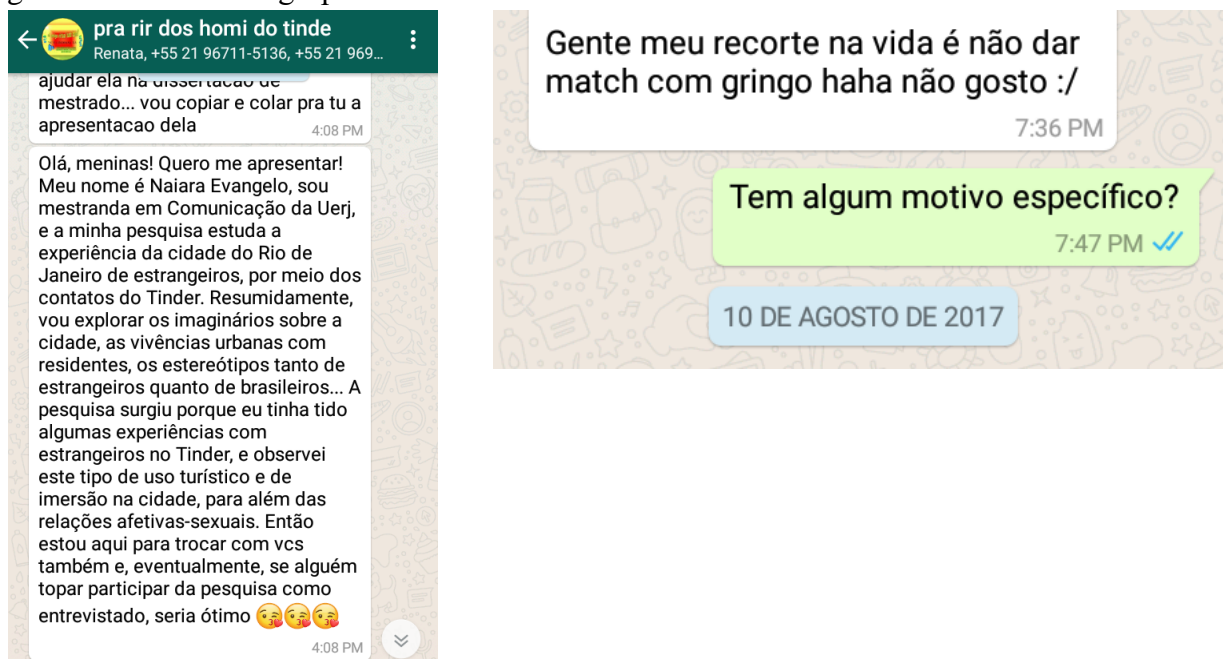
Após a defesa do texto de qualificação de Mestrado, realizada em 6 de julho de 2017, retomamos contato com mais três estrangeiros e três brasileiros acrescentando algumas questões sobre identidades e sobre os imaginários acerca da cidade, considerando que eram os eixos temáticos que apareciam de forma mais latente nas primeiras conversas. Para essas entrevistas, resolvi buscar colaboradores em outros lugares, com o intuito de ampliar os dados de pesquisa. Os estrangeiros foram todos contactados diretamente pelo Tinder, a partir da interação com um perfil em que me identificava como “Naiara, mestranda e pesquisadora da experiência de cidade a partir das interações no Tinder”. Minha atuação na plataforma resultou os mais variados tipos de interação, sobretudo com brasileiros, que no procedimento não eram o foco. Os estrangeiros que toparam participar da pesquisa são os colaboradores 10, 11 e 12, que são belga, estadunidense e argentino, respectivamente. A ideia inicial era que eles fossem de países que saíssem da rota ocidental, mas o egípcio e o marroquino que inicialmente disseram “sim”, posteriormente, não responderam à solicitação de entrevista. De todo modo, a interação com eles apareceu na voz das colaboradoras brasileiras. Entre elas, a colaboradora 8, que caracterizou a relação com um nepalês como a experiência mais exótica que teve na vida.

Me relacionar com uma pessoa do Nepal foi a experiência mais exótica que tive na vida. Ele cozinhava comidas da Tailândia, do Nepal... E sempre houve uma troca muito grande. Aprendi muito, trocamos músicas e no final ele me deu uma tatuagem de presente, pois era tatuador. Ele marcou muito minha vida e foi alguém que conheci através do Tinder. E tenho certeza que fora do Tinder dificilmente o conheceria (Colaboradora 8 – paraibana, 28 anos, mora em Santa Teresa).

A colaboradora 8 é umas das três brasileiras da última leva de entrevistas e, como ela mesma conta, tem interagido apenas com usuários estrangeiros na plataforma. “Estou usando o Tinder só para conhecer estrangeiro, pois estou nessa fase da vida”, contou. A característica do exotismo destacada por ela nos remete aos relatos dos primeiros estrangeiros que chegaram ao Brasil, que destacamos no primeiro capítulo. O exótico é proveniente do desconhecido, das diferenças, das negociações, e foram elas que se destacaram para a colaboradora nessa imersão na plataforma. Tais experiências “exóticas” só poderiam ter acontecido, segundo ela, a partir da mediação tecnológica do Tinder, experiência essa que ficou marcada, inclusive, em sua pele, com a tatuagem que recebeu do tatuador que conheceu na plataforma.

A colaboradora 8 e as outras brasileiras residentes no Rio de Janeiro entrevistadas fazem parte do Grupo no Whatsapp “Pra rir dos homi do tinde”, da qual faço parte desde 9 de agosto de 2017 acompanhando as interações das interagentes com usuários do Tinder, sendo parte delas com estrangeiros. As integrantes do grupo contribuíram não só com as entrevistas, mas também com trocas rotineiras, sempre com um tom debochado, como o título do grupo já demonstra. Eu fui adicionada, gentilmente, por uma colega pesquisadora que faz parte do grupo e lá percebi ainda mais a pontência do Tinder como espaço de sociabilidade, que levou à reunião de pessoas com o objetivo de discutir as interações na sua ambiência.

Figura 15 - Entrada no grupo “Pra rir dos homi do tinde”



Fonte: WhatsApp pessoal da autora

Logo que fui adicionada ao grupo, eu me apresentei e falei um pouco sobre a minha pesquisa. Em seguida, as integrantes começaram a discutir a temática espontaneamente. Além das colaboradoras 7, 8 e 9, que foram entrevistadas formalmente (seguindo um roteiro de perguntas) e que interagiram com estrangeiros no Tinder, chamou-me a atenção o comentário de uma das integrantes do grupo que evita contato com os mesmos. “Gente meu recorte na vida é não dar *match* com gringo haha não gosto :/” [sic], declarou. Quando questionei sobre o motivo, obtive como resposta exatamente o mesmo motivo pelo qual por muito tempo evitei esse tipo de interação, por entender como uma aproximação em que nós, mulheres, somos objetificadas, em consequência de uma série de imaginários construídos internacionalmente. A questão também foi citada pela colaboradora 5.

(...) filtro muito com quais estrangeiros converso, porque fico um pouco receosa em reforçar o estereótipo da brasileira-objeto. Meu biotipo³² acaba chamando atenção excessiva de estrangeiros, acho que se eu reforçar isso pode soar artificial [sic] (Colaboradora 5 - Carioca, 30 anos, mora no Recreio)

Percebo em muitas de nós, mulheres, certo ressentimento histórico sobre algumas abordagens masculinas, que, como relatei, nem sempre vêm carregadas desses imaginários. Muitos desses estrangeiros estão em busca justamente dessas quebras de paradigmas, e a interação com eles influencia diretamente nessas possíveis desconstruções. O que apreendo dos depoimentos das colaboradoras e da minha própria experiência é que não há regras nessas interações e que uma possível atitude machista não está ligada só às nacionalidades. Ela segue muito mais uma lógica de experiência individual do que identitária, embora cada caso precise ser analisado isoladamente para não cairmos no reducionismo da identidade nacional totalizadora, como problematizou Hall.

(...) Não quero generalizar, pois já encontrei muitos estrangeiros que não foram legais. Inclusive já discuti pelo aplicativo. Alguns chegam no Brasil e acham que as mulheres são obrigadas a transar no primeiro encontro só porque são brasileiras. Mas de forma geral tem sido positiva, acho eles mais românticos e educados (Colaboradora 8 - paraibana, 28 anos, mora em Santa Teresa)

Um dos dados apontados pelos colaboradores estrangeiros que me surpreenderam foi a recorrência da temática astrológica nas interações do Tinder e fora dele. Eu, geminiana, lua em

³² A Colaboradora 5 é negra e a preocupação se refere aos estereótipos de representação das mulheres negras brasileiras.

touro, ascendente em leão e vênus em touro, tratava o assunto como algo muito normal. Mas descobri que os estrangeiros acham isso muito estranho! A Colaboradora 3 (australiana, 27 anos, morou por um ano no Rio de Janeiro) identificou esse interesse recorrente na Astrologia para estabelecer as interações em que os signos são usados como forma de entender comportamentos e identidades. Ela diz que, na Austrália, seu país de origem, ela nunca tinha sido interpelada nesse sentido. Ela lembra que tal informação aparece tanto nos perfis dos usuários, como nas conversas presenciais. “Algo que notei de diferente é que os brasileiros amam colocar seus signos em seus perfis e perguntam qual é o seu”³³ (em tradução livre), destacou a Colaboradora 3³⁴. O Colaborador 10 teve a mesma percepção. “Eu conversei com apenas uma, mas algo que percebi é que muitas mulheres mencionam o seu signo”³⁵, destacou. Com a percepção, ele confessou que alterou o perfil adicionando também o seu signo, ao perceber que isso era importante para interações no Rio de Janeiro³⁶. Essa atitude demonstra mais uma vez o esforço de imersão na localidade, ao perceber um comportamento e adotá-lo com o intuito de estabelecer relações com locais, mesmo não dando a mesma importância para a questão.

As questões sobre os imaginários voltam a surgir na perspectiva dos brasileiros, no sentido de reforçar algumas representações. A Colaboradora 9 contou que percebeu que recorreu a alguns símbolos difundidos sobre a cultura nacional em sua interação com um canadense. “Já brinquei bastante sobre a bebida caipirinha e o samba. Como se fossem as únicas coisas a representar o Brasil. Só que sei que não”, contou. Por sua vez, a Colaboradora 8 fazia o oposto. Ela conta que isso sempre foi uma questão em suas interações. “Sou socióloga e fujo muito desses estereótipos em consequência da minha formação acadêmica. Então sempre que alguém falava algo sobre o Brasil, eu questionava”, enfatizou.

A única colaboradora que interagiu com usuários que utilizam a ferramenta *Passport*, a colaboradora 7, contou que as interações com estrangeiros que estavam fora do Rio de Janeiro não foram mantidas quando eles chegaram no espaço da cidade. Em interações pessoais, somadas

³³ “One thing I noticed that is different is that Brazilians love to put their star sign on their profile and ask what is your star sign haha. We don't know as much about that in Australia” (depoimento original).

³⁴ A colaboradora também pediu para fazer o seu relato em inglês.

³⁵ “I've only chatted with one person, but there's a couple of things I noticed: - Many women mention their star sign” (depoimento original).

³⁶ I added flags corresponding to the languages I know and added my star sign as I noticed that many women seem it to be important enough to add (depoimento original).

ao relato, entendendo que a ferramenta é útil para aqueles que já querem mapear as vivências da cidade. Percebi que esse contato ainda fora da cidade vale muito mais como uma forma de imersão inicial do que um estabelecimento de contato e/ou vínculo efetivo com os residentes da cidade. Isso porque na lógica do Tinder interessa muito a velocidade, então esperar que o outro chegue até o mesmo espaço geográfico pode levar a uma perda do *timing* daquela interação, haja vista que muitos encontros acontecem em um espaço de tempo muito curto, logo após o início do contato no Tinder.

Eu sou preguiçosa e nem sempre eu abro o perfil do usuário para ver a distância, e aí quando vejo dei match com alguém que está a milhares de quilômetros de distância. Mas nunca deu em nada, apenas pesquenas conversas...Já cheguei até a combinar com um, quando ele chegasse ao Brasil, mas depois que ele chegou ao Rio, ele sumiu (Colaboradora 7 – Carioca, 29 anos, mora em Copacabana)

Considere importante perguntar também aos estrangeiros sobre o que eles não esperavam, sobre o que não fazia parte dos seus imaginários e que eles consideraram estranho ou diferente na cultura brasileira. O Colaborador 11 apenas destacou o uso de guardanapo para comer em vez de segurar o alimento diretamente com a mão. Por sua vez, o Colaborador 10 fez uma lista com alguns itens, como atravessar a rua com o semáforo de pedestres estando no vermelho; o pagamento no crédito, e não no débito; e os restaurantes a quilo (*self-service*).

Entre os estranhamentos dos brasileiros em relação aos estrangeiros, a Colaboradora 8 conta que isso só foi percebido com o tempo de convivência. “A questão do banho era o que mais me incomodava. Não escovar dente, escarrar em público. Tinha nojinho (...), mas também não era nada muito grave”, contou.

Jogar o papel higiênico usado na lata de lixo em vez de jogá-lo no próprio banheiro. Os carros atravessam o sinal vermelho. Sinais de trânsito e estradas são meras decorações. Restaurantes a quilo. Os ingredientes criativos em alguns lugares de pizza. Os indicadores dentro dos carros geralmente não funcionam porque o carro não usa o tanque de combustível original para o qual o carro foi projetado (etanol, gás, ...). A maioria dos lugares de compras pedem CPF (se você é brasileiro...). Não há máquinas automáticas de estacionamento, mas atendentes de estacionamento na estrada [pedágios]. Muitos brasileiros geralmente pagam com crédito em vez de débito³⁷ (Colaboradora 10 – belga, 33 anos, viagem de um mês, hospedado na Lapa).

³⁷ Throwing the used toilet paper in the garbage can instead of throwing it in the toilet itself - Cars tend to drive through red lights - Traffic signs and road lanes are mere decoration - The pay - per - kilo buffet concept in restaurants - The creative toppings in some pizza places - The indicators inside cars often don't work because the car doesn't use the original fuel tank the car was designed for (ethanol, gas,...) - Most shopping places ask for CPF (If you are Brazilian) - There are no parking meters but parking attendants on the road - Many Brazilians often pay by credit instead of debit (depouimento original).

O que pareceu marcante nessa experiência de cidade mediada pelo Tinder entre estrangeiros e brasileiros parece ser o resultado delas após a volta dos viajantes aos seus respectivos países de origem. Quando questionados sobre uma palavra que eles utilizariam para definir o Rio de Janeiro, todos os estrangeiros apresentaram um olhar positivado, com palavras como “amazing”, “incrível” e “hospitalidade”. E, como relatam as Colaboradoras 8 e 9, elas mantiveram a amizade com os viajantes com quem estabeleceram contato no Tinder após o retorno deles a seus países, o que pode sugerir o interesse de ambos em manter esses vínculos, ou seja, o uso da plataforma para além da proposta sexual. “Eles mantêm mais contato duradouro. Até hoje ele me segue nas redes sociais e conversa comigo, mesmo que esporadicamente”, contou a colaboradora 9.

Seguindo a sugestão de Gilberto Velho e de Rosana Guber, que entendem que a interação entre os viventes da experiência social e o etnógrafo pode esconder algumas nuances importantes da pesquisa, resolvi viver eu mesma essa experiência de campo na condição de anfitriã (mineira residente no Rio de Janeiro) e de estrangeira (em Roma, Itália). Seguem as minhas percepções e observações sobre essa experiência de cidade mediada pelas interações suscitadas pelo Tinder.

4.3 Não existe bandeira do México no Saara

Este tópico será dedicado à minha experiência no Tinder, na qual A.³⁸ topou generosamente participar. Ela corresponde ao procedimento de coleta de dados em que assumi o papel de anfitriã na experiência de cidade mediada por uma interação suscitada pelo Tinder. Logo após a etapa de qualificação, em uma das minhas entradas no aplicativo como usuária, recebi um *Superlike* de um usuário mexicano, chefe de cozinha que fazia uma longa viagem pela América do Sul (Perfeito!). *Superlike* é uma opção do aplicativo que permite que o possível interagente veja o interesse do outro sem a necessidade de troca mútua de *likes*.

Foram três meses de interação intensa com A., desde o primeiro contato pelo Tinder até nosso último encontro face a face, na semana em que ele deixou o Rio de Janeiro. Logo no começo da interação, eu disse a ele que era pesquisadora do Tinder, mas estava usando o

³⁸ Resolvi preservar sua identidade, como a de todos os outros colaboradores, ainda que o mesmo não tenha solicitado.

aplicativo naquele momento como usuária (com interesses pessoais). Após a informação, recebi a resposta “pesquisame” [sic] (pesquisa-me). Pensei... E por que não? As trocas com A. passaram a ser analisadas também em caráter etnográfico, sem paranoia, mas com um olhar sistematizado que antes eu não tinha para outras interações com interesses pessoais. Posso dizer que essa interação nasceu de uma troca de interesses. Ele queria conhecer a cultura e melhorar o português, e eu queria explorar empiricamente essa experiência de cidade por meio do Tinder.

Figura 16 - Interação inicial com A.



Fonte: Interações pessoais no Tinder e WhatsApp

Encontramo-nos pela primeira vez para tomar um café no Parque Lage, ao lado do Jardim Botânico. O local foi escolhido por ele. Perguntei o motivo, e ele me explicou que havia lido que era perto da natureza e tinha uma bela vista do Cristo Redentor. Na época, A. estava hospedado em Copacabana, e os colegas de hostel eram informantes sobre a cidade. Logo no início da conversa, observamos uma dificuldade de comunicação. Eu entendia o que ele dizia, mas ele não me entendia completamente. Eu sou a “rainha do ‘portunhol³⁹’”, mas não quis arriscar, por

³⁹ Expressão popular satírica que faz alusão à mistura de português e espanhol quando não se tem domínio completo de um dos dois idiomas.

motivos de “não sei”. Incomodado, ele em algum momento da conversa começou a falar em inglês e por alguns minutos fluiu. Contudo, quem ficou incomodada fui eu. Um mexicano e uma brasileira falando em inglês no Brasil? Voltei para um “portunhol” e comecei a falar sobre Usurpadora (novela), Maria do Bairro (novela), Chaves (seriado infantil), produtos midiáticos do México que fizeram sucesso na televisão brasileira. Eu passava, então, a apelar para as representações do México que faziam parte do meu imaginário, e finalmente conseguimos encontrar uma sinergia na conversa. Depois das novelas, chegamos ao futebol e depois seguimos para a temática sobre cidade.

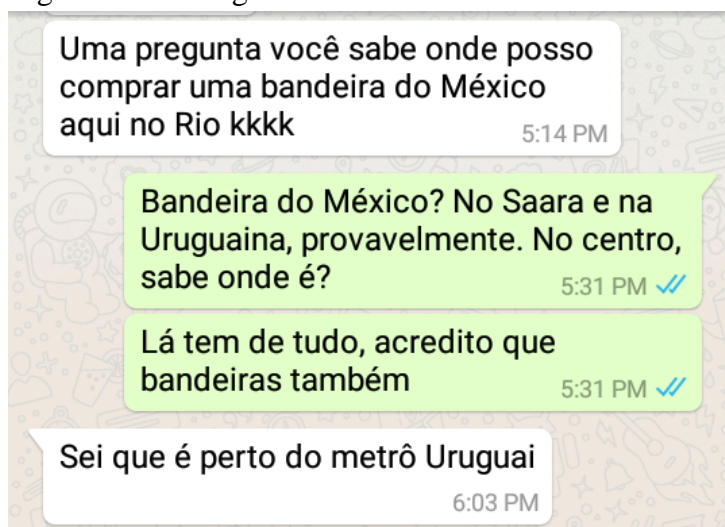
Definitivamente, a temática da cidade era a que mais interessava a ele. A. queria saber aonde ir, lugares onde se hospedar, sobre os melhores restaurantes, localidades noturnas, praias, entre outros. Mostrou-me fotos no celular de locais para onde gostaria de ir, como o Morro Dois Irmãos, ponto mais alto do morro onde também se situa a comunidade do Vidigal, na Zona Sul carioca. Expliquei onde o morro se localizava, próximo à Praia de Ipanema. Para minha surpresa, na semana seguinte, ele havia se mudado para um hostel na localidade. Enviou-me uma mensagem do alto do Dois Irmãos, demonstrando empolgação e dizendo que queria compartilhar essa experiência comigo. Encontramo-nos novamente na Rua do Ouvidor, no Centro do Rio de Janeiro. A escolha dessa vez foi minha. Supus que ele gostaria do clima boêmio. Nesse segundo encontro, ele demonstrava maior domínio do português, e a comunicação passou a fluir mais facilmente. Vale ressaltar que, entre o primeiro e o segundo encontros, trocamos muitas mensagens e dicas.

No segundo encontro, ele me perguntava sobre Niterói. Eu disse que já havia morado lá por quatro anos, durante meu curso de Graduação, e que gostava muito da cidade. Ele me contou que havia recebido um convite para trabalhar na cozinha de um hostel de lá. Ele estava há três semanas na cidade e já tinha morado em Copacabana, Vidigal e estava considerando ir para Niterói. A. queria informações detalhadas sobre o custo de vida, sobre o cotidiano e sobre locais para explorar. Dias depois, pronto, recebo uma mensagem sobre a experiência de trabalho na terra de Arariboia. A ida para Niterói fez com que ficássemos algumas semanas sem nos encontrarmos, mas o contato por WhatsApp era contínuo. A. conheceu Itacoatiara, bairro da Região Oceânica de Niterói, após o meu depoimento apaixonado sobre o local. Estimulado ou não, também disse estar encantado por essa praia. Fez novos amigos e parecia não precisar mais de mim.

Um dia recebo um convite: “quer conhecer a minha Ilha?”. Pensei que estava falando de Niterói. Mas não. A. tinha acabado de se mudar para Ilha da Gigoia, um refúgio em plena Barra da Tijuca, bairro na Zona Oeste da cidade do Rio. Encontramo-nos novamente para almoçar, e ele parecia outra pessoa. O domínio do português era perceptível, já conhecia muito sobre a cidade e sabia exatamente o porquê de estar ali: “queria conhecer o máximo possível do Rio, de Copacabana até a Ilha da Gigoia”. Um conhecimento limitado, portanto, à região oceânica (e mais turística) da cidade. Naquele dia era o aniversário dele, e eu nem sabia. Senti-me especial porque percebi que parte daquela conexão com a cidade passava pelas nossas trocas, pela construção de afeto mediada por mim, que sou, no olhar dele, parte integrante da própria cidade.

Alguns dias depois, recebo outra mensagem: “você sabe onde comprar uma bandeira do México aqui no Rio?”. Fomos então para um longo dia ao Saara (Sociedade de Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega), um centro popular de comércio no Centro do Rio de Janeiro.

Figura 17 - Diálogo com A.



Fonte: Interação pessoal no WhatsApp

Chegamos ao local e entramos em umas dez lojas em busca da bandeira do México. Para minha surpresa, não existe bandeira do México no Saara! É possível comprar bandeiras da China, dos Estados Unidos, do Chile, da Argentina, de Portugal, da Espanha... Mas não encontramos bandeira do México. O máximo que conseguimos foi uma loja que poderia mandar confeccionar a bandeira, o que demoraria em torno de 15 dias. Foi aí que ele me contou que estava pensando

em continuar a sua viagem pela América do Sul e queria a bandeira para usar na estrada para pedir carona.

Desistimos da bandeira e compramos material para ele fazer um cartaz com pedidos de carona e desenhamos uma bandeira do México. Enquanto fazíamos, aconteceu algo que eu não esperava. A. fez muitas reclamações sobre o Rio de Janeiro, passando por excesso de mosquitos até a receptividade. Ele disse que na Colômbia tinha sentido muito mais hospitalidade das pessoas do que por aqui. Isso doeu em mim! Eu percebi que ele estava nitidamente chateado com o fato de não ter achado a bandeira. Aquilo era muito simbólico para ele, considerando que encontramos bandeiras de uma grande variedade de nações. Para ele, mexicanos não eram tão queridos no Brasil quanto os estrangeiros de outras nacionalidades. Naquele momento, eu não possuía contrargumentos, mas a questão me fez pensar sobre as representações no Tinder. De fato, estrangeiros que não fazem parte do círculo das representações estéticas ocidentais muitas vezes não recorrem a esses símbolos identitários, isso porque enxergam que isso não os valorizam.

Na outra semana, despedimo-nos e ele me agradeceu muito por essa experiência. Depois daqueles encontros com A., percebi que, muito mais do que mostrar um pouco do que conhecia da cidade, eu conheci muito mais da cultura mexicana. *Burritos*⁴⁰ passaram a ser mais interessantes que os conhecidos tacos mexicanos. Descobri que Julietas Venegas é muito mais famosa que Thalia; que “borracharia”, em português, é uma palavra muito engraçada para eles por aludir a “*borracho*”, que significa “bêbado”; que Cancún para ele nem era México e que eu tinha que conhecer mesmo era Oaxaca. Foram quase três meses de trocas culturais intensas e um amigo que espero ter ganhado. O combinado é que faremos o inverso: ele me apresentará o México. E estou torcendo para encontrar uma bandeira brasileira por lá.

4.4 A simpatia: uma experiência de campo em Roma

Como introduzido, em novembro de 2017, estive em países europeus graças a uma apresentação de trabalho acadêmico em um congresso realizado em Lisboa, Portugal. Aproveitei a viagem para conhecer algumas cidades da Itália e saí do Brasil com a ideia de experimentar o

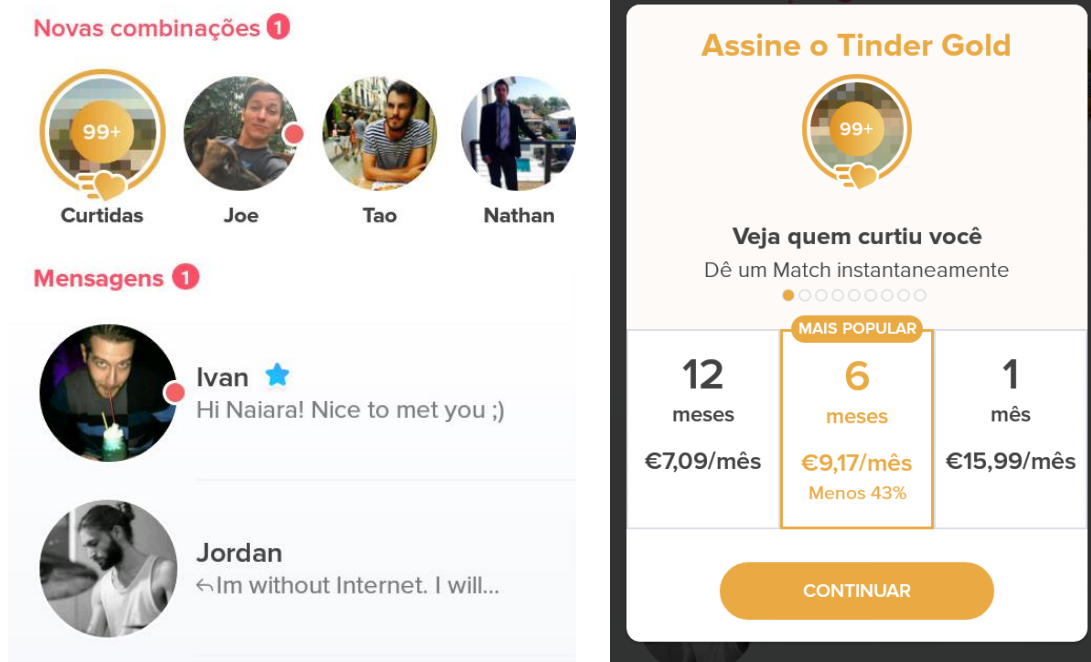
⁴⁰ Prato tradicional da culinária do México consistindo de uma tortilla de farinha geralmente recheada com carne.

Tinder como estrangeira e de forma sistematizada. A intenção era me colocar no lugar dessas pessoas que estavam colaborando para o entendimento dessa experiência de cidade mediada, ainda que a localidade fosse diferente da do Rio de Janeiro. Queria entender como a língua e as diferenças culturais atravessariam o encontro no local do outro, um lugar que não conhecia e em uma língua que eu não falava.

O uso do Tinder fora do Brasil ocorreu especificamente em Roma, por sete dias, resultando em dezenas de interações pelo aplicativo e um único encontro face a face com uma única pessoa. Essa última etapa de pesquisa foi uma experimentação em todos os âmbitos, entre eles, na forma como me apresentaria, como me portaria, o que gostaria de aprender com ela. Inicialmente, após conversa com meu coorientador, questionei-me se valia a pena ou não ser descrita e colocada entre os procedimentos metodológicos. Mas, após a experiência, não tive dúvidas de que seria um exercício interessante para essa combinação metodológica, que pretende não só experimentar, mas arriscar.

Assim, o primeiro passo foi construir meu perfil na plataforma. Redigi uma autobiografia em inglês, na qual pedia desculpas por não falar italiano, e deixava bem clara a minha intenção de pesquisa a partir daquelas interações, que era entender a experiência de cidade a partir das relações suscitadas no Tinder. Minhas três fotos no Tinder eram todas em paisagens do Rio: uma em uma escadaria do Morro da Conceição; a outra do alto do morro Dois Irmãos, no Vidigal, com uma vista panorâmica do Rio de Janeiro; e uma do alto da Pedra da Gávea. O perfil foi pensado para aquela experiência específica. No Brasil, eu não usaria essa combinação de texto e imagens. Surpreendentemente, em menos de 24h, recebi uma notificação do Tinder que havia recebido mais de 100 curtidas na plataforma, algo também que nunca tinha me acontecido no Brasil em um período de tempo tão curto. Novamente, os imaginários sobre ser mulher, brasileira, negra, na Itália cercaram a minha experiência no Tinder, por isso pensei muito sobre a segurança dos possíveis encontros face a face, sem a mediação tecnológica.

Figura 18 - A experiência em Roma



Fonte: Tinder

Logo no primeiro dia, fui abordada por B. e conversamos sobre a pesquisa e sobre a disponibilidade dele para me apresentar a alguma região da cidade. B. é jornalista e a identificação surgiu também pela profissão que compartilhamos. De algum modo, confiei naquelas primeiras impressões na plataforma. Após dois dias de conversa, achei que o encontro em local público me deixaria tranquila. E lá fui eu. Confesso que eu estava mais nervosa que o normal, porém deixei avisado para amigas sobre o encontro. O local foi escolhido por ele, ao meu pedido, e ele me apresentou a região boêmia nos arredores do Vaticano, chamada Borgo. Fomos a um *pub* que ele chamava de “bar” para um almoço em meio à sua jornada de trabalho, ao meu pedido também. Achei que o encontro durante o dia seria mais adequado para as circunstâncias da pesquisa.

Figura 19 - Diálogo com B.



Fonte: Interações pessoais no WhatsApp

Devido à conversa iniciada no Tinder, que migrou para o WhatsApp – caminho comum também em interações realizadas aqui no Brasil –, eu já sabia que a questão da língua e da localidade seriam abordadas nessa conversa. Em parte do diálogo, ele diz “My english is not perfect, but if u are patient” (Meu inglês não é perfeito, mas se você é paciente, em tradução livre), e respondi enfatizando que essa também não era minha língua materna: “My English is not perfect too. Im brazilian” (Meu inglês também não é perfeito. Sou brasileira”, em tradução livre), brinquei. No entanto, para além das temáticas, alguns assuntos me surpreenderam e me ajudaram a refletir sobre essa experiência.

Logo no início da conversa, ele me questionou: “Eu sei que a pesquisadora é você, mas eu tenho uma curiosidade. Queria muito saber como os brasileiros lidaram com o 7x1 no último Mundial⁴¹?”. Aquela pergunta já arrancou risadas e deu o tom leve das quase duas horas de conversa. Falamos bastante sobre futebol, ele realmente estava interessado nisso. Perguntou qual

⁴¹ Ele se refere à partida entre Brasil e Alemanha, ocorrida em Belo Horizonte em 8 de julho de 2014, durante a Copa do Mundo de 2014, realizada no Brasil. O placar (7 a 1 para a Alemanha) foi o pior resultado do Brasil em Copas do Mundo, tornando-se motivo de chacota de estrangeiros contra brasileiros.

era o meu time e demonstrou conhecer alguns jogadores do Cruzeiro⁴² que atuaram na Itália, como Ronaldo e Alex. Depois recorreu a outro símbolo forte da cultura brasileira: a música. Eu perguntei o que ele conhecia, e ele me disse que Caetano Veloso. E ele de fato conhecia. Mencionou “Transa”, o meu disco favorito do cantor. Falei de Gilberto Gil, e ele afirmou não conhecer, mas pediu que eu, utilizando o celular dele, seguisse listas do artista em seu Spotify. Ainda na área musical, mostrou-me no Spotify uma música brasileira de que gostava, mas não conhecia o cantor. Era “Não existe amor em SP”, de Criolo. Pronto! Tentei interpretar a música, e falar um pouco de São Paulo, mesmo não conhecendo a fundo a cidade. Falei sobre o potencial gastronômico da capital paulista e aproveitei para dizer que estava apaixonada pela culinária italiana. B. me deu dicas de restaurantes e gelaterias fora do circuito turístico de Roma, tudo de que eu precisava! O Tinder me pareceu, naquele momento, muito melhor do que qualquer guia gastronômico. B. me perguntou sobre a comida brasileira, e eu falei sobre os pratos mineiros, que eram os meus favoritos. Óbvio que ele me perguntou sobre caipirinha! E falei sobre a cachaça mineira.

Um dos últimos assuntos também atravessou imaginários consagrados sobre a cultura brasileira: o Carnaval. Contei para ele que eu tocava em um bloco de *samba-reggae* e de música afrobrasileira, e ele se demonstrou superinteressado pelo assunto. Novamente, pediu-me acesso às músicas no Spotify, e espero que ele esteja até hoje ouvindo Olodum, Ilê Aiyê e Timbalada, pois pareceu muito impactado pela percussão. Primeiramente, B. supôs que isso fazia parte dos desfiles da Sapucaí. Depois expliquei que eram blocos de rua e que existiam várias outras formas de “carnavais” no Brasil. Falei sobre Recife, em Pernambuco; e Diamantina, em Minas Gerais, experiências carnavalescas que eu tinha vivido para além do Rio.

Após a experiência, pensei sobre aquele encontro como interseção cultural. Percebi que os códigos comuns que compartilhávamos estavam embasados nas tecnologias: o Whatsapp, o Tinder, o Spotify, Instagram, Facebook... Isso, para mim, evidenciava o potencial global dessas empresas de comunicação, que atravessam as mais variadas culturas e experiências. Sobre as diferenças, elas estão, sobretudo, na posição de estrangeira em que eu me encontrava. Como estrangeira, eu me posicionei embasada a partir de marcas da “identidade brasileira”,

⁴² O Cruzeiro Esporte Clube é um time de futebol com sede em Belo Horizonte, sendo considerado o maior clube de futebol de Minas Gerais. Foi fundado em 1921 por desportistas da colônia italiana de Belo Horizonte, recebendo, à época, o nome de Sociedade Esportiva Palestra Itália. O clube foi rebatizado em 1942, quando recebeu seu nome atual.

considerando que foram esses os assuntos que surgiram na conversa. Como estrangeira, eu precisava ilustrar a temática recorrendo a símbolos reconhecíveis da minha cultura, seja do futebol, da música, da gastronomia ou do carnaval. Não interessava muito meu cotidiano. Quase não falei da pesquisa, o que havia acontecido na plataforma. O que estava em destaque na interação face a face, na minha presença física, era a minha brasilidade. E o que acho válido destacar é que ele respeitou completamente a proposta de pesquisa e não tentou algo a mais que isso.

Essa última etapa metodológica me ajudou a compreender que o meu recorte de pesquisa, que fugiu dos tradicionais da Antropologia, permitiu-me experimentar não só uma escrita não tradicional, mas também procedimentos de coletas de dados não tão usuais. Essas experimentações me permitiram ter um olhar muito mais aguçado para a experiência de cidade mediada pelo Tinder, entender como os imaginários sobre a cidade e sobre o Brasil aparecem, trazendo, contudo, outros possíveis pontos de vistas e outras perspectivas para o que já está consolidado lá fora. Afinal, o Rio é samba, é praia, é sol, mas não é muito mais complexo do que isso. O que a pesquisa demonstrou é que interagir com pessoas locais pode ser uma forma de mergulhar nessa cultura tão rica e ramificada, com possibilidades de fugir de reducionismos tão característicos das construções de identidades nacionais. Mesmo que os próprios sujeitos nativos possam, em algum momento e em algum nível, reforçar alguns imaginários – positivos ou negativos – sobre as práticas socioculturais locais, tais sujeitos poderão promover tensionamentos acerca de estereótipos que permeiam o olhar do outro.

Aqui agradeço novamente a todos em que esbarrei nessa trajetória. A etnografia para mim foi uma forma de conhecer o outro a partir de estranhamentos culturais. Uma forma de refletir quem sou eu nesse universo, de entender qual o papel da pesquisa para o meu campo disciplinar de origem, de problematizar teorias e métodos, de fazer conexões mentais e espirituais, de me deslocar sem sair do lugar, de viver a experiência do outro, de compartilhar as minhas experiências. Essa etnografia foi um despertar. Um acordar para um mundo de possibilidades, de combinações e experimentações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou entender uma forma de utilização muito particular do aplicativo de relacionamentos Tinder, o uso com objetivos turísticos. Com o olhar para essa prática extremamente contemporânea, o estudo buscou identificar de que modo os usuários estrangeiros exploram a cidade do Rio de Janeiro por meio das relações interpessoais que estabelecem com residentes da cidade. Em pesquisa com inspiração etnográfica, observamos que as principais nuances que atravessavam essa experiência eram as dos imaginários e a da identidade, e ambos se tornaram os eixos centrais das discussões estabelecidas nos quatro capítulos desse texto.

Inicialmente, a ideia da pesquisa, ainda como projeto, era pensar como as relações afetivas/sexuais de usuários do Tinder estavam sendo impactadas por essa mediação tecnológica. A partir das aproximações empíricas ao objeto feitas em termos de pesquisa exploratória, que foram consolidadas em artigos e debatidas com colegas, chegamos a um recorte de estudo que envolvia minhas experiências pessoais com estrangeiros na plataforma. Essa escolha demandou que em alguns momentos da escritura do texto eu me posicionasse em primeira pessoa. O movimento foi feito inspirado na obra de Gilberto Velho, considerada um clássico da antropologia urbana brasileira, “A utopia urbana - Um estudo de Antropologia Social”, na qual ele faz um estudo no prédio em que morava em Copacabana.

Com Velho e Caiafa entendi que muito mais que o deslocamento físico de viagem, característico da etnografia clássica, o método sugere um deslocamento à experiência analisada, o que me arrisquei a fazer nas etapas de coletas de dados da pesquisa. Diante deles, entendemos que para discutir esse uso específico do Tinder de forma mais ampla era preciso retomar aos primeiros encontros entre estrangeiros e residentes no Rio de Janeiro. Deste modo, o primeiro capítulo foi dedicado a um estudo sobre construção de imaginários, baseado na Sociologia do Imaginário de Durand, entendendo as suas principais nuances: as imagens, os símbolos e as representações. Para tal, retomamos fatos históricos que perpassaram a emergência de imaginários sobre a cidade e sobre os brasileiros, entendendo que muitos deles carregam internacionalmente toda uma identidade nacional. Vimos que esse é um processo que envolve diversas variáveis, como as dos encontros, estranhamentos e negociações, e que esses imaginários são construídos coletivamente.

A partir do entendimento histórico das construções de imaginários e suas formas de representações em canais midiáticos, realizamos um estudo de caso sobre a último grande momento de exportação de imaginários sobre a identidade brasileira para o mundo, as Olimpíadas Rio 2016. Durante o evento esportivo foram observados na plataforma o posicionamento dos atletas olímpicos, o que nos encaminhou para um debate sobre a articulação sobre essa sociabilidade mediada e esses imaginários, que apareciam na forma como eles se posicionavam no Tinder em seus perfis pessoais, por meio de fotos e textos autobiográficos. Identificamos que a presença dos atletas no aplicativo se tornou pauta para a mídia nacional e internacional, o que deu ainda mais a visibilidade para certos imaginários sobre o Rio de Janeiro, como o de paraíso sexual, cidade violenta, entre outros.

Com o entendimento da forma que os imaginários aparecem nessas interações, o estudo nos encaminhou para a necessidade de discutir o conceito de identidade. Para tal, recorremos à Stuart Hall que questiona em suas obras a validade ainda da discussão. Com ele entendemos que ainda é preciso pensar com o conceito de identidade, mas não em sua forma reducionista e integral, mas de uma forma ampliada e problematizando suas nuances. Assim, com o objetivo de pensar em alternativas teóricas para discutir o conceito de identidade na experiência do Tinder estudada aderimos a duas vertentes distintas: a da Sociologia da experiência, de François Dubet que analisa a identidade de forma individual, e os conceitos de interculturalidade e fronteiras, de Demorgon e Agier, que pensa em identidade de uma forma relacional.

O estudo é encerrado com a descrição de inspiração etnográfica da pesquisa que explora os procedimentos de coletas de dados, a imersão no campo, a escritura do texto, o posicionamento dos colaboradores, entre outros. O capítulo é dividido de acordo com as etapas da pesquisa empírica. Ele é introduzido com o percurso metodológico da pesquisa que, como ressaltado, é fundamental para os resultados alcançados; em seguida abordamos o conjunto de pesquisadores que influenciaram na construção metodológica da pesquisa; depois destacamos as observações dos colaboradores da pesquisa e por fim descrevo duas experiências mediadas pelo Tinder, a primeira no papel de anfitriã no Rio de Janeiro e a segunda como estrangeira na Itália.

Vale ressaltar que a pesquisa não pretendia esgotar a discussão sobre essa experiência de cidade mediada, mas pensar junto com as vivências dos colaboradores e também minhas como o uso de tecnologias comunicacionais, com foco no Tinder, têm atravessado as interações sociais das sociedades contemporâneas. Como destaquei, ainda senti nessas trocas uma forte recorrência

aos símbolos das identidades culturais nacionais, e os pontos de convergência da vida cotidiana com os meus interagentes estrangeiros eram justamente a mediação tecnológica do Tinder, e outras plataformas comunicacionais, como Facebook, Instagram e Spotify. A partir de todos esses dados, entendemos que estamos diante de uma experiência social que indica que a sociabilidade contemporânea atinge cada vez mais complexidade com as transformações tecnológicas e, dentro do campo da pesquisa da Comunicação, cabe a nós pesquisadores estarmos atentos a esses fenômenos que demandam experimentações teóricas e metodológicas.

REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. **La condition cosmopolite. L'anthropologie à l'épreuve du piège identitaire.** Paris: Éditions La Découverte, 2013.

ABREU, Regina. A capital contaminada - a construção da identidade nacional pela negação do espírito carioca. In: Antonio Herculano Lopes. (Org.). **Entre Europa e África - a invenção do carioca.** Rio de Janeiro: Topbooks, 2000, v. 1, p. 167-185.

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço.** São Paulo: Ática, 1997.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa - Brasil 1900-2000.** Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

BIANCHI, Eduardo. **Interação e mediação comunicacional: redes geossociais e os caminhos locativos de visualidades gays.** 2017. 284 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

BONIN, Jiani. Explorações sobre práticas metodológicas na pesquisa em comunicação. **Revista Famecos,** Porto Alegre, n° 37, Dezembro de 2008.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

CAIAFA, Janice. **Aventuras da cidade: ensaios e etnografias.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

CANCLINI, Néstor Garcia. Imaginários Culturais da cidade: conhecimento/espetáculo/desconhecimento. In: COELHO, Texeira (org.). **A cultura pela cidade.** São Paulo: Itaú Cultural, 2015.

CAVALCANTI, Nireu. **História de conflitos no Rio de Janeiro colonial.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CORRICONDE, Raquel; VELHO, Gilberto. A Utopia Urbana: um estudo de antropologia social. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1973 (1° edição); 1989 (5° edição). In: **Revista Intratextos,** 2013, vol 4, no1, p. 119-139.

COUTINHO, Iluska. Leitura e análise da imagem In: BARROS, Antonio; DUARTE, JORGE (organizadores). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** São Paulo: Atlas, 2014.

DEMORGON, Jacques. **Complexité des cultures et de l'interculturel : Contre les pensées uniques. Economica;** Édition : 3e éd. rev. et augm, 2004.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Lisboa: Presses Universitaires de France, tradução de 1993.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2014.

GOMES, Mariana; GASTAL, Susana. Evas e Marias no turismo do Brasil: o corpo como atrativo turístico e signo de hospitalidade. In: SIQUEIRA, Denise (Coord.). **A construção social das emoções: corpo e produção de sentidos na comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

GOTARDO, Ana Teresa. **Rio para gringo: A construção de sentidos sobre o carioca para consumo turístico**. 2016. 164 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

GUBER, ROSANA. **La etnografía. Método, campo y reflexividad**. Grupo Editorial Norma, 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

_____. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

HINE, Christine. **Etnografía Virtual**. Barcelona: Editora UOC, 2004.

LEGROS, Patrick; MONNEYRON, Frédéric; RENARD, Jean-Bruno; TACUSSEL, Patrick. **Sociologia do Imaginário**. Porto Alegre, Sulina, 2014.

LESSA, Carlos. **O Rio de todos os brasis**. Rio de Janeiro: Record. 2000.

LESSER, Jeffrey. **A invenção da brasilidade – Identidade Nacional, etnicidade e políticas de imigração**. São Paulo: Editora Unesp, 2015

MAFFESOLI, Michel. **O tempo retorna: formas elementares da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

_____. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

POLIVANOV, Beatriz. **Dinâmicas identitárias em sites de redes sociais: Estudo com participantes de cenas da música eletrônica no Facebook**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

SÁ, Mayara. **PERFORMANCE DE SI EM APLICATIVOS DE RELACIONAMENTO: Um estudo realizado com jovens usuários de Tinder em Icaraí**. 2016. 71 f. Trabalho de Conclusão

de Curso (Graduação em Estudos de Mídia) – Instituto de Artes e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2016.

SIMMEL, Georg. *Sociabilidade: um exemplo da sociologia pura ou formal*. In: MORAES FILHO, Evaristo. (Org.). *Georg Simmel: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

SIQUEIRA, Denise; SIQUEIRA, Euler. O corpo como imaginário da cidade. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 667-673, setembro/dezembro 2011.

VELHO, Gilberto. **A Utopia Urbana – Um Estudo de antropologia Social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

ANEXO - Roteiro de entrevistas e respostas (primeira etapa de entrevistas)

As respostas estão expostas em sua forma original, sem nenhuma alteração de conteúdo e também da forma de se expressar dos colaboradores. Deste modo, erros gramaticais e semânticos foram mantidos.

Estrangeiros

Identificação:

Idade/**Age:**

Nacionalidade (país e cidade)/ **Nationality and city where you live:**

Profissão/**occupation:**

Orientação sexual/**sexual orientation:**

Qual motivo da viagem ao Rio/**Why did you come to Rio(study, work, vacation...)?:**

Quanto tempo ficou na cidade/**How long have you stayed?:**

Em qual bairro ficou hospedado no Rio/ **Which neighborhood did you stay in Rio?:**

Quantos brasileiros conheceu a partir do contato iniciado no Tinder/**How many brazilians did you meet on Tinder:**

Perguntas:

1) No Tinder, você interagiu com brasileiros em português ou com sua língua? Sentiu dificuldade nessa interação?/ **Did you talk with brazilians on Tinder in Portuguese or in your mother language? How was/were that/those interaction(s)?**

2) O que você destacaria na forma de abordagem dos brasileiros no Tinder?/ **What would you highlight in the way Brazilians approach on Tinder?**

3) Em encontros presenciais, quais locais vocês frequentaram na cidade? Eles foram sugestão sua ou do brasileiro? Os locais apresentados eram como você imaginava? Qual você mais gostou?/ **In face-to-face meetings, which places did you attend in the city? Were they your or the**

Brazilian's suggestion? Were the locations presented as you imagined? Which one did you like the most?

4) As impressões que tinha do Rio de Janeiro permaneceram a mesma ou mudaram após esses encontros? **Did your impressions of Rio de Janeiro stay the same or changed after these meetings?**

5) Você chegou a ter algum tipo de relacionamento com algum brasileiro? **Have you ever had any kind of relationship with a Brazilian that you met on Tinder?**

6) Quando você começou a usar o Tinder no Rio de Janeiro, você fez alguma edição no seu perfil? Quais? E porquê? **When you started using Tinder in Rio de Janeiro, did you make any edits on your profile? Which are? And why?**

7) Você utilizou a ferramenta *Passport* antes de chegar ao Brasil? **Did you use the *Passport* tool before arriving in Brazil?**

8) Você consegue descrever o Rio de Janeiro com uma palavra?/ **Could you describe Rio de Janeiro in one Word?**

9) Sinta-se à vontade para acrescentar alguma informação/ **Feel free to add any information:**

Colaborador 1:

Idade/Age: 23

Nacionalidade (país e cidade)/ Nationality and city where you live: EUA, Washington DC

Profissão: estudante de Relações Internacionais

Orientação sexual: homossexual

Qual motivo da viagem ao Rio/Why did you come to Rio(study, work, vacation...)?: Originalmente vim pra fazer um intercâmbio na PUC de um período, e acabei ficando um ano a mais por minha conta.

Quanto tempo ficou na cidade/How long have you stayed?: Um ano e meio.

Em qual bairro ficou hospedado no Rio/ Which neighborhood did you stay in Rio?: Morei dois meses na Lagoa, quatro meses em Copacabana, e um ano na Ladeira dos Tabajaras

Quantos brasileiros conheceu a partir do contato iniciado no Tinder/How many brazilians did you meet on Tinder: Buuf.. uns 25 por aí...(E através desses 24, uns 200..)

1) Sempre comecei puxando assunto em português. De vez em quando os brasileiros já chegavam puxando assunto comigo em inglês e sempre continuava em inglês por respeito...mas pra falar a verdade, quem fala cmg em inglês logo desde o início eu acho meio brochante então esses casos nunca tiveram muito sucesso rs.. Cabe mencionar aqui que nos meus primeiros meses aqui foi através do tinder que ganhei a minha base de conversação básica informal em português.

2) Igual o resto do mundo gay no tinder, a maioria das bicha carioca também ja chega pagando de hetero no aplicativo.. e falam com poucas palavras mesmo.. ou seja é muito 'eae', 'fala mano,' 'koe', etc. Tambem, uma coisa que sempre achei meio interessante é que ao invés de perguntar da aonde eu era sempre perguntavam da onde eu falava.

3) A gente já sabe que marcar com brasileiro não é nenhuma coisa disciplinada...e sim uma coisa que a sorte da vida tem que abençoar mesmo...e os encontros no tinder não são nenhuma exceção. Já marquei pra ir na casa da pessoa (também pra vir na minha casa), pra ir no cinema, e já muitas vezes pra sair junto com o boy e os seus amigos/amigas. Mas a maioria dos boy do Tinder que eu conheci foi graças à vida mesmo.. ou seja..conversava com fulano de tal no Tinder e acabei conhecendo o cara por coincidência em festa, praia, amizade, etc..etc.

4) Cara, felizmente eu consegui conhecer MUITA coisa através dos meus contatos no tinder entao nao tem nem como comparar. Eu fui em lugares e bairros (e até cidades diferentes) e conheci gente que eu NUNCA teria conhecido se não fosse pelo tinder. Virei esperto da mobilidade urbana carioca (e da área metropolitana do Rio) e fiquei muito confortável andando pela cidade. E o melhor foi que na maioria dos casos, os encontros que eu tive do tinder abriram portas pra conhecer outras pessoas, que sempre abriam mais portas ainda pra conhecer mais pessoas e mais lugares. O resultado foi uma riqueza muito grande de conhecimento da cultura daqui, através da linguagem, comidas, experiencias com a família carioca, as normas culturais daqui, e até o esporte. Pra mim eu nem gostava tanto do rio no início, mais quanto mais eu penetrava a cidade, e mais eu conseguia entender e expermentá-la, mais eu começava a apreciar e amá-la.

5) Se eu fosse feito pra namorar já teria até marido.. kk. Aliás TODOS os caras (menos um que ainda tenho fé que vai da certo) que eu conheci através do tinder que eu já tive um lance mais ou menos 'serio' (ou seja eu gostava muito dele e ele gostava muito de mim etc.) no final das contas posso contar como grandes amigos. Alguns já considero irmão, pois com o tempo o tesão se perdia mas a amizade se conservava.

6) Logo no início. Não fiz nenhuma edição especial (que eu me lembre).

7) Eu não. Deus me livre.

8) 'Malandragem'. E se tivesse que escolher uma palavra menos utilizada e mais carinhosa pra descrever à cidade e ao seu povo, escolheria a palavra 'carismatico'

9) Eu já ganhei muita coisa graças ao tinder.. ou melhor dizer que eu já ganhei muita coisa através do carioca, pois afinal das contas o Tinder foi só uma ferramenta pra conhecer a mais gente dessa cidade... E muitas das experiências boas que eu tive através do Tinder podiam ter acontecido usando outros aplicativos ou por conhecer gente da vida mesmo. Eu agradeço muito que as pessoas no tinder são bem mais informais no rio do que na minha cidade atual (Washington DC), onde ser humano bota até CURRICULO NO PERFIL DO TINDER. Pode-se

dizer que no Tinder eu fui bem interesseira mesmo, só que não por dinheiro nem influência, e sim por amizades e experiências.

Uma das melhores coisas que eu ganhei do Tinder foi uma avó. Um menino chamado César que eu conversava no Tinder e acabei convidando à minha casa, mora com a avó dele na Pavuna. Depois da gente ir se conhecendo (confesso que a gente quase namorou, e até fiquei de coração partidinha por causa dele, mas hoje em dia considero essa bicha como minha irmã), acabei indo na casa dele e conheci a avó dele. E todas as vezes que eu ia pra casa do César a gente conversava mais e mais, e percebi que essa mulher era muito divertida. Eu acabei passando tanto tempo só com ela quanto eu passava com o César. Eu já até fui em festa de aniversário com ela em Araruama (sem o César).

Ela é uma amiga e avó ao mesmo tempo. Ela me manda diariamente pelo whatsapp esses gif de bom dia boa tarde Deus te abençoe etc. Posso beber cerveja com ela ate cair de boca no chao. Ela adora fazer comida pra mim e cuida de mim como se eu fosse neto de sangue dela (ela me apresenta pros conhecidos dela como o neto dela).

Ela me conta tudo e eu conto tudo pra ela, só tem um detalhezinho que nao..Até hoje ela não sabe que eu pegava o neto dela nem como eu conheci ele, mas enfim.. um dia ela vai saber kk. Ela e uma pessoa que eu amo muito, e eu levo ela como avó de verdade.. e não teria conhecido ela se não fosse pelo Tinder!!

Colaboradora 2

Idade/Age: 30

Nacionalidade (país e cidade)/ Nationality and city where you live: British, from Brighton, but I live in Rio de Janeiro

Profissão: Pesquisadora

Orientação sexual: bissexual

Qual motivo da viagem ao Rio/Why did you come to Rio(study, work, vacation...)?: Work

Quanto tempo ficou na cidade/How long have you stayed?: So far, I have been here for 1 year

Em qual bairro ficou hospedado no Rio/ Which neighborhood did you stay in Rio?: I live in Gloria

Quantos brasileiros conheceu a partir do contato iniciado no Tinder/How many brazilians did you meet on Tinder: 10

1) In both languages, it dependend on how well we communicated in portuguese and how well they spoke english and with those who spoke English, we often wrote in portuguese but when we met up we spoke in both and sometimes more often in English as the three people who I met who spoke English spoke English better than my Portuguese

2) I haven't used tinder in any other country so I cant really compare. But overall the majority who I spoke to seemed nice and respectful, and I got on well with all those who I met, although the majority tried to make a move (kiss) straight away which I didn't like.

3) They were a combination, at times my suggestions, at times theirs. I went to lapa to a bar, to botafogo to bars a couple of times, did a hike to urca with one, invited another one to a gathering of friends, went to the theatre with another, met another at carnival, went out for a day out in Niteroi with another (these are the first dates that I am mentioning). I liked the places that I went to, but I was familiar with all of these places already. The one I liked the most was the hike and the theatre – but these were both my suggestions.

4) It changed in some ways – I thought all of the people were nice, although didn't have more romantic feelings towards the majority – at the same time I found that some people just wanted to date lots of people and/or use tinder for sex which I wasn't keen on.

5) Yes.

- 6) I have only used Tinder in Rio so I created my profile here.
- 7) I don't know what this is.
- 8) Complicated.
- 9) It's probably interesting to note that I met with both men and women on tinder and had very different experiences with the two – women being slower to make a move, more interested to chat and less self-obsessed than the men. The men tried to make moves much quicker and generally felt less equal.

Colaboradora 3

Idade/Age: 27

Nacionalidade (país e cidade)/ Nationality and city where you live: Melbourne, Australia

Profissão: estudante de marketing

Orientação sexual: bissexual

Qual motivo da viagem ao Rio/Why did you come to Rio(study, work, vacation...)?: To study at PUC Rio

Quanto tempo ficou na cidade/How long have you stayed?: 1 year

Em qual bairro ficou hospedado no Rio/ Which neighborhood did you stay in Rio?:
Copacabana

Quantos brasileiros conheceu a partir do contato iniciado no Tinder/How many brazilians did you meet on Tinder: 4

1) I would speak in Portuguese normally, but usually once we realised if I was better at Portuguese, or they were better at English we would mix it up a little bit. Usually we would message a little bit on Tinder then move to Whatsapp because it's better for messaging.

2) I think Brazilians use Tinder in a similar way that Australians do - You message a little bit, maybe chat on Whatsapp, then organize to meet up for a beer! And see what happens. One thing I noticed that is different is that Brazilians love to put their star sign on their profile, and ask what is your star sign haha. We don't know as much about that in Australia.

3) I met up with a girl in Botafogo at a bar along the street near the metro, I met up in a cafe in Jardim Botânico, bars in Copacabana and also one girl showed me Niterói. I liked all of them - Botafogo and Copacabana are very Carioca, drinking beer on the street. Jardim Botânico was more fancy, the cafe we went to, and then to Parque Lage afterwards. And the girl who took me to Niterói, well that was lovely because I had never been there and it was nice to see another city. I always let the Brazilian decide where to meet, arguing that they know the city better than me!
Haha

4) They changed for the better I think, it was nice to experience various places in Rio.

5) Yes I had a girlfriend for a few months that I met on Tinder.

6) Yess I added that I was studying at PUC for one year, and I was learning Portuguese. As my Portuguese got better I took that out though and just wrote my profile in Portuguese.

7) I don't know what that is??

8) MARAVILHOSA

Brasileiros residentes no Rio de Janeiro

Identificação:

Idade:

É carioca ou há quanto tempo reside na cidade (qual a cidade de origem?):

Profissão:

Orientação sexual:

Quantos estrangeirxs conheceu a partir do contato iniciado no Tinder:

Quais as nacionalidades das pessoas com quem já interagiu:

Em que bairro mora:

Perguntas:

- 1) O(s) estrangeirx(s) que conheceu fala(m) português ou vocês interagiram em outro idioma (se sim, qual ou quais foram)?
- 2) Você percebe alguma diferença de interação quando é feita em outro idioma?
- 3) O que você destacaria na forma de abordagem dos estrangeirxs no Tinder?
- 4) Quais locais você apresentou da cidade? A maioria deles fazia parte de quais regiões (Centro, Zona Sul, Zona Norte, Zona Oeste...)?
- 5) Eles foram sugestão sua ou do estrangeirx? Qual o motivo da escolha desses locais?
- 6) Você chegou a ter algum tipo de relacionamento com algum estrangeirx, além da amizade?
- 7) As fotos que você utiliza ou utilizou no Tinder e a sua descrição são pensadas para possíveis interações com estrangeirxs? (Exemplo: colocar na biografia que fala outros idiomas)
- 8) Sinta-se à vontade para acrescentar alguma informação:

Colaborador 4

Idade: (não quis declarar)

É carioca ou há quanto tempo reside na cidade (qual a cidade de origem?): Paulista, Natural de Campinas/SP, mora no rio desde 2009.

Profissão: estudante de publicidade e propaganda

Orientação sexual: homossexual

Quantos estrangeirxs conheceu a partir do contato iniciado no Tinder: cinco

Quais as nacionalidades das pessoas com quem já interagiu: 2 americanos, 1 colombiano, 1 Russo e 1 belga

Em que bairro mora: Flamengo

1) Nenhum deles falava português. Com todos a interação foi em inglês, exceto o colombiano que falava somente em espanhol.

2) Houve uma certa dificuldade na interação com o colombiano pois ele não falava nada de inglês e meu espanhol é muito ruim. A interação acaba sendo prejudicada pois você não consegue ter certeza se está passando a mensagem de forma a ser compreendida e também se está realmente entendendo o que a pessoa está buscando. Na escrita até você tem um tempo maior para pensar e entender o contexto, porém isso dificulta um pouco quando o encontro é ao vivo. Acho que se perde um pouco da espontaneidade. Com os outros a interação foi bem tranquilo pois tanto eu quanto eles tinham fluência no inglês.

3) Com exceção do colombiano que abordou buscando alguma companhia para um chopp, o restante foi bem direto ao ponto dizendo que buscava diversão e sexo casual. Entretanto, com o passar do tempo da conversa foi para outros caminhos e outros assuntos foram abordados que não somente ligados a sexo. Acredito que a abordagem do turista é sempre mais direta pois ele está só de passagem e não se preocupa em criar vínculos ou “manter uma imagem” pois ele não é daqui, mas se você consegue manter um diálogo eles estão abertos a outros programas e encontros que não sejam somente ligados a sexo. Neste ponto a fluência em outro idioma ajuda muito.

4) Todos eles estavam na Zona Sul no Flamengo ou bairro próximos (Ipanema ou catete). Tive oportunidade de interagir mais com o Russo e com os 2 americanos. Lembro de ter levado ao Bar

Urca num final de tarde, passeio pelo Centro Histórico do Rio, bares da Lapa, Copacabana, Parque Lage, praça General Floriano e Maracanã.

5) Lapa, Copacabana e Maracanã vieram de sugestões deles, pois eles disseram que estes lugares eram emblemáticos da cidade e que sempre eram citados nos guias junto com Corcovado e Pão de Açúcar. Eu resolvi incluir outros programas, menos turísticos e que mostra-se um outro lado da cidade, são lugares que eu gosto muito e que fazem parte do meu dia a dia na cidade. O centro histórico sempre faço questão de mostrar e de contar um pouco da história da cidade, para mostrar que o Rio é mais que praia e futebol.

6) Sim, com 4 deles. O colombiano realmente só queria amizade, mas minha dificuldade no idioma não favoreceu a continuidade da conversa.

7) Não, minhas fotos são do Facebook ou Instagram e no perfil não menciono que falo outro idioma. Meu perfil está em português. Porém, quando vejo um perfil em outro idioma e que percebo que realmente se trata de um estrangeiro então já abordo com frases em inglês.

Colaboradora 5

Idade: 30

É carioca ou há quanto tempo reside na cidade: Nascida em Minas Gerais, mas residente no Rio há 29 anos.

Profissão: Jornalista

Orientação sexual: heterossexual

Quantos estrangeiros conheceu a partir do contato iniciado no Tinder: Marquei date com apenas 1 (frânces), mas conversei com 7.

Quais as nacionalidades das pessoas com quem já interagiu: Alemão, francês, indiano, grego e inglês **Em que bairro mora:** Recreio dos Bandeirantes

- 1) Apenas um alemão que interagi falava algumas frases em português, porque metade de sua família era portuguesa. Os demais, apenas inglês.
- 2) Atrapalha um pouco, sobretudo quando nenhum dos dois é nativo do idioma. A conversa acaba não fluindo tão facilmente, até cada um elaborar a melhor expressão e se fazer compreendido.
- 3) Eles são mais diretos, diferentemente dos brasileiros. Se um estrangeiro quer apenas sexo ele fala e sem juízo de valor, como fazem os brasileiros. Acho que a abordagem brasileira é machista, enquanto a estrangeira é mais neutra.
- 4) Tive date com apenas um estrangeiro e foi pelo Centro da Cidade. Acabamos por não fazer o turismo clássico, indo a lugares turísticos, mas fomos a bares cariocas, comuns a nossa rotina.
- 5) A sugestão foi minha. Por ele, íamos ao Pão de Açúcar, mas eu recusei, acho um puta programa de índio. Depois ele sugeriu o Museu de Arte do Rio, mas estava fechado. Então, seguimos para bares nas proximidades da praça Mauá.
- 6) Nossa, que difícil classificar relacionamentos! Bom, nunca tive relacionamento sério, mas me correspondi durante três meses com um alemão e fizemos planos juntos, mas não foi a frente. Acho que esse foi o máximo que cheguei.
- 7) De jeito nenhum. Inclusive, filtro muito com quais estrangeiros converso, porque fico um pouco receosa em reforçar o esteriótipo da brasileira objeto. Meu biotipo acaba chamando atenção excessiva de estrangeiros, acho que se eu reforçar isso pode soar artificial.

Colaboradora 6

Idade: 26

É carioca ou há quanto tempo reside na cidade (qual a cidade de origem?): 8 anos / Viçosa-MG

Profissão: advogada

Orientação sexual: hétero

Quantos estrangeirxs conheceu a partir do contato iniciado no Tinder: +- 5 (mas só saí com um no Brasil)

Quais as nacionalidades das pessoas com quem já interagiu: Alemanha, Bélgica, França, Noruega. Mas só saí uma vez com um francês.

Em que bairro mora: Copacabana

Respostas:

- 1) Como é a língua estrangeira que sou fluente, as minhas interações com estrangeiros sempre foram em inglês, independente da língua materna da pessoa que estava interagindo e isso nunca foi um problema.
- 2) O que tenho percebido é que a abordagem em inglês é mais direta, talvez porque os estrangeiros, em geral, estejam de passagem pelo Brasil.
- 3) Porém, apesar de mais diretos, os estrangeiros são mais amigáveis. Acho que o brasileiro leva o Tinder mais para o lado puramente sexual sem possibilidade de construir uma amizade, por exemplo. Enquanto os estrangeiros estão mais abertos a trocas de informações e dicas de viagem.
- 4) Só um bar em Laranjeiras, na Zona sul.
- 5) A escolha foi do estrangeiro, pois era perto de onde ele estava hospedado.
- 6) Sai pra um bar com um francês e ficamos, mas ele voltou pra França no dia seguinte hahaha.
- 7) Sim, claro! (a continuidade da resposta, a colaboradora pediu para que não fosse compartilhada na pesquisa).

Roteiro de entrevistas e respostas (segunda etapa de entrevistas)

Estrangeiros

Foram acrescentadas as questões:

5) As impressões que tinha do brasileiro permaneceram a mesma ou mudaram após esses encontros? **Did your impressions of brazilians stay the same or changed after these meetings?**

10) Pode dizer algo que achou estranho sobre o Rio de Janeiro e sobre brasileiros? **Could you say somethig that did you think weird about Rio de Janeiro and about brazilians?**

Residentes

Foram acrescentadas as questões:

10) E algo que você considere estranho?

11) Você já se pegou recorrendo a determinados estereótipos sobre o Brasil ao interagir com estrangeirxs?

12) Você já interagiu com algum estrangeiro que usava a ferramenta Passport?

Colaboradora 7

Idade: 27

Qual a cidade de origem?: Rio de Janeiro

Profissão: Jornalista

Orientação sexual: Bissexual

Quantos estrangeirxs conheceu a partir do contato iniciado no Tinder: 4

Quais as nacionalidades das pessoas com quem já interagiu: Argentino, Irlandês, Francês e Americano

Em que bairro mora: Copacabana

- 1) Com o argentino a interação foi em portunhol e com os europeus e americano foi em inglês. Eu tinha a informação que franceses não gostavam de falar em inglês, mas o que eu interagi não teve o menor problema.
- 2) Definitivamente percebo a diferença, principalmente de espontaneidade. Em português faço piadas, críticas e etc. Em outras línguas, com a limitação do vocabulário, acabo que fico restrita a determinados assuntos.
- 3) Acho que os estrangeiros são mais amigáveis e querem falar sobre assuntos que envolvem a cultura brasileira, isso torna a interação mais leve do que com brasileiros.
- 4) A maioria dos locais que apresentei fazem parte do eixo centro/zona sul, porque são espaços que frequento da cidade. O irlandês me perguntou sobre bailes funks em comunidades, e sugeri que fosse acompanhado de algum brasileiro, pois eu não me sentia seguro em leva-lo.
- 5) Alguns sugeriram locais, e eu acompanhei nos que conhecia. E os locais que gosto bastante também fazia questão de apresentar, em geral, são lugares que não fazem parte de roteiros turísticos, porque são do meu cotidiano.
- 6) Me relacionei, sim. Mas todos no final viraram amigos.
- 7) Não
- 8) Percebo essa abordagem do interesse cultural, que os brasileiros evidentemente não possuem. E também questões de estranhamento com o Brasil.
- 9) Hábitos de higiene definitivamente é o mais diferente.
- 10) Sim, infelizmente. Mas consigo ser critica em relação a isso nas conversas. Digo que é um elemento que ganhou visibilidade em nossa cultura e tals.

11) Já sim. Eu sou preguiçosa e nem sempre eu abro o perfil do usuário para ver a distância, e aí quando vejo dei match com alguém que está a milhares de quilômetros de distância. Mas nunca deu em nada, apenas pesquenas conversas...Já cheguei até a combinar com um, quando ele chegasse ao Brasil, mas depois que ele chegou ao Rio, ele sumiu.

Colaboradora 8

Idade: 28

Qual a cidade de origem?: Campina Grande, PB

Profissão: Socióloga

Orientação sexual: Heterossexual

Quantos estrangeirxs conheceu a partir do contato iniciado no Tinder: Eu sinceramente perdi as contas, foram muitos

Quais as nacionalidades das pessoas com quem já interagiu: Argentinos, Uruguai, Turquia, Nepal, França, Inglaterra, Estados Unidos...São esses que lembro agora

Em que bairro mora: Santa Teresa

1) A maioria dos estrangeiros que conheci não falavam nada em português. Muitos estavam há pouco tempo no Brasil, mas também não via esforço deles em falar português. Os únicos que se esforçavam eram os da América Latina, principalmente os Argentinos e do Uruguai.

2) A interação em outro idioma é completamente diferente. Eu moro no Rio, mas eu sou da Paraíba, e já noto a diferença. De estrangeiro então, nem se fala. Já fiquei com um turco e uma pessoa do Nepal, e senti ainda mais diferença, pois não sabia como abordá-los, pois as diferenças culturais eram ainda maiores.

3) Eu não sei explicar a diferença de abordagem. Eu tenho buscado me relacionar com estrangeiro, estou com aversão a carioca. Estou usando o Tinder só para conhecer estrangeiro, pois estou nessa fase da vida. Mas não quero generalizar, pois já encontrei muitos estrangeiros que não foram legais. Inclusive já discuti pelo aplicativo. Alguns chegam no Brasil e acham que as mulheres são obrigadas a transar no primeiro encontro só porque são brasileiras. Mas de forma geral tem sido positiva, acho eles mais românticos e educados.

4) Eu geralmente saio entre o Centro e Zona Sul. Vou em lugares que gosto. Outro lugar que sempre levo é Paquetá, eles sempre gostam.

5) Alguns lugares foram sugestão dos estrangeiros, sobretudo, os mais conhecidos. Maracanã, Museu do Amanhã...Mas os lugares menos conhecidos fui eu que levei.

6) Com certeza me relacionei. Não sei quantas vezes, mas mais de três.

7) Não. Nada das minhas fotos e descrição é pensada para estrangeiro. Não tenho nada no perfil.

- 8) Eu acho que várias coisas na verdade. Eles são muito educados, e me tratam muito bem, e de alguns manterem o contato após irem embora. Me relacionar com uma pessoa do Nepal foi a experiência mais exótica que tive na vida. Ele cozinhava comidas da Tailândia, do Nepal... E sempre houve uma troca muito grande. Aprendi muito, trocamos músicas e no final ele me deu uma tatuagem de presente, pois era tatuador. Ele marcou muito minha vida e foi alguém que conheci através do Tinder. E tenho certeza que fora do Tinder dificilmente o conheceria.
- 9) Considero estranhas algumas manias culturais, depois de um tempo eu comecei a perceber algo que era ligado a determinadas nacionalidades. A questão do banho era o que mais me incomodava. Não escovar dente, escarrar em público. Tinha nojinho...mas também não era nada muito grave.
- 10) Não, porque sou socióloga, e fujo muito desses estereótipos em consequência da minha formação acadêmica. Então sempre que alguém falava algo sobre o Brasil, eu questionava.
- 11) Não conheço a passport

Colaboradora 9

Idade: 30

Qual a cidade de origem?: Campina Grande, PB

Profissão: Atriz e psicomotricista

Orientação sexual: Bissexual

Quantos estrangeirxs conheceu a partir do contato iniciado no Tinder: 1

Quais as nacionalidades das pessoas com quem já interagiu: Canadá

Em que bairro mora: Glória, RJ

Respostas:

- 1) Não falava português, falamos em inglês.
- 2) Sim, pois no meu caso não falo com fluência e vi que a nossa interação se desenvolveu com mais conversas para que a gente pudesse se entender, além de leitura corporal, intuitiva exercida por ambos.
- 3) No meu caso vi que ele tinha muito mais ânimo para me conhecer, de verdade e muita vontade de conhecer a cidade em minha companhia. Mais do que qualquer outro cara.
- 4) Levei ele para jantar no Catete. No outro dia levei ele na parte central, pegamos uma barca e conhecemos uma parte pequena de Niterói.
- 5) Tive que ir a Niterói a trabalho e aproveitei.
- 6) Não!
- 7) Não. Mas penso em fazer isso na biografia.
- 8) Eles mantêm mais contato duradouro. Até hoje ele me segue nas redes sociais e conversa comigo esporadicamente.
- 9) Uma certa frieza no contato físico.
- 10) Sim, pois já brinquei bastante sobre a bebida caipirinha e o samba. Como se fossem as únicas coisas a representar o Brasil. Só que sei que não.
- 11) Não
- 12) Tenho vontade ter outras experiências, pois gostaria de saber se a única experiência que tive foi ou não uma exceção à regra, sobre os homens estrangeiros.

Colaborador 10

Idade/**Age**: 30

Nacionalidade (país e cidade)/ **Nationality and city where you live**: Belgian

Profissão/**occupation**: IT Consultant

Orientação sexual/**sexual orientation**: Straight

Qual motivo da viagem ao Rio/**Why did you come to Rio(study, work, vacation...)?**: Vacation

Quanto tempo ficou na cidade/**How long have you stayed?: 1 month**

Em qual bairro ficou hospedado no Rio/ **Which neighborhood did you stay in Rio?:** Lapa

Quantos brasileiros conheceu a partir do contato iniciado no Tinder/**How many brazilians did you meet on Tinder**: Matched with 10, but only talked to 1

1) I had a 3 months course of Portugese and I'm fluent in Italian, French and some Spanish to try and chat. I've used Google Translate to make my sentences are correct as possible. The person I was chatting with at some point asked if I wanted to chat in English as to make it more easier for me.

2) I've only chatted with one person, but there's a couple of things I noticed: - Many women mention their star sign. - Many women have Instagram and make pictures available that way. - None of the 10 matches I had took the initiative to start a conversation. - There are a few accounts of couples looking for someone or another couple to have intercourse with. - There are some accounts of dominatrices looking for new slaves.

3) Lapa, cuz it was close to my Airbnb.

4) Not applicable

5) Not applicable. Though I have to say, Rio de Janeiro is amazing :)

6) Not applicable, although I've met many other Brazilians through friend of a friend, and they are all awesome. Other people have been very friendly and helpful too.

7) Not on Tinder, but I met my Brazilian wife through OkCupid while she was working in Belgium

8) I added flags corresponding to the languages I know and added my star sign as I noticed that many women seem it to be important enough to add. And add some more recent pictures so my appearance reflect expectations a lot more.

9) What passport tool? :/

10) Amazing

11) Throwing the used toilet paper in the garbage can instead of throwing it in the toilet itself - Cars tend to drive through red lights - Traffic signs and road lanes are mere decoration - The pay - per - kilo buffet concept in restaurants - The creative toppings in some pizza places - The indicators inside cars often don't work because the car doesn't use the original fuel tank the car was designed for (ethanol, gas,...) - Most shopping places ask for CPF (If you are Brazilian) - There are no parking meters but parking attendants on the road - Many Brazilians often pay by credit instead of debit.

12) Brazil is an amazing country, definitely coming back :)

Colaborador 11

Idade/**Age**: 36

Nacionalidade (país e cidade)/ **Nationality and city where you live**: Orlando

Profissão/**occupation**: Interior Designer

Orientação sexual/**sexual orientation**: Straight

Qual motivo da viagem ao Rio/**Why did you come to Rio(study, work, vacation...)?**: Vacation

Quanto tempo ficou na cidade/**How long have you stayed?**: 10 days

Em qual bairro ficou hospedado no Rio/ **Which neighborhood did you stay in Rio?**:
Copacabana

Quantos brasileiros conheceu a partir do contato iniciado no Tinder/**How many brazilians did you meet on Tinder**: 6

- 1) In English, cuz I dont speak Portuguese ou Spanish. But that was pretty good
- 2) I would say that I think brazilian a little direct.
- 3) Lapa was a good place. I loved the bars, music anda how people have fun on street. Dancing funk and samba were amazing, even if I am a terrible dancer. Then we went to my place.
- 4) I loved the beaches, Lapa, Sugarloaf and Corcovado.
- 5) It was better than I expected.
- 6) I had already heard about the hospitality of Brazilians. People are really very nice and talkative!
- 7) No, I don't. Maybe I would.
- 8) No edits. I just wanted to be myself. But when I started the convertations I said that I don't speak Portuguese.
- 9) I'm not a premium user and I don't think it's necessary.
- 10) Amazing!
- 11) Eat everything using napkin!
- 12) I'd love to come back as soon as I can.

Colaborador 12

Idade/**Age**: 31

Nacionalidade (país e cidade)/ **Nationality and city where you live**: Buenos Aires

Profissão/**occupation**: Emprendedor

Orientação sexual/**sexual orientation**: Heterossexual

Qual motivo da viagem ao Rio/**Why did you come to Rio(study, work, vacation...)?**:

Vacaciones

Quanto tempo ficou na cidade/**How long have you stayed?:**

Em qual bairro ficou hospedado no Rio/ **Which neighborhood did you stay in Rio?:** Ipanema

Quantos brasileiros conheceu a partir do contato iniciado no Tinder/**How many brazilians did you meet on Tinder**: 1

- 1) Algunas cosas en potugues, pero la mayoría en español.
- 2) Creo que las brasileñas son muy simpáticas e abiertos, buena onda.
- 3) Fueron sugerencia de ellos. sólo fuimos en bares. no visitamos puntos turísticos, pues estaba comprometido con el trabajo y no tenía mucho tiempo para pasear.
- 4) Si, lugares, muy locales.
- 5) Me gustó mucho conocer rio desde otro angulo, es como una mezcla de experiencia de couchsr fing
- 6) Mucho mejor, podes conocer gente en un lugar privado. que te cuenten cosas que, de otra forma no podrías saber
- 7) Si. Me puse en el perfil que soy argentino y cuanto tiempo quedaría en la ciudad
- 8) No
- 9) En 1 palabra. "amé" podría ser...
- 10) No. no hay nada que haya encontrado diferente en brasil. creo que somos calurosos como los brasileños